UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

VANESSA GUEDES DE CARVALHO

MOTIVAÇÕES SEMÂNTICO-COGNITIVAS E DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS NO USO DE SUFIXOS GRADUADORES NOMINAIS

NATAL/RN
2015

VANESSA GUEDES DE CARVALHO

MOTIVAÇÕES SEMÂNTICO-COGNITIVAS E DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS NO USO DE SUFIXOS GRADUADORES NOMINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PPgEL, da UFRN, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, na área de concentração em Linguística Teórica e Descritiva.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo

NATAL/RN
2015

Catalogação da Publicação na Fonte.

(Biblioteca Pública Municipal de Goianinha)

Carvalho, Vanessa Guedes de.

Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas no uso de sufixos graduadores nominais/ Vanessa Guedes de Carvalho. - Goianinha, RN, 2015.
106 f.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras.

1. Letras - Dissertação. 2. Lingüística - Dissertação. 3. Gramática - Dissertação. 4. Sufixo – Dissertação I. Bispo, Edvaldo Balduino. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BPMG CDU 81’36(043.3)

CARVALHO, Vanessa Guedes de. Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas no uso de sufixos graduadores nominais. 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). UFRN/PPgEL: Natal-RN, 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo (UFRN)
Orientador

Profª Drª Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)
Examinadora Externa

Prof. Dr. José Romerito Silva (UFRN)
Examinador Interno

Natal-RN, 25 de fevereiro de 2015.

À minha família, pelo apoio em todos os momentos;
Ao meu companheiro, Adriano Honório.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela finalização de mais um trabalho.

Ao Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo, pela paciência e pela ajuda, que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

A minha mãe, pelo incentivo e pelas palavras de encorajamento.

Aos colegas do grupo de pesquisa *Discurso e Gramática*, seção Natal/RN, em especial, a minha colega, Lígia Maria da Silva, pelo convívio e pelo aprendizado.

A Alessandra Santa Rosa, colega da pós-graduação, pelo apoio e carinho.

Aos amigos, que estiverem sempre ao lado em momentos tão difíceis.

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar.
É melhor tentar, ainda que em vão que sentar-se, fazendo nada até o final.
Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias frios em casa me esconder.
Prefiro ser feliz embora louco, que em conformidade viver...”

Martin Luther King

RESUMO

Neste trabalho, estudamos o uso de sufixos graduadores nominais, a exemplo de *-inho*, *-ão*, *-íssimo*, *-ílimo*, *-érrimo*, em textos escritos do Português Brasileiro, focalizando aspectos semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos envolvidos no uso desses sufixos. Em linhas gerais, objetivamos identificar fatores semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos implicados no uso de sufixos graduadores nominais e contribuir para o estudo do grau em aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica. A perspectiva teórica que fundamenta nossa pesquisa é a da Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme concebida por pesquisadores do grupo Discurso & Gramática (FURTADO DA CUNHA, BISPO, SILVA, 2013; MARTELOTTA, 2011). Segundo essa vertente teórica, os usos linguísticos modelam a forma da gramática de uma língua ao mesmo tempo em que são contingenciados por ela. Nesse sentido, discurso e gramática influenciam-se mutuamente. Em termos metodológicos, fazemos uma pesquisa de cunho eminentemente qualitativo com suporte quantitativo como evidência de tendência de uso. Caracteriza-se ainda pelo viés descritivo e interpretativista do fenômeno sob estudo. Os dados empíricos de nossa análise provêm de um *corpus* constituído de textos escritos extraídos da revista *Veja*, edições de janeiro a junho de 2011, particularmente das seções *Carta do Leitor* e *Gente*, esta última representante da Coluna Social da revista. Os resultados de nossa análise mostram que os usos dos sufixos graduadores nominais estão relacionados a fatores semântico-cognitivos (construção de determinados sentidos do texto, associação a aspectos mais ancorados na experiência concreta ou a sentidos mais abstratos, por exemplo), a questões discursivo-pragmáticas (alcance de determinados propósitos comunicativos, como criticar, julgar, ironizar, reivindicar, envolvendo o leitor, buscando-lhe a adesão a determinado ponto de vista). Além disso, verificamos que os usos desses elementos mórficos nos gêneros textuais da amostra analisada relacionavam-se à subjetividade do redator e a questões intersubjetivas, envolvendo escrevente e leitor, conforme Traugott e Dasher (2005). Por fim, contemplamos discussão acerca da abordagem de nosso objeto de estudo em aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Palavras-chave: Sufixos graduadores nominais. Linguística Funcional Centrada no Uso. Aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos.

ABSTRACT

We study the use of nominal suffixes of degree, such as *-inho, -ão, -íssimo, -ílimo, -érrimo* in written texts in Brazilian Portuguese, by focusing on semantic, cognitive, pragmatic and discourse aspects involved in using these suffixes. In general, we aim to identify semantic-cognitive and discourse-pragmatic factors that motivate the usage of nominal suffixes of degree and to contribute for the study of degree in Portuguese class in Basic Education. The theoretical perspective underlying our research is the Linguística Funcional Centrada no Uso, as conceived by group of researchers of *Discurso & Gramática* (FURTADO DA CUNHA, BISPO, SILVA, 2013; MARTELOTTA, 2011). According to this theoretical model, language model uses the shape of the grammar of a language at the same time they are provisioned for it. In this sense, speech and grammar influence each other. In terms of methodology, we make an eminently qualitative research with quantitative support as evidence of use of trend. It is characterized also by descriptive and interpretive bias of the phenomenon under study. Empirical evidence from our analysis come from a *corpus* consisting of written texts from *Veja* magazine, January to June 2011 issues, particularly *Carta do Leitor* e *Gente* sections, the latter representative of the Coluna Social magazine. The results of our analysis showed that the use of nominal graders suffixes are related to semantic-cognitive factors (construction of certain text directions, the association more grounded aspects of concrete experience or the more abstract meanings, for example), the discourse-pragmatic issues (range certain communicative purposes, as critique, judge, mock, claim, involving the reader, seeking her membership of a particular point of view). In addition, we found that the use of these morphic elements in genres of the sample analyzed were related to the subjectivity of the writer and the inter-subjective issues involving writer and reader, as Traugott and Dasher (2002). Finally, we contemplate discussion about the approach of our object of study in Portuguese classes in Basic Education.

Keywords: Nominal suffixes of degree. Linguística Funcional Centrada no Uso. Semantic-cognitive and discursive-pragmatic aspects.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS **17**

1.1 Fundamentação Teórica 17

1.1.1 Língua, gramática e discurso 19

1.1.2 Metáfora e Metonímia 21

1.1.3 Objetividade, subjetividade e intersubjetividade 23

1.1.4 Gêneros textuais 27

1.1.4.1 Carta do Leitor e Coluna Social 28

1.2 Questões metodológicas 30

2. ABORDAGEM DA CATEGORIA GRAU **32**

2.1 Tratamento do grau na tradição gramatical 32

2.2 Estudo do grau sob a perspectiva da Linguística 37

3. ANÁLISE DOS DADOS **44**

3.1 Quantificação e explicação dos dados 44

3.2 Discussão dos dados 55

3.2.1 Aspectos semântico-cognitivos no uso de sufixos graduadores nominais 55

3.2.2 Aspectos discursivo-pragmáticos no uso de sufixos graduadores nominais 60

4. ABORGADEM DE SUFIXOS GRADUADORES EM SALA DE AULA **63**

4.1 Ensino de Língua Portuguesa: da visão tradicional à abordagem funcional centrada no uso 64

4.2 Abordagem do grau em livros didáticos de Língua Portuguesa da Educação Básica 66

4.3 Proposta de abordagem dos sufixos graduadores nominais em sala de aula 74

CONSIDERAÇÕES FINAIS **80**

ANEXO – Ocorrências com sufixos graduadores nominais **86**

INTRODUÇÃO

Apresentação e objeto de estudo

Não é recente a discussão entre os linguistas a respeito de muitos dos conceitos que são apresentados pelas gramáticas tradicionais, sobretudo pelo fato de elas desconsiderarem os diversos contextos de uso em que ocorrem os mais variados fenômenos linguísticos de que se ocupam esses compêndios.

À gramática tradicional, via de regra, interessam apenas as ocorrências da língua padrão e, em especial, os fatos da língua escrita representativa de modelos textuais clássicos. Esse tipo de abordagem dá pouca importância à modalidade oral da norma culta (TRAVAGLIA, 2002), menos ainda às variações de uma língua. Disso resulta a necessidade de se investigarem alguns fenômenos linguísticos que podemos encontrar no uso real da língua e que se mostram em discordância com o que a abordagem tradicional preceitua. Dentre esses fenômenos, podemos citar os sufixos indicadores de grau, que é estudado na maioria das gramáticas tradicionais em seções reservadas ao estudo do grau dos substantivos e dos adjetivos. Diante disso, propomos neste trabalho fazer um estudo do grau, e mais especificamente, dos sufixos graduadores nominais, observando como esse fenômeno é abordado por alguns gramáticos tradicionais e por linguistas.

O que chamamos, neste trabalho, de sufixos graduadores nominais corresponde aos elementos que, acrescentados a um radical, servem para indicar o grau dos substantivos adjetivos e advérbios. No caso dos substantivos, temos os sufixos aumentativos, como, por exemplo, *-ão, -ona, -orra*, e os sufixos diminutivos, como *–inho, -ito, -isco*, entre outros. Em relação aos adjetivos e advérbios, os sufixos exprimem o grau superlativo, a saber, *-imo, -érrimo,-íssimo, -inho.* A seguir, apresentamos e comentamos algumas amostras do uso desses sufixos, extraídas de nosso *corpus*.

(1) Eva está de volta ao paraíso

A parte boa: Eva Longoria, 36, não tem mais de falar no assunto divórcio (o ex, Tony Parker, fazia mil e uma traições, inclusive com a mulher de um amigo de time de basquete). A parte muito boa: ela está namorando o cantor Eduardo Cruz – irmão de Penélope; portanto, ótimos genes. Assim, toda saltitante, de **shortinho** próprio para mostrar seu talento, a atriz de *Donas de Casa Desesperadas* se animou a lançar um livro

de receitas, na maioria de comida mexicana. No programa de David Letterman, fingiu até que o botão de cima do **casaquinho** abriu sem querer, deixando entrever o que usava por baixo: nada de nada. Letterman fez cara de embasbacado, mais ou menos a mesma expressão do fã que captou alguma coisa muito interessante na foto do celular. (*Gente*, 13 abr. 2011, p. 77)

(2) Recife perdeu o fôlego não devido à preguiça de seus moradores ou de governos fracos. Isso ocorreu como consequência do declínio da indústria açucareira e do posterior crescimento da cultura do café, que encontrou terras excelentes em São Paulo. Foi por essa razão que o eixo cultural e econômico migrou para o Sudeste. Fico muito feliz com o fato de que um acidente geográfico, uma costa com águas profundas ideais para a construção de um porto, tenha trazido novamente o foco da discussão econômica para Pernambuco. Que o Nordeste deixe de ser a região **coitadinha** e contribua cada vez mais para aumentar o PIB nacional. (*Carta do Leitor*, 11 mai. 2011, p. 49)

(3) Com corpo perfeito e os olhos mais azuis de Hollywood, Cameron Diaz nunca precisou ter grandes talentos interpretativos: bastava fazer uma versão engraçada de si mesma. Mas o tempo passa, a concorrência aumenta e as exigências de padrões absurdos de magreza parecem não ter fim no meio artístico. Na estreia em Los Angeles de *O Besouro Verde*, Cameron surgiu quase descarnada de tão magra. Nem o bronzeado das férias no México com Alex Rodriguez, o **bonitão** do beisebol. (ex de Madonna e de Kate Hudson), compensou. Um espaguete duplo, por favor. (*Gente*, 19 jan. 2011, p. 76)

O texto em (1) trata da nova realidade vivida por Eva Longoria, com a superação do divórcio e com o novo relacionamento amoroso. Em seu comentário, o colunista fala do estado de leveza em que se encontra a atriz (*está de volta ao paraíso*; *toda saltitante*) e, ao fazê-lo, menciona roupas por ela usadas (*shortinho* e *casaquinho*). Nos dois casos, o emprego do sufixo *–inho* aponta para a dimensão das peças, indicando que se trata de um tamanho inferior ao que normalmente apresentam um *short* e um *casaco*.

A Carta do Leitor em (2), por sua vez, refere-se ao artigo de Cláudio de Moura Castro, intitulado *Vinte metros de profundidade*, publicado na edição anterior da revista, no qual o autor falava sobre a construção do porto de Suape na costa pernambucana. O leitor faz um comentário sobre o assunto do artigo, retomando, historicamente, a perda do potencial econômico de Pernambuco para o Sudeste, e entende que a construção do porto representa a possibilidade de o estado – e a região Nordeste como um todo – voltar a ser protagonista na

economia nacional, deixando o *status* de região pobre, sofrida. Nesse intento, o leitor mobiliza alguns recursos linguísticos, como o uso do adjetivo *coitado* e, em particular, o emprego do sufixo *-inha*, em referência a uma determinada visão sobre o Nordeste. Observemos que o sufixo em questão não indica ideia de diminuição de tamanho de alguma coisa, mas o encarecimento, a intensificação da noção contida em *coitada*.

Já na amostra (3), temos o uso do sufixo *–ão* para reforçar uma avaliação a respeito do jogador de beisebol feita pelo colunista da revista. Nesse caso, o sufixo enfatiza, intensifica a beleza do rapaz como também o coloca em uma posição de destaque em relação a outros jogadores que praticam o mesmo esporte que ele. Notemos que o termo **bonitão** integra uma expressão de valor explicativo em relação ao jogador (**o bonitão do beisebol**) e está precedido de artigo definido, o que indica a singularidade da beleza da pessoa caracterizada.

Justificativa e questões de pesquisa

É possível notar, com base nas amostras de (1) a (3), diferentes usos de sufixos graduadores nominais. Esses usos associam-se a noções distintas, de modo a contribuir para a construção do sentido dos textos em que ocorrem e para os diversos propósitos comunicativos a que se prestam tais textos, sobretudo relacionados a questões de atribuição de valor, avaliação, julgamentos, entre outros.

A despeito dos variados usos a que serve na prática comunicativa, o estudo dos sufixos graduadores nominais recebe pouco tratamento na maioria das gramáticas tradicionais. Via de regra, circunscreve-se apenas a uma classificação quanto ao grau dos substantivos (aumentativo e diminutivo) e dos adjetivos (superlativo), desconsiderando a diversidade de sentidos que esses sufixos podem expressar.

Em relação a investigações no campo da linguística, há trabalhos que tratam dos diferentes valores do grau, a exemplo de Basílio (1989), Rocha (1998), Gonçalves (2003, 2007) e Silva (2008, no prelo). Contudo alguns desses estudos não consideram dados reais de uso da língua e outros não destacam aspectos específicos relativos ao emprego de sufixos graduadores nominais, tomando por base fatores semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos. Dessa maneira, parece haver questões a serem exploradas e discutidos acerca do uso desses elementos mórficos.

Com base nessa constatação e visando a dar conta de variadas situações de uso de sufixos graduadores nominais em situações comunicativas reais, delineamos algumas questões de pesquisa que norteiam a pesquisa que empreendemos, quais sejam:

i) Que aspectos de natureza semântico-cognitiva estão implicados no uso de sufixos graduadores nominais?
ii) Que fatores discursivo-pragmáticos motivam o emprego desses elementos mórficos?
iii) Como se dá o tratamento do grau em livros didáticos de Língua Portuguesa e de que modo esta pesquisa pode contribuir para o estudo do grau em sala de aula?

Objetivo geral e objetivos específicos

Tendo em vista a importância de se estudarem fenômenos linguísticos, considerando o uso real da língua, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas no uso de sufixos graduadores nominais e contribuir para a abordagem do grau em aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Como objetivos específicos, pretendemos:

i) identificar que aspectos de natureza semântica e cognitiva estão envolvidos no uso de sufixos graduadores nominais;
ii) identificar fatores discursivo-pragmáticos que motivam o emprego uso desses sufixos;
iii) analisar o tratamento dispensado ao grau em livros didáticos de Língua Portuguesa da Educação Básica e apresentar sugestões de abordagem dos sufixos graduadores nominais em sala de aula.

Hipóteses de trabalho

Considerando as questões de pesquisa levantadas e os objetivos que almejamos alcançar, partimos das seguintes hipóteses:

i) processos cognitivos, como a extensão metafórica e metonímica, estão envolvidos no uso de sufixos graduadores nominais para fins de construção dos sentidos do texto;
ii) fatores de ordem discursivo-pragmática favorecem o aparecimento desses sufixos e por isso toda a situação de comunicação deve ser levada em consideração, tendo em vista o contexto de produção, a situação social e espacial envolvida, os interlocutores, o tipo de linguagem é utilizada, aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos;

iii) o tratamento dispensado ao grau em livros didáticos circunscreve-se à classificação dos tipos de grau conforme proposta da gramática tradicional; a perspectiva teórica em que fundamentos nossa pesquisa e a análise empreendida podem fornecer contribuições à abordagem de sufixos graduadores em sala de aula em termos de considerar aspectos semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos implicados nos diversos usos desses elementos mórficos, levando-se em conta, principalmente, os efeitos de sentido produzidos e os propósitos comunicativos envolvidos nos textos em que tais sufixos ocorrem.

Referencial teórico-metodológico

Adotamos como referencial teórico os postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso, que reúne contribuições dos estudos da Linguística Funcional representada por autores como Heine (1994), Givón (1990, 1998, 2001), Hopper (2003), Furtado da Cunha (2001, 2007), Bybee (2010), Martelotta (2011) e os estudos da Linguística Cognitiva, tal como sustentada por Lakoff e Johnson (1980, 1987, 1999), Langacker (1987), Taylor (1992) e Tomasello (1998, 2003).

Com relação aos pressupostos defendidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso, podemos destacar, entre outros, a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, a não distinção rígida entre léxico e sintaxe (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

A metodologia de nossa pesquisa é eminentemente qualitativa com suporte quantitativo e consistirá basicamente dos seguintes procedimentos: revisão bibliográfica, coleta, organização, tabulação e quantificação dos dados, análise das motivações com o intuito de testar nossas hipóteses, elucidações de contribuições da pesquisa para o ensino de Língua Portuguesa. No que diz respeito ao *corpus* utilizado, trata-se de textos pertencentes aos gêneros Carta do Leitor e Coluna Social publicados na revista *Veja* no primeiro semestre de 2011.

Estrutura do trabalho

Esta dissertação estrutura-se em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. Na introdução, fazemos uma breve explanação do trabalho, apresentamos nosso objeto de estudo, justificamos a investigação, formulamos questões de

pesquisa, apresentamos hipóteses, explicitamos nossos objetivos, o aparato teórico-metodológico e a estrutura do texto.

No primeiro capítulo, caracterizamos nosso suporte teórico-metodológico. Inicialmente, definimos a Linguística Funcional Centrada no Uso, explicitamos seus pressupostos teóricos e alguns conceitos fundamentais ao empreendimento desta pesquisa. Feito isso, descrevemos nossa metodologia em termos do tipo de pesquisa, *corpus* utilizado, levantamento e agrupamento dos dados.

O segundo capítulo é destinado à abordagem do grau, tanto na perspectiva de gramáticos quanto na visão de linguistas. Nesse capítulo, descrevemos o que está posto nas gramáticas de cunho mais tradicional acerca da categoria grau, além de resenharmos o que investigações no campo da linguística têm revelado sobre esse mesmo tema.

No terceiro capítulo, procedemos à análise dos dados coletados em nosso *corpus*. Primeiramente, apresentamos quantitativamente os resultados do levantamento que fizemos, em termos de ocorrências do fenômeno sob estudo e com relação à classificação semântica do grau por nós adotada. Além disso, fazemos algumas considerações sobre o quantitativo de ocorrências. Na sequência, realizamos a discussão dos dados, considerando aspectos semântico-cognitivos e questões discursivo-pragmáticas implicadas no uso de sufixos graduadores nominais.

Contemplamos, no quarto capítulo, a abordagem desses sufixos graduadores em sala de aula dos níveis fundamental e médio. Fazemos, inicialmente, um confronto entre a perspectiva tradicional do ensino de Língua Portuguesa e a visão funcionalista. Em seguida, analisamos o tratamento dado ao grau em manuais didáticos desse componente curricular adotados na rede pública nos dois níveis de ensino mencionados. E, por último, apresentamos sugestões para um trabalho mais produtivo com o grau ou, particularmente, com sufixos graduadores nominais em aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Por fim, vêm a considerações finais, nas quais recuperamos os achados de nossa pesquisa e os correlacionamos às questões de pesquisa, aos objetivos propostos e os confrontamos com as hipóteses explicitadas no início do trabalho.

1. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo contempla as bases teóricas que fundamentam nossa pesquisa, além das questões metodológicas sob as quais o trabalho foi desenvolvido. Divide-se em duas seções: na primeira delas, apresentamos e caracterizamos o aporte teórico, em termos de pressupostos básicos e de categorias de análise; na segunda seção, explicitamos o tipo de pesquisa empreendida, quanto à natureza e aos objetivos, descrevemos o *corpus* utilizado, além de apresentarmos os procedimentos metodológicos utilizados.

1.1 Fundamentação Teórica

Nesta parte da pesquisa, explicamos qual o referencial teórico adotado e, para isso, caracterizamos as abordagens linguísticas que culminaram no surgimento da perspectiva teórica que orienta o presente trabalho, que é a Linguística Funcional Centrada no Uso, bem como apresentamos seus pressupostos teórico-metodológicos e suas categorias de análise.

Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é um termo que teve sua origem no Brasil, mais especificamente no grupo de pesquisas Discurso e Gramática (D&G), que está presente na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e na Universidade Federal Fluminense (UFF). Esse termo corresponde, em termos teóricos e metodológicos, à Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 1998) ou *Usage-based Linguistics* (BYBEE, 2010), reúne contribuições de de trabalhos de representantes da Linguística Funcional, como Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott e Joan Bybee com representantes da Linguística Cognitiva, como George Lakoff e Ronald W. Langacker.

A Linguística Funcional norte-americana ganhou força a partir dos anos 70 do século XX e tem como seus principais representantes Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson e Wallace Chafe e apresenta como postulado essencial investigar a língua em sua situação real de uso tendo em vista o contexto linguístico e extralinguístico. Levando em consideração o fato de que a língua é utilizada para satisfazer a necessidades comunicativas, podemos afirmar que sua estrutura não é fixa e que a gramática das línguas vai se moldando a partir das regularidades que são observadas no uso da língua.

Partindo-se do princípio de que a estrutura gramatical é motivada por fatores de natureza comunicativa e cognitiva, podemos dizer que, de acordo com essa visão funcionalista, há uma forte ligação entre discurso e gramática. Em outras palavras, a gramática tem sua origem no discurso e é por meio dele que podemos compreendê-la e interpretá-la 9FURTADO DA CUNHA et al, 2003).

O termo Linguística Cognitiva foi adotado a partir da década de 70 do século XX por estudiosos como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Filmore e Gilles Fauconnier. A proposta cognitiva promove uma visão diferente da perspectiva defendida pelo gerativismo. Para os cognitivistas, a linguagem não constitui um componente inato nem independente das outras capacidades cognitivas do ser humano, como prevê a teoria gerativa. Além disso, de acordo com a abordagem cognitivista, o significado é visto como construção mental em processo contínuo de categorização a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças sociais e culturais.

Além dos pressupostos já elencados acima, podemos destacar também que a Linguística Cognitiva adota uma perspectiva baseada no uso, defendendo que o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso efetivo da língua em situações reais de comunicação. Essa vertente teórica enfatiza ainda que o contexto orienta a construção do significado e, devido a isso, rejeita a ideia de que o conhecimento semântico deva ser separado de outros saberes.

Vale ressaltar também que, para essa corrente linguística, há uma forte ligação entre experiência e corporalidade. Segundo ela, os processos mentais são baseados nas experiências do corpo com o ambiente físico e social, de forma que categorizamos o mundo a nossa volta tendo em vista nossa interação com o meio ambiente com base em nossos corpos e em nossa mente.

Um dos postulados teóricos defendidos tanto pela Linguística Cognitiva quanto pela Linguística Funcional é que não existe uma gramática autônoma, independente de outras faculdades humanas e, dessa maneira, rejeitam a ideia de sintaxe autônoma. Para a LFCU, a sintaxe está diretamente relacionada ao discurso e, por isso, sofre influências de ordem semântica e discursivo-pragmática. Além disso, para os estudiosos dessa vertente teórica, há uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela em situações reais de comunicação e, sendo assim, é notável que essa proposta de análise não se

preocupa com a investigação da forma linguística apenas, mas procura estudar e explicar as formas linguísticas tendo em vista fatores semânticos, pragmáticos e discursivos.

Considerando o fato de que a Linguística Funcional Centrada no Uso focaliza o estudo da língua em seus contextos reais de comunicação, esse modelo trabalha com dados reais de fala ou escrita. Assim, no que se refere aos procedimentos metodológicos, os estudiosos que adotam essa abordagem procuram verificar em suas pesquisas, entre outras questões, quais fatores discursivo-pragmáticos e cognitivos estão envolvidos no fenômeno que pretendem investigar. Por isso, priorizam uma análise essencialmente qualitativa, já que pretendem observar e interpretar seu objeto de pesquisa, considerando as condições comunicativas e cognitivas subjacentes. Além disso, também realizam uma pesquisa quantitativa, pois existe a preocupação de caracterizar o fenômeno sob estudo e, nesse sentido, faz-se necessária a mensuração dos dados provenientes da amostra selecionada.

1.1.1 Língua, gramática e discurso

A seguir, esclarecemos alguns conceitos fundamentais para a nossa pesquisa. Trata-se das concepções de língua, gramática e discurso.

No presente trabalho, adotamos a visão de língua proposta pela teoria funcionalista, segundo a qual ela é um instrumento de interação social que deve ser explicada com base nas funções que a estrutura linguística desempenha na situação de comunicação.

Assumimos com Bybee (2010) que a língua é um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, dinâmica que atende às necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas. Sua estrutura emerge à medida em que ela é usada. Nessa perspectiva, a língua deve ser entendida como atividade social determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem.

Tendo em vista o postulado funcionalista de que a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões do uso, Furtado da Cunha (2003) define a gramática como um “sistema adaptativo” (DU BOIS, 1985), “uma estrutura maleável” (BOLINGER, 1977) e “emergente” (HOPPER, 1987). Para a autora, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua e, por isso, é flexível e fortemente suscetível à mudança. Dessa forma, a gramática é vista como um conjunto de convenções resultantes de motivações de natureza distinta, em que sobressaem as pressões de uso.

Hopper (1987) critica a visão de língua como um sistema fixo sustentado por um conjunto fechado de regras e propõe a noção de gramática emergente. O termo emergente refere-se à incompletude essencial de uma língua, ao caráter fluido, transitório da estrutura linguística, cujo processo de formação nunca está acabado. Portanto, a noção de gramática emergente de Hopper (1987) sugere que a estrutura, ou regularidade, surge do discurso e é por ele moldada em um processo contínuo. A gramática é, nessa visão, simplesmente o nome para certas categorias de repetições observadas no discurso. Suas formas não são modelos fixos, mas emergem da interação face a face de modo que refletem experiências linguísticas dos indivíduos com a língua em situações reais de interação.

Para a LFCU, a gramática é um fenômeno sociocultural que é moldado pelo discurso continuamente. Além disso, está relacionada a fatores de natureza cognitiva como "simbolização, transferência entre domínios, armazenamento de informações na memória, processamento e interpretação de informação, entre outras." (MARTELOTTA, 2011, p. 67).

O conceito de gramática está intrinsecamente relacionado com o de discurso. Os funcionalistas defendem uma forte vinculação entre os dois conceitos. O termo *discurso* está ligado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa. Por um lado, o discurso é tomado como o ponto de partida para a gramática; por outro, é também seu ponto de chegada (FURTADO DA CUNHA, 2001). Dessa maneira, a gramática está em constante mutação em consequência do discurso.

A estreita vinculação entre gramática e discurso nos permite afirmar que a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática, ou ainda o desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado, comunicativa ou cognitivamente (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996).

Com respeito aos estudos sobre caracterização e/ou definição de discurso, vale destacar o trabalho de Schiffrin (1990). Para ela, uma definição de discurso advinda do paradigma formalista concebe o discurso como "sentenças" enquanto uma concepção derivada do paradigma funcionalista concebe o discurso como "uso da língua". Para nossa investigação, interessa-nos a concepção de discurso segundo este último paradigma.

Segundo a mesma autora, a visão de discurso como uso da língua é condizente com a concepção funcionalista. Para o Funcionalismo, o discurso é um modo de falar organizado

social e culturalmente e focaliza a maneira como as pessoas utilizam a língua para diferentes propósitos. Além disso, não há uma preocupação nas características meramente gramaticais dos enunciados, mas no modo como estes se situam em contextos.

De acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), o discurso relaciona-se à construção e à troca intersubjetiva de sentido(s), incluindo as estratégias sociopragmaticamente orientadas de sua configuração, em uma dada situação intercomunicativa. Ou seja, está intimamente relacionado ao uso da linguagem em uma dada situação de comunicação. Nas palavras de Du Bois (2003), discurso constitui qualquer instância autêntica de uso da linguagem em todas as suas manifestações, quer dizer, qualquer ato motivado de produção e compreensão de enunciados, num dado contexto de interação verbal.

1.1.2 Metáfora e Metonímia

Nesta parte do trabalho, apresentamos as definições de metáfora e metonímia de acordo com a visão tradicional e cognitiva bem como destacamos a importância dos processos metafóricos e metonímicos para a investigação de nosso objeto de estudo.

Conforme destaca Silva (2008), a metáfora é tradicionalmente vista apenas como uma figura de linguagem, um ornamento linguístico, como uma troca de uma palavra por outra, sendo característica própria do discurso poético. Nesse sentido, a metáfora seria apenas um recurso linguístico para se referir a algo utilizando-se outro termo. Essa visão de metáfora vem da tradição retórica e ainda hoje está presente em nossas gramáticas tradicionais, em que é tratada como uma figura de linguagem própria de textos literários, sendo vista, portanto como algo que não está presente em nosso cotidiano.

A mudança dessa perspectiva tradicional se deu com os trabalhos dos linguistas Lakoff e Johnson (1980), ao publicarem a obra *Metaphors we live by*. De acordo com os autores, a metáfora deixa de ser vista apenas como um recurso linguístico, uma simples figura de linguagem e passa a ter um valor cognitivo. Para os autores, a metáfora faz parte de nossa vida diária, está presente na maneira como agimos, como pensamos. Segundo eles, nosso sistema conceitual é fundamentalmente metafórico (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Lakoff e Johnson (2002) distinguem três tipos de metáforas conceptuais: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. As primeiras ocorrem quando um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro termo, como no exemplo DISCUSSÃO é GUERRA. As metáforas orientacionais são aquelas em que um sistema de conceito é organizado em relação a outro, tendo em vista a orientação espacial, como: para cima - para baixo, dentro-fora, frente-trás, em cima de - fora de, como, por exemplo, FELIZ é PARA CIMA ("Você está de alto astral") e TRISTE é PARA BAIXO ("Estou me sentindo pra baixo"). As metáforas ontológicas nos permitem compreender nossas experiências como entidades ou substâncias e isso ocorre devido a nossas experiências com objetos físicos, possibilitando, dessa forma, uma diversidade desse tipo de metáfora. No caso, por exemplo, do aumento de preços, temos a inflação como uma entidade, utilizada para nos referirmos à experiência de aumento de preços ("Inflação perde força em São Paulo no mês de janeiro"). Nesse exemplo, retirado de uma reportagem da revista.net, publicada em 11 de fevereiro de 2014, temos o fenômeno abstrato da inflação como se fosse um objeto concreto.

Diante do exposto, podemos afirmar que a metáfora exerce um papel fundamental na nossa compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos como também nos ajuda a assimilar conceitos como tempo, quantidade, ação, estado, amor, raiva, etc. Nas palavras de Silva (2008), a metáfora é um modo de conceitualização e não propriamente de linguagem e constitui um mapeamento entre domínios no sistema conceptual humano, em que certos conceitos de um domínio são projetados em outro. Além disso, para o autor, a metáfora é um fenômeno que está presente no discurso cotidiano, tanto nas interações mais informais quanto nas comunicações mais formais. A seguir, analisamos esse processo em uma Carta do Leitor.

(4) Corajoso e corretíssimo o artigo "Cara presidente" (4 de maio), do jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Não é preciso esperar pela Copa de 2014 para ter uma ideia do que vai acontecer: basta visitar o aeroporto de Congonhas ou o de Cumbica num fim de semana. O Brasil fantasioso do "ouro", como escreveu Pompeu, está sendo vítima de um ensandecido que raciocina pelos pés e, infelizmente, grande parte da população ainda o idolatra. Eta, **povinho**! Dilma tem nas mãos a oportunidade ideal para uma atitude drástica, mas que fortalecerá sua administração e livrará o país de um vexame de proporções inimagináveis. (*Carta do Leitor*, 11 mai. 2011, p. 42)

Nesse caso, a redatora faz críticas tanto ao governo Dilma, enfatizando o grande evento da Copa em que seriam (foram) investidos muitos recursos, quanto a população que o apoia(va). A utilização do sufixo *–inho*, na palavra em negrito, contribui para a expressão do

sentimento de revolta e crítica da pessoa que escreve a Carta. Podemos perceber, assim, que o sufixo mencionado não diz respeito ao tamanho físico do povo, mas acrescenta ao radical a noção de inferioridade, depreciação, insignificância. Existe, portanto, uma associação metafórica entre o conceito de tamanho, que tem base na concretude, com o conceito de inferioridade em termos de valor social, que é mais abstrato.

Do mesmo modo que a metáfora, a metonímia não pode ser considerada apenas um componente linguístico, pois também desempenha um papel fundamental na cognição humana. De acordo com Silva (2008), na perspectiva cognitivista, a metonímia é focalizada como uma questão de conceitualização, já que ela é, em parte, responsável pelo processamento de determinadas formações conceituais.

Para alguns estudiosos, a metonímia corresponde ao deslocamento de significado, em que um termo usualmente utilizado para designar determinada entidade passar a designar uma entidade contígua. (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Diferentemente da projeção metafórica, que envolve dois domínios conceituais, a metonímica envolve apenas um domínio. Segundo Lakoff e Turner (1989), a metonímia constitui um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual, de modo que uma entidade de um mesmo domínio pode ser utilizada para se reportar a uma outra entidade desse mesmo domínio.

Discutir os processos metafóricos e metonímicos no presente trabalho é de extrema importância, pois investigamos como eles estão envolvidos na atribuição de valor dos sufixos graduadores nominais.

1.1.3 Objetividade, subjetividade e intersubjetividade

Consideramos, também, neste trabalho, para fins de análise de nosso objeto de estudo, questões vinculadas à expressão da objetividade, da subjetividade e às relações de intersubjetividade, nos termos de Traugott e Dasher (2002) e Traugott (2010).

Segundo Traugott (2010), a subjetividade tem sido discutida na semântica desde o trabalho de Bréal ([1900]1964). Coube a Benveniste ([1958] 1971), porém, o pioneirismo em distinguir subjetividade de intersubjetividade. Conforme Traugott e Dasher (2002, p. 20),

> "Beveniste viu a díade falante/escrevente – ouvinte/leitor como a condição ou base para a comunicação linguística e caracterizou essa relação como de 'intersubjetividade'- na comunicação cada participante é um sujeito falante que tem consciência do outro participante como falante sujeito".[1]

Ainda segundo Traugott (2010), são várias as noções de subjetividade (e de intersubjetividade) teorizadas em diversas perspectivas, que vão da Linguística Cognitiva "Construcional" (LANGACKER, 1990, 2003) ao viés da interação humana e processos de produção e de compreensão da fala (SCHIFFRIN, 1990).

Com base em Traugott e Dasher (2002), entendemos que a objetividade se manifesta quando o falante pretende descrever ou explicar situações da forma como elas se apresentam na realidade. Segundo os mesmos autores, a linguagem objetiva tem sido associada à frase declarativa, ativa em que o ponto de vista do falante não é explicitamente codificado.

Já a subjetividade, numa perspectiva da língua em uso, envolve a expressão de si e a representação da perspectiva ou do ponto de vista do falante no discurso (TRAUGOTT, DASHER, 2002). Nos termos de Traugott (2010), a subjetividade refere-se ao modo pelo qual as línguas naturais, em sua estrutura e na forma normal de funcionamento, fornecem à interação a expressão do falante sobre si mesmo e sobre suas atitudes e crenças. Em outras palavras, por meio da subjetividade, o falante manifesta seu ponto de vista em relação àquilo de que trata. Para tanto, são mobilizados diferentes recursos linguísticos de que dispõe o falante/ escrevente, como é o caso dos sufixos graduadores nominais.

Em relação à intersubjetividade, Traugott (2010) a define como a maneira pela qual as línguas naturais, em sua estrutura e forma normal de funcionamento, fornecem à interação a expressão da consciência do falante sobre as atitudes e crenças do interlocutor, mais especificamente sobre sua autoimagem. Dito de outro modo, a intersubjetividade refere-se às estratégias de sentido utilizadas pelo falante, como participante do evento comunicativo, em relação ao seu interlocutor para fins de monitoramento, influência e/ou controle de sua atenção, de suas atitudes, de suas ações etc.

---

[1] Benveniste saw the SP/W–AD/R dyad as the condition or ground for linguistic communication, and characterized this relationship as one of "intersubjectivity" – in communication each participant is a speaking subject who is aware of the other participant as speaking subject.

As relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade são muito importantes para a análise de nosso objeto de estudo na medida em que podem servir de base para a explicação de vários usos dos sufixos graduadores nominais.

A esse respeito, Silva (2013) mostra as relações entre o uso de afixos graduadores e as noções de objetividade e subjetividade. Para o autor, afixos de grau que expressam conteúdos mais relacionados à concretude tendem a se associar a um ponto de vista mais objetivo. Em contrapartida, afixos que designam noções mais abstratas estão no campo da subjetividade, já que envolvem uma visão particular do escrevente sobre determinado assunto.

A seguir, examinamos amostras de nosso *corpus* a fim de observar a atuação desses processos.

(5) Quando o ultrassom revelou que não eram nem dois, mas três os **menininhos** a caminho, a apresentadora Isabella Florentino, 34, ficou em franco estado de catatonia. Aos quatro meses de gravidez e refeita do susto, está preparada para receber os bebês – gerados, conta ela, pelo mais tradicional dos métodos. Já calculou até o impacto ambiental da prole, bem como um jeito de reduzi-lo. "Serão 450 fraldas por semana. Então, vou plantar umas árvores para compensar". Também arquitetou um plano infalível para reconhecer os filhos ("pintar uma unha de cada um com esmalte diferente") e outro para pôr em prática no caso de bater o desespero: "Ligar para a Fátima Bernardes". (*Gente*, 1º jun. 2011, p. 94)

No caso retratado em (5), o redator fala sobre a gravidez de Isabella Florentino e ressalta o fato de ela estar esperando três crianças. Ao referir-se aos bebês que a apresentadora espera, faz uso do termo *menininhos*, destacando o tamanho deles. Nesse contexto, o uso do sufixo *–inho* está mais relacionado à concretude, ao mundo objetivo, dado que enfatiza a dimensão física do referente.

(6) Mesmo em meio a tantas noivas da alta celebridade internacional, Carolina Villar, 32, não deixou de ocupar o seu espaço no ecumênico casamento com o ator Marcello Antony, 46. Eles são espíritas, mas foram abençoados por um pastor evangélico em um ritual dedicado a Iemanjá, descreveu um familiar da noiva. Carolina estudou moda em Nova York e mostrou seus conhecimentos: desenhou e costurou o próprio vestido, com corpete de pérolas feito para fazer sobressair seus dons naturais, ressaltados pelos cinco meses de gravidez. Aliás**, naturalíssimos**. (*Gente*, 6 jul. 2011, p. 96)

Na amostra (6), o colunista faz comentários a respeito de uma noiva celebridade, Carolina Villar, destacando, além de seus dons no ramo da moda, sua sensualidade. Nesse caso, a expressão da subjetividade serve para enfatizar o caráter sensual de Carolina, o que pode ser verificado pela utilização do sufixo *–íssimos*, intensificando o sentido de *natural*, como também pela própria estratégia de repetição do item lexical, o qual já havia aparecido em sua forma não graduada (*natural*). Tudo isso contribui para expressar a avaliação do colunista em relação aos "dons" físicos da pessoa alvo de seus comentários.

(7) O caixa está estourado? Não é minha culpa. Paguei os meus impostos, doei quase cinco meses de trabalho a vocês (governo), sem falar. Todos os meses, eu lia que a arrecadação de tributos batia recorde atrás de recorde. Mesmo assim, não vi ainda para onde foi o meu dinheiro, pois as escolas estão péssimas, as rodovias caindo aos pedaços, os hospitais públicos em estado de calamidade, os aeroportos estão precários e, vira e mexe, uma região vive apagões. Se o serviço tivesse melhorado, tudo bem. Mas vejam só: para tirar um simples passaporte levamos hoje mais de um mês! Portanto, não me venham falar em "cortes profundos" nem em "dor". Eu aqui, que paguei tudo direitinho, e não foi pouco, não tenho nada com isso. Se houver sacrifício, que seja aí, entre vocês (governo), que devem saber o que fizeram com aquele **dinheirão** todo que eu dei em suas mãos. Eu "tô fora"! (*Veja*, 23 fev. 2011, p. 32)

Na carta do leitor em (7), o redator deixa bem explícita sua indignação com o governo pelo fato de este não utilizar o dinheiro que é arrecadado com os impostos da população para melhorar as condições de vida da sociedade. Nesse texto, percebemos a relação de intersubjetividade pela maneira como o autor manifesta sua insatisfação com o governo e como, possivelmente, procura envolver o leitor, de modo a ganhar-lhe a concordância com a opinião sobre o assunto abordado. Além disso, observamos no texto palavras ou expressões que fazem referência a um determinado interlocutor (no caso, o governo) como, por exemplo "vocês", "não me venham", o que demonstra haver a consideração do interlocutor na produção dessa carta. Vale ressaltar, também, o uso do sufixo *–ão* que, no caso citado, denota uma grande quantidade de dinheiro e serve para enfatizar a visão do redator da carta sobre a quantia que o governo recebeu dos tributos pagos por ele.

A construção da subjetividade e das relações intersubjetivas envolvem o mapeamento de conceitos vinculados às experiências com o mundo biofísico em domínios que implicam abstração. Para tanto, são ativados processos metafóricos e metonímicos, os quais foram discutidos na seção anterior.

Diante do que foi dito, notamos que objetividade, subjetividade e intersubjetividade permitem aos falantes que expressem ideias, valores, crenças como também possibilitam a atuação sobre o outro a fim de convencê-lo. Reiteramos, assim, que esses processos também são importantes para o desenvolvimento da presente pesquisa, pois relacionam-se diretamente ao uso de sufixos graduadores nominais.

1.1.4 Gêneros textuais

Nesta seção, apresentamos o conceito de gênero textual, a importância de se trabalhar com essa noção, além de indicarmos quais gêneros utilizamos no presente trabalho e os motivos que nos levaram a optar por eles.

Quanto à definição de gênero textual, recorremos a Marcuschi (2003). Para o autor, os gêneros estão intimamente ligados a nossa vida cultural e social e por isso sempre nos comunicamos por meio de algum gênero. Nas palavras do autor, "os gêneros textuais são realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas", que cumprem funções nas situações comunicativas (p. 23). Dessa maneira, podemos dizer que os gêneros textuais são maleáveis, dinâmicos e aparecem ou desaparecem de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes.

Marcuschi trata a língua como uma atividade social, histórica e cognitiva e privilegia o seu aspecto funcional e interativo. Segundo ele, o gênero serve para dar conta da variedade de atividades que estão presentes em nosso cotidiano e por isso eles são inúmeros e essencialmente flexíveis e variáveis, devido a sua dinamicidade e fluidez. A denominação gênero textual é utilizada para nos referirmos a textos materializados com os quais nos deparamos em nosso cotidiano e que apresentam características definidas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função (MARCUSCHI, 2003). Atualmente, convivemos com um número ilimitado de gêneros textuais dentre os quais podemos citar como exemplos a carta, o bilhete, o conto, a crônica, a notícia, a carta do leitor, a coluna social, o editorial, o resumo, a resenha, a piada, a reportagem etc.

Como esta pesquisa objetiva identificar motivações subjacentes ao uso de sufixos graduadores nominais, escolhemos os gêneros Carta do Leitor e Coluna Social, por achar que eles podem nos permitir alcançar esses objetivos dado o teor de subjetividade de que se

revestem esses gêneros. As colunas sociais são escritas com a finalidade de emitir comentários sobre pessoas que estão na mídia, ou melhor, as celebridades. Já a Carta do Leitor possui também um caráter opinativo, porém com foco em comentários a respeito do que foi publicado no veículo de comunicação em que ela se insere. Na seção a seguir, comentamos com mais detalhes as características dos dois gêneros.

1.1.4.1 Carta do Leitor e Coluna Social

Explicitamos aqui as principais características dos gêneros textuais Carta do Leitor e Coluna Social, utilizados no presente trabalho, além de explicarmos como a escolha dos referidos gêneros é importante para o desenvolvimento da pesquisa tendo em vista nosso objeto de estudo.

A Carta do Leitor caracteriza-se como um texto em que um leitor faz comentários a respeito de um assunto publicado em um veículo de comunicação social, preferencialmente jornais e revistas. É um gênero textual que tem um destinatário específico – o leitor da revista ou jornal -, e pode ser lido por todos os leitores do meio de comunicação para o qual é enviado. Além disso, caracteriza-se como um texto de intencionalidade persuasiva.

Bezerra (2002) caracteriza a carta do leitor como um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, os quais não se conhecem, e atende a diversos propósitos comunicativos, como opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar etc. A seguir, temos uma amostra desse gênero textual, extraída de nosso *corpus*.

> (8) O casal é tão **bonzinho** que ficou enjoado. Não aguento vê-los. Quando eles aparecem na TV, mudo de canal. Se estão em uma revista, viro a página. Demorei 24 horas até conseguir mexer em Veja. Os casais **mauzinhos** são muito mais divertidos. (*Carta do Leitor*, 9 fev. 2011, p. 40)

A Carta do Leitor em (8) faz referência à reportagem especial da edição anterior (2 de fevereiro de 2011), intitulada “Comunhão do bem”. A referida reportagem destaca Angélica e Luciano Huck como o casal celebridade perfeito, e a revista enfatiza que o casamento deles funciona sobre o alicerce do bom-mocismo e da distância dos escândalos. No texto transcrito, notamos a opinião de um determinado leitor a respeito do tema abordado pela revista. Ele

deixa claro em sua opinião que não gosta de casal perfeito como o citado na revista e sim de casais que não sejam ou não se mostrem perfeitos. Para explicitar seu ponto de vista e se referir ao casal Angélica e Luciano Huck de forma irônica, o leitor acrescentou o sufixo *–inho* ao adjetivo *bom*, sugerindo que eles podem não corresponder (ou, de fato, não correspondem) ao que a mídia mostra. Além disso, o leitor utilizou o mesmo sufixo no adjetivo *mau* para mostrar sua preferência por casais tidos como "mauzinhos" na mídia.

Quanto à Coluna Social, ela caracteriza-se por trazer comentários e avaliações acerca das atitudes, ações e comportamentos de pessoas consideradas celebridades e/ou que estão na mídia. É também um texto publicado geralmente em jornais e revistas e que apresenta natureza fortemente subjetiva. Compõe-se de mininotícias carregadas de "fofocas" sobre celebridades, caracterizando-se como um tipo de crônica social.

As notícias dessa crônica social trazem fatos e eventos que não são necessariamente relevantes em termos do interesse geral da sociedade, mas que irão focar uma determinada camada social e também aquelas pessoas consideradas celebridades. A amostra a seguir, intitulada *Torneadas e abandonadas* , extraído da edição 2203 da revista *Veja*, é exemplo do gênero textual em questão.

(9) Moças **tristinhas** por terem levado um fora do namorado, consolem-se: acontece nas melhores e mais bem torneadas famílias. Na semana passada, uma festa de aniversário reuniu duas delas, a aniversariante Sabrina Sato, 30, dispensada pelo deputado Fábio Faria sob alegações políticas ("Ele quer ser prefeito de Natal e está sem tempo"), e Mirella Santos, 28, despachada pelo cantor Latino por fadiga de material ("Quando dois corações querem viver em liberdade, a melhor coisa é a separação")."Se não deu, não deu. Não adianta insistir", conforma-se Sabrina. "Com certeza tem alguém prometido pra mim. Toda tampa tem sua panela". (*Gente,* 9 fev. 2011, p. 84)

No texto em (9), percebemos a avaliação feita por um determinado colunista a respeito do fato de duas pessoas consideradas celebridades estarem solteiras. No caso citado, percebemos que o sufixo *–inhas* em *tristinhas* não foi utilizado para indicar a profunda tristeza das duas celebridades apontadas no texto por estarem solteiras, mas para enfatizar a ideia de que moças ricas e belas geralmente não sofrem pelo término de um relacionamento. Isso é perceptível quando o colunista ressalta o *status* social das duas, ao mencionar que o fato de "levar fora do namorado acontece nas melhores famílias". Isso sugere que mulheres que

estão na mídia, usufruem de uma boa posição social e possuem um belo corpo não sofrem muito com o fato de serem abandonadas pelos namorados.

Tanto a Carta do Leitor quanto a Coluna Social apresentam como propósitos comunicativos a apreciação, a avaliação de seus autores sobre determinado assunto ou pessoa e por esse motivo constituem espaços que favorecem o emprego de elementos linguísticos com valor subjetivo, como é o caso do uso de sufixos graduadores nominais para a atribuição de valor. Reiteramos, assim, a motivação para a escolha desses gêneros textuais para composição de nosso *corpus*.

1.2 Questões metodológicas

Explicamos, nesta seção, a metodologia utilizada para alcançarmos os objetivos proposto neste trabalho. Em outras palavras, abordaremos qual o método de pesquisa adotado e o tipo de pesquisa, caracterizaremos o *corpus* trabalhado e os procedimentos metodológicos.

Partindo do pressuposto de que método é a trajetória percorrida pelo pesquisador para analisar e observar seu objeto de estudo, utilizamos na presente pesquisa o raciocínio de natureza indutiva, dado que observamos diversas ocorrências do fenômeno sob estudo para, a partir delas, encontrarmos fatores semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos implicados nos usos de sufixos graduadores nominais.

Quanto à natureza da pesquisa, desenvolvemos um estudo de base mais teórica, visto que ele não foi empreendido com o propósito de resolver algum problema envolvendo o uso da língua(gem), embora forneça contribuições para a prática pedagógica de Língua Portuguesa, conforme mostramos no capítulo 4. No que se refere à abordagem, a pesquisa é tanto quantitativa como qualitativa, pois envolve a quantificação dos dados observados em nosso *corpus* e também existe a preocupação de analisar e discutir o resultado dessa quantificação a fim de identificarmos e interpretarmos as motivações subjacentes aos usos dos sufixos graduadores nominais.

No que diz respeito aos objetivos, nossa pesquisa pode ser classificada como descritiva e explicativa. É descritiva porque implica a caracterização do fenômeno linguístico em estudo, particularmente os valores associados aos usos de diferentes sufixos graduadores

nominais e sua classificação semântica. É explicativa porque se preocupa em identificar os fatores que contribuem e favorecem as ocorrências de sufixos graduadores nominais.

Quanto aos procedimentos técnicos, podemos afirmar que se trata de uma pesquisa bibliográfica, pois é realizada a partir do levantamento de dados que foram publicados na revista *Veja* como também por meio do estudo de material bibliográfico que trata de nosso objeto de pesquisa.

No que se refere aos textos que formam o *Corpus* de nossa pesquisa, correspondem eles às publicações do primeiro semestre de 2011 dos gêneros textuais Carta do Leitor e Coluna Social, esta última identificada como seção *Gente*, da revista *Veja*. Mais especificamente, contamos com 625 Cartas do Leitor e 124 textos da Coluna Social. A justificativa para utilização desses gêneros citados deve-se ao fato de possuírem um caráter opinativo, avaliativo, ou seja, nesses textos são emitidas opiniões ou avaliações de seus autores sobre um determinado assunto ou pessoa, e isso favorece o aparecimento de ocorrências de sufixos graduadores nominais.

Com relação aos procedimentos metodológicos adotados, realizamos inicialmente um estudo a respeito do tratamento da categoria grau sob a perspectiva tradicional e sob o enfoque da Linguística bem como estudamos os pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa.

Paralelamente, procedemos ao levantamento das ocorrências dos sufixos graduadores nominais em nosso *corpus* bem como à organização e à tabulação dos dados. Logo após, discutimos os dados coletados tendo em vista a abordagem funcional centrada no uso de estudo da língua, considerando aspectos semânticos (como a construção de sentidos dos textos e os valores associados aos usos dos sufixos), cognitivos (processos metafóricos e metonímicos), discursivos (papel dos sufixos graduadores na organização textual-discursiva) e pragmáticos (propósitos comunicativos, relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade). Por fim, contemplamos discussão sobre a abordagem de nosso objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa em turmas da Educação Básica.

2. ABORDAGEM DA CATEGORIA GRAU

Nesta seção, apresentamos o tratamento dado à categoria do grau por diferentes autores. Para tanto, consideraremos a abordagem feita pela tradição gramatical e a discussão empreendida por alguns estudos linguísticos.

2.1 Tratamento do grau na tradição gramatical

O estudo dos sufixos graduadores nominais nas gramáticas tradicionais remete basicamente a uma classificação quanto ao grau dos substantivos e dos adjetivos, não sendo mostrados os diversos contextos de uso em que esses sufixos ocorrem e quais são os possíveis sentidos que a utilização deles veicula. Consideremos o que dizem alguns renomados gramáticos.

Rocha Lima (2010) afirma que, por meio do grau exprimimos o aumento ou a diminuição de um ser, relativamente ao seu tamanho normal e a intensidade maior ou menor de uma qualidade. O primeiro tipo de gradação, chamado gradação dimensiva, é próprio dos substantivos; o segundo tipo de gradação, chamado gradação intensiva, é próprio dos adjetivos.

De acordo com o autor, são dois os graus dos substantivos: o aumentativo e o diminutivo, que podem se expressar analítica ou sinteticamente. O aumentativo analítico é formado com o adjetivo *grande*, ou outro de sentido equivalente (*nariz grande);* o diminutivo analítico é formado com o adjetivo *pequeno,* ou outro de sentido equivalente (*automóvel pequeno).*

O aumentativo sintético é formado com os sufixos *-ázio, -orra, -ola, -az* e, principalmente, *-ão,* que possui as variantes *-eirão, -alhão, -arão, -arrão, -zarrão.* Esse grau, muitas vezes, exprime desprezo (*sabichão, espertalhão)* e também pode indicar certa intimidade (Ele é um *amigalhão!).* No primeiro caso, tem valor pejorativo.

O diminutivo sintético forma-se com os sufixos *-ito, -ulo, -culo, -ote, -ola, -im, -elho* e, sobretudo, *-inho* e *-zinho.* Em alguns casos, esse grau encerra ideia de carinho. Com esse intuito, junta-se o sufixo até a adjetivos: *limpinho*, *bonitinho, pequenito*. Pode também indicar pejoratividade: *professoreco, livreco, casebre.*

Há também alguns aumentativos e diminutivos que não indicam ideia de aumento ou diminuição, como, por exemplo, *cartaz, cartilha, cavalete, dentuça, ferrão, flautim, papelão, portão.*

Quanto aos adjetivos, o autor também define dois tipos de graus: o comparativo e o superlativo. O comparativo pode ser de superioridade, quando a qualidade que se compara é superior (*Esta cidade é mais antiga do que a nossa)*; de inferioridade, quando a qualidade que se compara é inferior (*Esta cidade é menos antiga do que a nossa)*; ou de igualdade, quando a qualidade que se compara é igual à que serve de termo de comparação (*Esta cidade é tão antiga como a nossa.)*

O grau superlativo exprime uma qualidade no mais alto grau de intensidade: *esta cidade é a mais antiga da Europa; esta cidade é muito antiga ou antiquíssima.* No primeiro caso, o superlativo é relativo; no segundo caso, o superlativo é absoluto. Este último tipo de superlativo apresenta dois aspectos: sintético, quando expresso por uma só palavra (*elegantíssimo)*; analítico, quando é formado com a ajuda de um advérbio de intensidade (*muito elegante*).

Segundo Bechara (2005), os substantivos apresentam-se com sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais. A derivação gradativa se realiza por dois processos: *sintético*, que consiste no acréscimo de um final especial chamado sufixo derivacional aumentativo ou diminutivo (*homenzarrão, homenzinho)*; *analítico*, que consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (*grande, enorme, pequeno, etc.)* junto ao substantivo (homem *grande*, homem *pequeno*). Além disso, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certas pessoas e objetos, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa etc.) e os entornos que envolvem o falante e o ouvinte: *poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha.* Dizemos, então, que os substantivos estão em sentido pejorativo.

Vale ressaltar também que, para o autor, a ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas: *paizinho, mãezinha, queridinha.*

No que se refere ao estudo do grau dos adjetivos, Bechara define três tipos de gradação: *positivo, comparativo* e *superlativo.* O positivo, que não se constitui a rigor uma

gradação, enuncia simplesmente a qualidade (*O rapaz é cuidadoso*). O comparativo compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo uma igualdade (*O rapaz é tão cuidadoso quanto os outros)*; uma superioridade *(O rapaz é mais cuidadoso que os outros);* uma inferioridade (*O rapaz é menos cuidadoso que os outros).*

Quanto ao grau superlativo, conforme o autor, podemos dizer que pode ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres (*O rapaz é o mais cuidadoso dos pretendentes*); indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade (*O rapaz é cuidadosíssimo).* No primeiro caso, a qualidade é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Então, o superlativo é relativo. No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com os outros. Então, o superlativo é absoluto ou intensivo.

Ainda de acordo com Bechara, levando-se em consideração o aspecto semântico, *cuidadosíssimo* é mais enfático do que *muito cuidadoso*. Então, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva (*Ele é muito mais cuidadoso)* ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *–ésimo.*

Cunha e Cintra (1985) afirmam que o substantivo pode apresentar-se com a sua significação normal (*chapéu, boca*); com a sua significação exagerada ou intensificada disforme ou desprezivelmente (grau aumentativo): *chapelão, bocarra, chapéu grande, boca enorme*; com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (grau diminutivo): *chapeuzinho, boquinha, chapéu pequeno, boca minúscula.* Dessa forma, a gradação do significado de um substantivo se faz por dois processos: sinteticamente, mediante o emprego de sufixos especiais (*chapel-ão, boc-arra, chapeu-zinho, boqu-inha*); analiticamente, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções (*chapéu grande, boca enorme, chapéu pequeno, boca minúscula).*

Os autores ressaltam que o que denominamos aumentativo e diminutivo nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos "grande" e "pequeno", ou sinônimos que acompanham os substantivos. Os sufixos aumentativos emprestam ao nome ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível (*narigão, beiçorra, pratalhaz ou pratarraz, atrevidaço, porcalhão etc.).* Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou pejorativo. No caso do

sufixo diminutivo, os autores expõem que é utilizado, na maioria das vezes, para expressar um sentimento afetivo.

> O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga. (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 192.)

Da mesma forma que Rocha Lima e Bechara, Cunha e Cintra também classificam o grau do adjetivo em comparativo e superlativo. O comparativo pode ser de superioridade, de inferioridade e de igualdade. O superlativo pode ser absoluto, relativo, relativo de superioridade e relativo de inferioridade.

Cegalla (2008) define o grau dos substantivos como a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Segundo o autor, ele pode ser dividido em aumentativo e diminutivo. O grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Pode ser formado sintética ou analiticamente. O aumentativo sintético forma-se com sufixos aumentativos, como em *gentalha, bocarra, mulherona, dentuça, fogaréu.* O aumentativo analítico forma-se com o auxílio do adjetivo *grande,* ou outros de mesmo sentido, como em *letra grande, pedra enorme, estátua colossal, obra gigantesca.*

O diminutivo expressa um ser com seu tamanho normal diminuído. Também pode ser formado sintética ou analiticamente. Quando é formado sinteticamente apresenta-se com sufixos diminutivos, como em *casebre, livreco, maleta, livrinho.* Já o diminutivo analítico é formado com o adjetivo *pequeno,* ou outros de igual sentido, como em *chave pequena, casa pequenina, semente minúscula.* Além da ideia de pequenez ou grandeza, os aumentativos e os diminutivos exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Portanto, tem sentido pejorativo ou depreciativo, como nos exemplos: *gentalha, narigão, beiçorra, livreco, musiqueta, papelucho, gentinha, povinho.* As formas diminutivas geralmente exprimem carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha.*

Segundo o autor, o grau dos adjetivos expressa a intensidade das qualidades dos seres. Os graus dos adjetivos são: o comparativo e o superlativo. O comparativo é usado para

comparar as qualidades dos seres. Dessa maneira, pode ser de igualdade (*Sou tão alto como você*); de superioridade (*O Sol é maior que a Terra*); de inferioridade *(Sou menos alto que você*). Já o superlativo exprime qualidades em um grau muito elevado.

O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e pode ser subdivido em absoluto analítico (*A torre é muito alta*); absoluto sintético (*A torre é altíssima)*; relativo de superioridade analítico (*João é o mais alto de todos*); relativo de superioridade sintético (*Este monte é o maior de todos*); relativo de inferioridade (*Pedro é o menos alto de todos nós)*.

Diante do que foi exposto a respeito do tratamento dado ao grau por alguns gramáticos tradicionais, percebemos que a maioria dos estudiosos citados associa o uso do grau aumentativo e do grau diminutivo à ideia de tamanho, de pejoratividade e de afetividade. Para Bechara (2005), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2010), o grau aumentativo, além da ideia de grandeza, pode também indicar valor pejorativo. Quanto ao diminutivo, pode expressar pequenez, pejoratividade e afetividade. No que se refere ao grau dos adjetivos, os autores limitam-se a dizer que a gradação indica a intensidade maior ou menor da qualidade dos seres, desconsiderando os diferentes contextos em que essa categoria pode ocorrer e outros valores que pode expressar.

Comparando a visão de Cunha e Cintra com a dos outros gramáticos, percebemos que os primeiros já destacam a valoração no uso de sufixos. Para os autores, os sufixos aumentativos, além da ideia de aumento do tamanho de um ser, estão associados as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Já os sufixos diminutivos, além da ideia de diminuição, estão associados a linguagem afetiva, podendo expressar carinho, saudade, desejo, prazer ou impulso negativo, como desprezo, ofensa.

Considerando a discussão aqui apresentada, percebemos que as gramáticas tradicionais não fornecem um estudo aprofundado e detalhado da categoria grau, pois restringem seu estudo a uma classificação formal e semântica, não dando conta das inúmeras possibilidades de usos dessa categoria. Conforme expusemos nesta seção, geralmente esse tema é discutido em espaço reservado à flexão dos substantivos e adjetivos de maneira bem sucinta.

2.2 Estudo do grau sob a perspectiva da Linguística

Nesta seção, apresentamos as abordagens feitas por alguns linguistas a respeito da categoria grau. Consideramos as discussões empreendidas pelo estudo de Basílio (1989), de Gonçalves (2003) e a proposta de classificação semântica de Silva (2008; no prelo) com vistas a compreender algumas motivações semântico-pragmáticas e cognitivas que estão presentes nos diversos usos dos sufixos graduadores nominais no discurso.

Em seus estudos sobre a teoria lexical, Basílio (1989) faz algumas reflexões muito pertinentes sobre os processos de formação de palavras que são bastante relevantes para o presente trabalho, principalmente por enfocar a importância do uso da língua para sua investigação. A seguir, mostramos algumas contribuições da autora para o estudo da formação de palavras em Português.

Ao tratar do acréscimo semântico que algumas estruturas atribuem às palavras às quais se relacionam, Basílio cita como exemplo o caso dos diminutivos, afirmando que são usados principalmente para adicionar ao significado de uma palavra uma ideia de dimensão pequena, como no caso de **sapatinho**, em que o sufixo *–inho* atribui à palavra uma dimensão pequena, mas também podem indicar uma linguagem afetiva, como, por exemplo, em **sopinha**, em que o sufixo *–inha* não está se referindo ao tamanho da sopa, mas está indicando uma linguagem afetiva utilizada pelo falante. Além disso, os diminutivos podem indicar pejoratividade, como veremos mais adiante.

A autora também analisa os usos do sufixo *–ão* e conclui que esse sufixo aumentativo, além de servir para indicação de grande dimensão ou excelência, como, por exemplo, nos casos de **carrão** e **brillhantão**, também é usado para designar objetos através do tamanho ou mesmo intensidade de alguma qualidade, como nos exemplos de **Mineirão, orelhão, frescão, Minhocão**. Diante disso, a pesquisadora afirma que o sufixo referido acima possui uma função denominadora.

É importante ressaltar também as conclusões da autora ao estudar a função discursiva presente nos processos de formação de palavras. A linguista fala em dois tipos: a função de atitude subjetiva e a função textual. A seguir, discorremos sobre a caracterização da primeira delas por considerá-la bastante pertinente para o desenvolvimento da presente pesquisa. Esse tipo de função relaciona-se com a expressão de atitudes subjetivas em relação ao objeto do

enunciado e está presente em um grande número de processos de formação de palavras em Português.

Os processos de formação de palavras que possuem a função exclusivamente de indicar atitude subjetiva são os de derivação, e o caso mais notável desse tipo de ocorrência são os diminutivos pejorativos. Basílio mostra alguns exemplos em que temos a utilização do diminutivo, no caso o sufixo *–inho(a),* em uma função pejorativa. A seguir, os exemplos.

(10) Maria era uma secretariaz*inha* de segunda classe.
(11) O vestido era de um algodãoz*inho* ordinário.

Em (10), a utilização do sufixo *–inha* não está se referindo à estatura ou ao tamanho de Maria. É nítida a utilização do diminutivo para indicar pejoratividade. Em (11), o mesmo sufixo utilizado no item anterior também não está se referindo à dimensão do tecido (algodão), mas está caracterizando-o de maneira pejorativa. Além disso, percebemos que as palavras utilizadas para caracterizar a "secretariazinha" e o "algodãozinho", que são "de segunda classe" e "ordinário", juntamente com os sufixos mencionados, orientam a interpretação pejorativa.

A pesquisadora também inclui nessa função de atitude subjetiva o uso do diminutivo na linguagem afetiva, como exemplificado a seguir:

(12) Vem, filh*inho*, a sop*inha* está pronta.
(13) Trouxe para você uma manteigu*inha* especial.

Os sufixos *–inho* e *–inha*, nesses casos, não estão se referindo à dimensão concreta do filho, da sopa e da manteiga, apenas revelam a linguagem afetiva utilizada pelo falante. Mais adiante, vemos uma proposta de classificação dos tipos de grau, a qual contempla situações como as ilustradas em (12) e (13).

Para Basílio (1989), o grau é um processo morfológico a serviço da função expressiva da linguagem na formação dos diminutivos, aumentativos e superlativos. Quanto ao diminutivo e ao aumentativo, a autora afirma que, além de indicarem em uma dimensão menor ou maior aquilo que é considerado implicitamente como um padrão normal, também apresentam a função de expressar uma atitude emocional do falante em relação ao tamanho do objeto por eles dimensionado. Seguem exemplos.

(14) a. João comprou um apartamento grande.

b. João comprou um apartament*ão.*

(15) a. Consegui comprar vinte bonecas pequenas.

b. Consegui comprar vinte bonequ*inhas*.

Nos casos (14) a e (15), o tamanho do apartamento e das bonecas é expresso de maneira neutra pela aposição dos adjetivos *grande* e *pequenas.* Nos exemplos (14)b e (15)b, a utilização dos sufixos *–ão* indicando o grau aumentativo e do sufixo *–inhas* indicando o grau dimunutivo, respectivamente, expressa a maneira subjetiva do falante ao referir-se a estes elementos.

Da mesma forma, o superlativo que expressa intensidade numa qualidade designada por adjetivo, exerce função expressiva quando sintético ou sufixal.

(16) a. João é muito inteligente

b. João é inteligentíssimo

No exemplo (16)a, temos a formação do superlativo analítico construído com *muito* e, no caso (16)b, temos a formação do superlativo sintético, com uso do sufixo *-íssimo*. Para a autora, o grau superlativo só apresenta função expressiva quando é formado sinteticamente, como no exemplo (16)b.

Vale salientar também que, segundo a autora, alguns sufixos expressam noções parecidas às do sufixo aumentativo, como por exemplo, o sufixo *–udo*, que se adiciona a substantivos, na maioria das vezes referindo-se a partes do corpo para formar adjetivos que caracterizam seres por terem alguma coisa expressa pela base maior que o normal, como em *narigudo, bigodudo, barrigudo*. O mesmo acontece com o sufixo *–ão* que se combina com verbos para formar substantivos ou adjetivos. Este sufixo tem a função de caracterizar indivíduos por uma ação, atitude, característica que exercem ou assumem habitualmente. O sufixo transmite a ideia de que o hábito de execução da ação verbal é mais do que o normal aceitável, assim transmitindo a expressividade de pejorativização, como em *resmungão, chorão, pidão, babão.*

Em seus estudos a respeito da função indexical das formações *X-íssimo, X-érrimo, X-érrimo* no português do Brasil, Gonçalves (2003) afirma que a intensificação vem sendo caracterizada como uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes.

Segundo o autor, a intensificação expressa pelos sufixos *–íssimo, -érrimo* e *–íssimo,* além de demonstrar as atitudes subjetivas dos falantes e reforço prosódico, também servem para indicar quem é o falante, apresentando função indexical. Os homens evitam o uso desses referidos sufixos e optam por estratégias sintáticas de intensificação ou por prefixos intensivos por associarem aqueles sufixos à fala feminina. Dessa maneira, a intensificação sufixal parece veicular informações importantes de estilos vocais específicos socialmente estabelecido para definir papéis linguístico-sexuais.

Além disso, conforme o autor, tais construções são fortemente vinculadas ao falar *gay*, como verificado em algumas revistas dedicadas ao público homossexual. A seguir, apresentamos dois exemplos utilizados por Gonçalves em seu trabalho, que foram retirados de duas revistas distintas.

(17) A grande dama da noite foi Meimê dos Brilhos, que segurou o público, sempre **talentosésima** (...). **Belíssima**, Dos Brilhos levantou a galera, **carentérrima** de um show à altura. (*Em Tempo*, p. 4)

(18) Se você anda **nervosíssima** e já não aguenta mais essa de ficar grudada em aparelhos de ginástica, faça diferente, aproveite esse verão **quentésimo** para caminhar, andar de bicicleta, enfim, vamos inovar. (*Babado & Cia*, p. 8)

Com uma perspectiva de estudo divergente das abordagens tradicionais vistas, principalmente por defender a língua como um instrumento de interação social que precisa ser investigada em seu uso real, Silva (2013) entende que

> "a conceitualização do grau constitui uma atividade semântico-cognitiva e discursivo-pragmática fundada em nossas experiências individuais (*i.e.*, físico-afetivas) e socioculturais, na qual se escalonam, em alguma medida, noções relativas a entidades, eventos e estados de coisas em geral que são tomados como suscetíveis a essa noção de algum modo".

O mesmo autor propõe uma classificação semântica para o grau, a dividindo-o em seis tipos distintos: dimensivo, quantitativo, intensivo, hierárquico, avaliativo e afetivo. Vejamos o que caracteriza cada um deles.

O *grau dimensivo* refere-se ao escalonamento, em nível aumentado ou diminuído, do tamanho, estatura ou proporção/extensão física de uma dada entidade (ser ou coisa) (SILVA, 2013). É o que acontece, por exemplo, no texto a seguir: em menininhas, o sufixo graduador é empregado para indicar a dimensão física do referente (meninas). Nesse caso, o sufixo refere-se ao pequeno tamanho das meninas: trata-se de garotas de apenas sete anos.

(19) Os queixos da moda caíram quando Carine Roitfeld, 56 anos e figurinos cada vez mais inadequados, anunciou estar deixando a direção da *Vogue* francesa para "fazer alguma coisa diferente". Sabe-se agora que ela foi saída. Ao ilustrar a edição de janeiro com três **menininhas** de 7 anos de salto agulha, maquiagem e poses provocantes, despertou justo repúdio dos anunciantes, inclusive Bernard Arnault, da LVMH, que ameaçou retirar toda a sua publicidade (meia *Vogue*, no mínimo). Durante uma década no cargo, Carine ficou famosa pela busca constante da ousadia. Aplicou o princípio à própria pessoa, em decotes, pernas de fora e, na festa dos 90 anos da revista, Givenchy transparente. Arruinou sua imagem em mais de um sentido. (*Gente*, 26 jan. 2011, p. 82)

O *grau intensivo* tem a ver com o incremento semântico aplicado a um(a) determinado(a) conteúdo/noção para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação da intensidade do grau, caracterizada pelo reforço escalar, de direção para mais ou para menos, atribuído a um dado conceito (SILVA, 2008; 2013). Na amostra a seguir[2], temos a intensificação da ideia de beleza com o acréscimo do sufixo *–ão*, dado que a palavra *bonito* já nos transmite a noção de algo ou alguém belo.

(20) Com corpo perfeito e os olhos azuis de Hollywood, Cameron Diaz nunca precisou ter grandes talentos interpretativos: bastava fazer uma versão engraçada de si mesma. Mas o tempo passa, a concorrência aumenta e as exigências de padrões absurdos de magreza parecem não ter fim no meio artístico. Na estreia em Los Angeles de o *Besouro Verde*, Cameron surgiu quase descarnada de tão magra. Nem o bronzeado das férias no México com Alex Rodriguez, o **bonitão** do beisebol (ex de Madonna e de Kate Hudson), compensou. Um espaguete duplo, por favor. (*Gente*, 19 jan. 2011, p. 76)

O *grau quantitativo* vincula-se, especificamente, à quantificação indefinida de referenciadores ou de noções contáveis/mensuráveis, para mais ou para menos (SILVA, 2008; 2013). Nas amostras a seguir, o sufixo *–eiro* em *aguaceiro* e *lamaceiro* indica a ideia de muita água e de muita lama, respectivamente.

(21) Fãs da música pop no festival de Glastonbury, na Inglaterra, terão de lidar com mais um dia de **aguaceiro**, neste sábado, em que o evento entra na sua segunda jornada. Partes do local viraram um **lamaceiro** devido à chuva forte que substituiu uma semana de sol na fazenda de Michael Eavis em Somerset,...

[2] Renumeração da amostra (3).

(http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/06/23/296486657.asp. Acesso 01/10/2011)[3]

Conforme Silva (2008; 2013), o *grau hierárquico* é denotado através da referência à posição de uma dada entidade ou estado de coisas, considerado(a) como possuidor(a) de status/condição superior ou inferior, numa escala de valores. Esse tipo de noção gradual pode se aplicar tanto a conceitos designativos de relações sociais como aos vinculados a julgamentos apreciativos. No texto a seguir, o sufixo *–ão* indica uma posição de superioridade do empresário Mauro Mendes como pai em relação a outros pais ao oferecer à sua filha uma grande festa.

(22) Qualquer festa de arromba de 15 anos hoje em dia tem de trazer um ator jovem da Globo para dançar a valsa com a debutante. Um? Pois o empresário Mauro Mendes e sua mulher, Virgínia, de Cuiabá, levaram logo seis (e mais um modelo, Caco Ricci). A filha, Ana Caroline, foi carregada, mimada e rodopiada por, entre outros, Daniel Oliveira, Kayky Brito e Caio Castro. Só de cachês, foram cerca de 150 000 reais. "Meu marido foi candidato ao governo do estado e, por causa da campanha, tivemos de adiar a festa. Então precisávamos fazer alguma surpresa especial", justifica Virgínia. O partido do desvelado **paizão**? PSB. Isso que é socialismo. (*Gente*, 2 fev. 2011, p. 73)

O grau avaliativo é denotado quando o falante/escrevente manifesta uma avaliação positiva ou negativa de algo ou alguém (SILVA, 2013). Vejamos o dado a seguir em que temos uma ocorrência com este tipo de grau.

(23) Existe um tipo de homem que se casa com a mesma mulher – a matriz não muda, só diminuem os anos. O ator Leonardo DiCaprio, 36, adaptou a regra: é um namorador serial de loiras, lindas, altas e com nariz cheio de personalidade. Ao abrir a boca para sugerir casamento, a titular é automaticamente renovada por outra, pelo menos três anos mais jovem. A atual, Blake Lively, 23, **atrizinha** da série *Gossip Girl*, tomou o lugar da modelo israelense Bar Rafaeli, 26, que, por sua vez, havia substituído Gisele Bundchen, 30. Parece que Bar e Blake tiveram um período de superposição. Além do ti-ti-ti do namoro, Blake administra um probleminha de fotos nuas. Todas falsas, claro. (*Gente,* 8 jun. 2011, p. 116)

Em (23), o colunista faz comentários a respeito da opção de Leonardo DiCaprio em gostar de mulheres "loiras", "lindas", "altas, enfatizando a facilidade que o ator tem de trocar uma mulher por outra, sempre mais nova. Ao falar da atual, o autor da Coluna a chama de

[3] Amostra retirada de Silva (2013, p. 128)

"atrizinha". Nesse caso, a utilização do sufixo *–inha*, serve para indicar uma ideia de pejoratividade, de depreciação.

Quanto ao grau afetivo, de acordo com Silva (2013), ele consiste apenas em uma maneira de o locutor expressar seu carinho ou afeto para a pessoa a quem se dirige. Obser a amostra a seguir.

(24) Surpresa: para manter a silhueta simplesmente de babar que exibe na capa da BOA FORMA, a atriz Ísis Valverde, 23 anos, a Marcela de *Ti-ti-ti*, em vez de ficar só bebendo água, como umas e outras alegam fazer, dá um duro danado. A dieta, com nutricionista, é praticamente de iogue profissional . Exemplo de "lanche": balas de algas e biscoito integral. Ísis também faz aulas de balé três vezes por semana e exercícios com o personal trainer Jeferson Braga. "Ela não reclama de nada e é muito decidida", elogia ele. Na novela, Ísis também tem de suar, metaforicamente para parecer convincente: além de se afastar do inafastável Caio Castro, ela troca o estilo **mineirinha** singela pelo papel de executiva. (*Gente*, 5 jan. 2011, p. 98)

No dado (24), o redator da Coluna ressalta a boa forma de Ísis Valverde. Além disso, mostra o que a atriz faz para manter o corpo bem. Para se referir a Ísis, o autor utiliza a palavra "mineirinha". O sufixo *–inha*, neste caso, expressa uma ideia afetiva, que é verificada também por outros elementos presentes no texto, tais como *singela*.

Apesar de os estudos dos linguistas aqui apresentados discutirem diferentes valores associados aos sufixos indicadores de grau, sobretudo o de Silva (2013) com a proposta de seis tipos semânticos, enfatizamos a particularidade e a relevância de nossa pesquisa sob dois aspectos: i) estudo mais detalhado sobre sufixos graduadores nominais em textos escritos do português contemporâneo, considerando motivações semânticas, cognitivas, discursivas e pragmáticas para a recorrência desses elementos; ii) discussão sobre a abordagem do grau em livros didáticos de Língua Portuguesa e contribuição ao ensino do grau na Educação Básica.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta parte do trabalho, apresentamos, quantitativamente, os dados coletados no *corpus*, utilizando a tipologia de conceitualização do grau proposta por Silva (2013) e, posteriormente, discutimos as ocorrências de sufixos graduadores nominais no que se refere aos aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos, contemplando questões relativas ao gênero textual, aos propósitos comunicativos e às relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade.

3.1 Quantificação e explicação dos dados

O *corpus* de nossa pesquisa é constituído por 799 pequenos textos dos gêneros textuais Carta do Leitor e Coluna Social, publicados na revista *Veja* no primeiro semestre de 2011. Do universo citado, 675 figuram na seção Carta do Leitor e 124 são representativos da Coluna Social. Como podemos observar na Tabela 1, a seguir, foram encontradas 34 ocorrências de sufixos graduadores nominais em cartas dos leitores e 124 nos textos da Coluna Social.

Gênero textual	Quantidade de textos	(%)	Ocorrências de sufixos graduadores	(%)
Carta do Leitor	675	84,4	34	21,5
Coluna Social	124	15,5	124	78,4
Total	799	100	158	100

Tabela 1: Quantidade de textos e de ocorrências de sufixos graduadores nominais no *Corpus*

Chama-nos a atenção o fato de que, apesar de o número de exemplares de Cartas do Leitor ser superior ao apresentado pela Coluna Social, a quantidade de ocorrências de sufixos graduadores no primeiro grupo foi bastante reduzida se comparada às do segundo.

No que diz respeito à significativa diferença numérica entre o quantitativo de textos de cada gênero, cabe esclarecer que o veículo de comunicação do qual eles foram retirados reserva maior espaço à publicação de Cartas do Leitor que à Coluna Social. Já com relação à desproporcionalidade em termos de quantidade de textos e o número de ocorrências dos sufixos graduadores, ela, provavelmente, relaciona-se à natureza dos gêneros textuais considerados: os textos da Coluna Social envolvem maior informalidade e são carregados de

comentários, apreciações e avaliações do colunista, em função de seu propósito comunicativo de avaliar comportamentos, fazer críticas, elogiar pessoas que estão na mídia, o que acaba favorecendo o uso mais recorrente dos sufixos graduadores nominais; as cartas do leitor, por sua vez, embora também tenham forte carga opinativa, implicam menor informalidade, além de certo monitoramento no uso da língua, dado o propósito do leitor de que seu posicionamento seja aceito pelo veículo de comunicação e por seus leitores.

Vejamos, agora, em termos quantitativos, as ocorrências encontradas dos sufixos graduadores nominais, considerando o gênero textual e a tipologia do grau proposta por Silva (no prelo). É importante ressaltar que muitas delas foram classificadas em mais de um tipo de grau, já que dentro do contexto em que foram utilizadas, elas apresentam mais de um sentido. E, dada a sobreposição de valores semânticos veiculados pelo uso de alguns sufixos graduadores, distribuímos as ocorrências em duas tabelas: a Tabela 2 contempla os casos em que identificamos apenas um tipo de grau para cada ocorrência, enquanto a Tabela 3 apresenta os casos de sobreposição de tipos de grau.

Gênero Textual	TIPO DE GRADAÇÃO												TOTAL	
	Dimensivo		Hierárquico		Intensivo		Quantitativo		Afetivo		Avaliativo			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Carta do leitor	1	5,3%	0	0%	9	47,4%	2	10,5%	2	10,5%	5	26,3%	19	100%
Coluna social	22	24,5%	2	2,2%	38	42,2%	2	2,2%	12	13,3%	14	15,6%	90	100%

Tabela 2: Distribuição dos sufixos graduadores nominais por tipologia do grau

Os dados da Tabela 2 nos mostram que, com relação aos tipos de grau propostos por Silva (no prelo), o intensivo foi o mais recorrente nos dois gêneros textuais: 47% na Carta do Leitor e 42% na Coluna Social. Já o segundo tipo mais recorrente apresentou diferença entre os gêneros textuais: avaliativo na Carta do Leitor e dimensivo na Coluna Social. Essa diferença também ocorreu com os demais tipos de grau. Vale destacar, por fim, que o grau hierárquico aparece em apenas um dos gêneros, no caso na Coluna Social. Esse tipo, aliás, representou o menor percentual de ocorrência.

Os quantitativos encontrados estão relacionados às características dos gêneros textuais, sobretudo em termos de propósito comunicativo. O maior percentual do grau intensivo na Carta do Leitor é perfeitamente condizente com a natureza desta: uma vez que as cartas expressam o posicionamento, a avaliação do redator a respeito de um determinado assunto,

reportagem ou notícia discutida na revista, é natural o uso de elementos que intensificam aspectos das ideias expostas. Pela mesma razão, há um alto percentual do grau intensivo nos textos da Coluna Social. Observemos algumas amostras do uso do grau intensivo, retiradas de nosso *corpus*.

(25) **Belíssima**, feminina, talentosa e audaciosa na busca pelos seus desejos, a atriz Elizabeth Taylor conjugou o verbo viver em todos os tempos e modos. (*Carta do Leitor*, 6 abr. 2011, p. 32)

(26) Com 58 quilos, 2 acima de seu **controladíssimo** peso antes de engravidar de Vittorio, de 7 meses, Adriane Galisteu, 37, fez uma espécie de demonstração de que a luta pela vida é a causa de toda a variabilidade existente entre as variedades biológicas. Ou, simplificadamente, usou a mais despida fantasia de seus muitos anos de avenida. "Eu só estava com uma segunda pele por baixo da fantasia, e uma calcinha ficaria marcando", explicou. O que faltava no corpo sobrava na cabeça. O capacete da fantasia tinha 20 000 mil pedras e pesava 7 quilos. "Eu representava a luz das lanterninhas do cinema." (*Gente*, 16 mar. 2011, p. 78)

Em (25), o redator faz comentários sobre Elizabeth Taylor, destacando o fato de ela ter aproveitado intensamente a vida. Apresenta qualidades físicas e psicológicas da atriz, enfatizando sua beleza. E o faz por meio do emprego do sufixo *–íssima*. Nesse caso, esse elemento morfológico destaca o quão bela era Taylor, por meio da intensificação da noção já graduada. Em (26), o colunista mostra a preocupação da apresentadora Adriane Galisteu em manter e mostrar a boa forma. Ressalta como é indispensável para Galisteu expor que está bem fisicamente e, para isso, menciona como ela se apresentou na avenida citando um comentário da própria apresentadora. A utilização do sufixo *–íssimo* bem como a escolha do adjetivo *controlado* por parte de quem escreve a coluna reforça a importância dada pela apresentadora à manutenção da boa forma física. Também nesse caso, o sufixo mencionado é utilizado com o objetivo de intensificar uma ideia já graduada pelo adjetivo.

Com relação ao percentual do grau dimensivo, é preciso observar algumas especificidades em termos do quantitativo encontrado. Ele representou o segundo tipo mais frequente para a Coluna Social. Essa realidade parece revelar uma contraexpectativa, visto que, devido à finalidade com que textos desse gênero são produzidos, esperar-se-ia que predominassem usos mais abstratos dos sufixos graduadores nesses contextos. Contudo, o emprego desses afixos com valor dimensivo também está associado, nos textos, à avaliação,

ao julgamento do redator (autor) em relação àquilo de que ele trata. É o que acontece, por exemplo, na amostra (27).

> (27) Victoria Beckham, 37, quase conseguiu disfarçar a gravidez de seis meses, com o **vestidão** azul-marinho, da própria grife, of course. O que entregou foi o carinho do marido, David, 35, que entrou na Abadia de Westminster usando a medalha da Ordem do Império Britânico do lado errado do fraque e, avisado, corrigiu o engano. Não parece com o Pigmalião? (*Gente*, 4 mai. 2011, p. 98)

Ao comentar a chegada de duas celebridades a um evento, o colunista faz alusão à indumentária usada por Victoria Beckham, destacando-lhe a dimensão, o que é marcado linguisticamente pelo uso do sufixo *–ão* em *vestidão* (tratava-se de uma peça bem longa). Ocorre, porém, que, dada a carga subjetiva de que se reveste o texto, é possível observar que o emprego do sufixo mencionado não aponta apenas para o aspecto dimensivo do vestido, mas também possivelmente ao seu valor social, tanto pelo fato de ser usado pela celebridade em foco, quanto, e principalmente, por ser de sua própria grife. Desse modo, podemos notar que ao uso do grau dimensivo, mais associado à concretude (em referência ao tamanho de uma vestimenta), sobrepõe-se, mesmo que sutilmente, um emprego mais valorativo, mais relacionado à abstração.

O grau avaliativo, aliás, foi, percentualmente, bastante significativo em termos de ocorrência em nosso *corpus*. Nos dados da Carta do Leitor, foi o segundo tipo mais recorrente com cinco ocorrências (26%). No caso da Coluna Social, foi o terceiro mais frequente (15%). Esses números se justificam pela própria natureza dos gêneros textuais envolvidos, ou melhor, por seus propósitos comunicativos, os quais implicam comentários ou avaliações a respeito do conteúdo veiculado pela revista (no caso das cartas) ou sobre o comportamento, as atitudes e tudo o mais relacionado a celebridades (no caso da Coluna Social). Eis uma amostra:

> (28) A festa do Oscar é chata, comprida, previsível e a cada ano tem menos audiência. Nesse ano, a atração mais interessante senhor de 94 anos, Kirk Douglas. Por que então estamos falando nela? Oras, porque é como carnaval: todo mundo dá uma olhadinha, em especial a parte feminina da população que adora analisar as roupas e concluir que a mais bonita é a mais magra. E que a **roupinha** meio assim foi daquela por quem todos os homens babaram. (*Gente*, 9 mar. 2011, p. 64)

Em (28), o autor da coluna faz uma avaliação da festa do Oscar. Para ele, a festa é "chata", "comprida", "previsível" e a compara ao carnaval, dizendo que a semelhança está no

fato de que sempre todo mundo quer dar “uma olhadinha”. Afirma que o alvo sempre são as roupas femininas. Ao se referir à roupa que foi destaque do Oscar do ano a que está se referindo, o leitor a denominou de *roupinha*. O uso do sufixo *–inha* serve para avaliar negativamente a vestimenta “daquela por quem todos os homens babaram”, e isso é verificado não apenas pela utilização do elemento mórfico, mas também por meio da expressão “meio assim”, que funciona como reforço.

Com relação ao grau afetivo, há especificidades em termos de ocorrências em cada gênero textual. Na Coluna Social, temos 12 ocorrências e, na Carta do Leitor, apenas duas. O valor numérico encontrado no primeiro gênero é justificado pelo fato de, ao tecer comentários sobre pessoas ditas celebridades ou a objetos e coisas pertencentes a elas, o colunista muitas vezes demonstra afetividade. Quanto ao segundo gênero, percebemos que o lado afetivo do leitor não é muito evidente, já que a Carta do leitor possui um caráter mais formal que a Coluna Social e por isso naquele gênero apareceu em quantidade menor. A seguir, apresentamos ocorrência desse tipo de grau.

(29) Com o papai dá para comer pizza

> Não é nada grave a crise financeira no clã Bundchen-Brady, como se vê pela **carinha** de anjo sapeca do pequeno Benjamin. Já que está sem trabalhar no momento, Tom Brady levou o filho de 1 ano e 4 meses para a pizzaria. Ele e mais dez atletas processam a Liga Nacional de Futebol Americano, pedindo aumento no repasse dos lucros. Em represália, a liga bloqueou os salários e proibiu os treinos. Brady, que tem contrato de 72 milhões de dólares por quatro anos, já passou um mês sem receber. Tudo bem: a mamãe ganhou 25 milhões só em 2010. Na hora da pizza, Gisele estava na academia. Alguém tem de trabalhar. (*Gente*, 27 abr. 2011, p. 94)

No dado (29), o foco do comentário é a crise financeira por que passa(va)m Tom Brady e Gisele Bundchen, em função do momentâneo desemprego de Brady. O colunista menciona que o tempo livre do marido de Gisele permite-lhe levar o filho do casal à pizzaria. Ao referir-se ao garoto, o colunista o faz de maneira um pouco afetiva, como podemos perceber pelo uso de determinados elementos lexicais (*anjo sapeca*, *pequeno Benjamim*) e pelo uso do sufixo *–inha* em carinha.

Quanto ao grau quantitativo, ele foi o segundo tipo menos presente em nosso *corpus*. Foram encontradas apenas 4 ocorrências, sendo duas nos textos da Coluna Social e duas nos

da Carta do Leitor. Retomamos a amostra (7), renumerada como (30) a seguir, a qual ilustra uma ocorrência desse tipo de grau.

(30) O caixa está estourado? Não é minha culpa. Paguei os meus impostos, doei quase cinco meses do meu trabalho a vocês (governo), sem falhar. Todos os meses, eu lia que a arrecadação de tributos batia recorde atrás de recorde. Mesmo assim, não vi ainda para onde foi o meu dinheiro, pois as escolas continuam péssimas, as rodovias caindo aos pedaços, os hospitais públicos em estado de calamidade, os aeroportos estão precários e, vira e mexe, uma região vive apagões. Se o serviço tivesse melhorado, tudo bem. Mas vejam só: para tirar um simples passaporte levamos hoje mais de um mês! Portanto, não me venham falar em "cortes profundos" nem em "dor". Eu aqui, que paguei tudo direitinho, e não foi pouco, não tenha nada com isso. Se houver sacrifício, que seja aí, entre vocês (governo), que devem saber o que fizeram com aquele **dinheirão** todo que eu dei em suas mãos. Eu "tô fora"! (*Carta do Leitor*, 23 fev. 2011, p. 32)

Em (30), o redator manifesta opinião (até mesmo sua insatisfação) quanto ao anúncio do governo sobre o corte de gastos da máquina pública. Sustenta seu ponto de vista na divulgação dos recordes de arrecadação de impostos e, na contramão dos investimentos, na pouca transparência da aplicação desses recursos. Expressa sua discordância em relação ao "sacrifício" que o corte anunciado pode acarretar à população, argumentando que cumpriu suas obrigações de contribuinte e, ao fazê-lo, enfatiza o quanto pagou em impostos (*aquele* ***dinheirão*** *todo que eu dei em suas mãos*). Notamos que o uso do sufixo *–ão* em *dinheirão* destaca, nesse contexto, não a dimensão do dinheiro pago, mas a quantidade implicada, ou seja, muito dinheiro.

Por fim, os casos com os sufixos graduadores nominais indicando hierarquia somaram apenas duas ocorrências, as quais se deram na Colunas Social. A seguir, apresentamos uma delas.

(31) É praticamente como se um país de médio porte elegesse uma mulher presidente pela primeira vez. Em 160 anos de história, o *New York Times* terá a sua primeira diretora de redação, Jill Abramson, 57. Ela já ocupava o lugar número 2, mas o **chefão** Bill Keller não dava nenhum sinal de que quisesse se aposentar. Jill chefiou a estruturação da operação on-line do *Times*, mas sabe que as notícias sobre a extinção da sua espécie – o jornal de papel – têm sido algo precipitadas. Casada, com dois filhos, foi atropelada em 2007 e ficou três semanas afastada, um recorde. Como prova de amor por Nova York, tatuou no ombro uma antiga ficha do metrô. (*Gente*, 8 jun. 2011, p. 117)

O texto em (31) traz um comentário sobre o fato (inusitado) de uma mulher assumir a direção do jornal *The New York Times*, no caso, a Jill Abramson. Nesse comentário, o colunista refere-se à função que ela ocupará em termos de hierarquia: note-se que é mencionada a posição que ela ocupava (lugar número 2). O número 1, no caso, que era Bill Keller, é indicado como *chefão*. O uso do sufixo *–ão*, nesse contexto, aponta para a posição ocupada por dada pessoa (Bill Keller) numa determinada escala de valor (hierarquia funcional numa empresa).

Apresentamos agora, por meio da Tabela 3, as ocorrências de sufixos graduadores nominais nas quais se dá sobreposição de grau, considerando os dois gêneros aqui estudados e a tipologia proposta por Silva (no prelo).

Gênero Textual	TIPO DE SOBREPOSIÇÃO DE GRAU							TOTAL
	Dimensivo/ Intensivo	Dimensivo/ Avaliativo	Dimensivo/ Afetivo	Quantitativo/ Avaliativo	Intensivo/ Avaliativo	Intensivo/ Afetivo	Avaliativo/ Afetivo	
Carta do leitor	0	7	2	0	6	0	0	15
Coluna social	1	5	16	1	8	2	1	34

Tabela 3: Distribuição dos sufixos graduadores nominais por sobreposição de grau

Conforme nos mostram os dados descritos na tabela 3, a sobreposição do grau dimensivo com o avaliativo foi mais frequente na Carta do Leitor, enquanto na Coluna Social predominou a associação do dimensivo com o afetivo. Vemos, portanto, que, em ambos os gêneros textuais, a maior sobreposição se deu com o grau dimensivo ligado a outro tipo. Esse fato provavelmente tem a ver com o conteúdo proposicional dos textos que compõem nosso *corpus*, dado que, tanto na Carta do Leitor quanto na Coluna Social, o redator faz alusão a aspectos e a pessoas ligados ao mundo objetivo, tecendo sobre eles comentários apreciativos, avaliativos, carregados de subjetividade. É o que acontece, por exemplo, nas amostras (32) e (33).

(32) Começou mal o governo Dilma. Quando nossos representantes terão dignidade? Um senhor de 80 anos, Pedro Novais, pagou 2156 reais por uma **festinha** num motel em São Luís, com verba indenizatória (“Relaxe e Goza 2”, 29 de dezembro). E esse será o nosso ministro do Turismo! Sugiro ao prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que lhe erija uma estátua em frente a falecida boate Help. (*Carta do Leitor*, 5 jan. 2011, p. 38)

(33) A quantas pessoas do planeta é concedida a dádiva de abraçar um filhote de urso panda? Agraciada, por motivos óbvios, a rainha Sofia, da Espanha, 72, abraçou não só um, mas dois, os gêmeos Po e De De. Os **bichinhos** nasceram há sete meses no zoológico de Madri. Todo mundo sabe que a vida conjugal dos pandas é complicada – daí o uso da inseminação artificial para produzir as fofuras. Os cuidados maternais também não são lá essas coisas. Os veterinários tinham de trocar os filhotes a cada quatro horas, para que ambos mamassem. Na hora da foto, a coroada humana e o pequeno ursídeo entregaram-se de olhos fechados ao carinho entre espécies. (*Gente*, 6 abr. 2011, p. 86)

No dado (32), o leitor demonstra sua indignação com o comportamento de alguns des nossos representantes políticos. No caso citado, o representante é o ministro do Turismo, Pedro Novais. O redator mostra sua revolta com a quantia em dinheiro que Novais utiliza para proveito próprio e, particularmente, com o tipo de despesa (festa em um motel). Ao referir-se ao tipo de despesa, o leitor da revista emprega um item lexical relacionado ao mundo biofísico (festa), acrescentando-lhe o sufixo *–inha*. No contexto, este elemento mórfico carreia tanto aspecto de objetividade, em termos de denotar a dimensão/ proporção da festa paga pelo então Ministro do Turismo, quanto de subjetividade, na medida em que serve para marcar a avaliação negativa feita pelo leitor, que parece também fazer uma espécie de censura moral.

No caso de (33), o colunista mostra como a rainha Sofia foi "agraciada" em ter conseguido dois filhotes de urso panda. Menciona como é difícil a vida conjugal desses animais e como são complicados os cuidados maternais com eles. Em todo o texto, percebemos que o redator trata os filhotes de forma bastante afetiva, e isso é perceptível pelas escolhas lexicais que utiliza para se referir a eles (*bichinhos* e *fofura*). Além de indicar afetividade, mais ligada à subjetividade, portanto, o sufixo *–inho* também está relacionado, no contexto, à dimensão física dos pandas, dado que eles ainda são pequenos (são filhotes que "nasceram há sete meses").

O segundo tipo de sobreposição mais presente no c*orpus* foi do intensivo com o avaliativo: 8 ocorrências na Coluna Social e 6 na Carta do Leitor. Isso também se deve à natureza dos textos analisados, particularmente aos propósitos comunicativos: em ambos os gêneros textuais, há a intenção de explicitar posicionamento sobre determinado fato ou reportagem ou apreciar comportamentos e atitudes de pessoas famosas. Vejamos a ocorrência a seguir.

(34) Convivo há anos com o problema do bullying que meu filho sofreu em várias escolas, inclusive naquelas em que o nível social e cultural da turma era melhor, receptivo e inclusivo. Crianças sem rua para brincar sofrem ou praticam bullying nas escolas, porque é lá que lhes resta espaço para conviver com seus semelhantes. Veja acertou indicando sinais típicos de quem sofre bullying: resistência a ir à escola, taquicardia antes de sair de casa, insônia, tendência ao isolamento, crises de choro, perda da vontade de estudar... Sofrem os alunos novatos, os dotados de habilidades específicas, os melhores da turma, os tímidos e aqueles cujos traços físicos ou culturais – incluindo linguagem adulta – fogem do padrão. O pior bullying escolar provém dos professores, coordenadores e diretores que apenas punem os alunos que se rebelam, discutem e devolvem as agressões físicas ou morais. Esses protegem os antigos que iniciaram a desavença sem ser percebidos e enaltecem os **quietinhos** ou **comportadinhos**. Realmente, alunos desgostosos mudam de escola, mas a fama os persegue. Isso se estende a clubes, onde várias mães e pais fazem de tudo para enaltecer a qualidade dos seus filhos e excluir os que são novatos ou diferentes. E acusam os pais que defendem seus filhos prejudicados pelo bullying de não lhes dar limites. (*Carta do Leitor*, 27 abri. 2011, p.36)

Na carta reproduzida em (34), a leitora comenta a reportagem de *Veja* sobre a prática do *bullying*. Faz alusão aos sinais típicos da criança vítima desse mal, os quais foram explicitados na reportagem comentada, além de elencar quem são normalmente os alunos alvo de *bullying* escolar. A leitora julga que o pior tipo de *bullying* na escola é praticado por professores, coordenadores e diretores, que acabam protegendo determinado grupo (*os antigos*) e enaltecendo outro (*os quietinhos* ou *comportadinhos*). Na referência ao último grupo, a autora da carta faz uso do sufixo *–inho*, que, no contexto, tanto intensifica uma característica do grupo (a de ser *quieto* ou *comportado*), quanto aponta para uma apreciação negativa, por parte dela, uma vez que desaprova a proteção dada a esse grupo.

As outras situações de sobreposição ocorreram apenas uma vez em nosso *corpus*. Foi o caso das associações do grau dimensivo com o intensivo, do quantitativo com o avaliativo e do avaliativo com o afetivo. A sobreposição do intensivo com o afetivo apresentou duas ocorrências apenas. Todos esses casos se deram em textos da Coluna Social. Dado o fato de que esse gênero textual é fortemente marcado pela subjetividade do redator, é compreensível a ocorrência das sobreposições mencionadas. Vejamos dois casos:

(35) As espécies em evolução

A cinta-liga da atriz Ellen Roche, 31, revelou o que nem a santíssima trindade do esplendor feminino (ginástica, drenagem e uma **saladinha**, por favor) é capaz de

> prevenir: dobrinhas e furinhos igualmente indesejáveis. Lindíssima de uma forma hoje quase extinta (nem silicone tem) e com umas das cinturas mais finas do Carnaval (57 centímetros; a título de comparação, a de Viviane Araújo mede 69), Ellen nem ligou para as saliências. "Sou uma mulher normal. Quando danço, aparecem uma banhas mesmo". Ou, como diria aquele senhor lá do começo: "O homem ainda traz em sua estrutura física a marca indelével de sua origem primitiva. (*Gente*, 16 mar. 2011, p. 79)

(36) Parecem irmãs. Mesmo

> Adolescentes sempre acham que o mundo é injusto e conspira contra elas. Imaginem o tamanho dessa aflição em Tallulah Willis, 16 anos, a caçula de Demi Moore, 48: postas lado a lado, mesmo cabelo, mesma pose, mesma ausência de marcas da idade, mamãe parece mais linda e até mais **magrinha** do que ela. Ainda por cima, ela escolheu um nome danado de esquisito para dar à filha. E o marido dela é o Ashton Kutcher. Fora isso, as duas parecem se dar muito bem, combinando roupa, sapato e até chapinha. E a visita ao Brasil, apesar de cercada de tumulto nos eventos públicos, deu tão certo que a família prorrogou sua estada. (*Gente*, 9 fev. 2011, p. 85)

O texto em (35) faz parte de um conjunto que traz comentários sobre celebridades femininas que desfilaram no Carnaval 2011 e que são destaque, principalmente, por terem corpos esculturais. No caso em análise, o colunista fala sobre Ellen Roche, mencionando que foi possível visualizar, em seu corpo, detalhes indesejáveis para qualquer modelo: *dobrinhas* e *furinhos*. Segundo o autor do texto, nem todo o cuidado que as beldades femininas têm para manter boa forma (referido como *a santíssima trindade do esplendor feminino*) consegue esconder essas marcas. Ao explicar o que constitui essa trindade, o colunista utiliza o termo *saladinha*, cujo sufixo aponta tanto para a quantidade da porção implicada na comida quanto para o aspecto avaliativo no sentido de tomá-la como alimento leve, muito caro para quem cuida do corpo. Temos, assim, no uso do sufixo *-inho*, uma sobreposição do valor quantitativo com o avaliativo.

Já em (36), os comentários presentes no texto direcionam-se à Demi Moore e à sua filha Tallulah Willis. Ao mencionar aflições comuns à adolescência, o colunista particulariza o caso de Tallulah por meio da comparação com sua mãe, destacando o quão semelhantes são as duas e enaltecendo a beleza e a jovialidade de Moore. Nessa comparação, o autor do texto comenta que a mãe parece ter mais destaque que a filha (*mamãe parece mais linda e até mais magrinha do que ela*). Nesse destaque, faz referência à dimensão física do corpo da atriz

americana, de forma carinhosa, afetiva, ao usar o termo *magrinha*. É possível notar que o uso do sufixo *–inho*, nesse contexto, está associado tanto à questão dimensiva quanto ao aspecto afetivo, dada a forma como o colunista refere-se à mãe e à filha e como as compara.

É importante destacar que, durante o levantamento de dados de nosso *corpus*, identificamos ocorrências dos sufixos alvo desta pesquisa, mas sem valor de graduação. Esses casos não foram considerados na quantificação dos dados uma vez que tais sufixos não se comportavam como graduadores nominais. Trata-se de casos de lexicalização, conforme discutido em Rocha Lima (2010), Basílio (1989) e Gonçalves (2007). É o que se dá, por exemplo, nas amostras (37) e (38).

(37) A recente tentativa de assassinato da norma culta, perpetrada pelo livro "Por uma vida melhor", com a cumplicidade do MEC, ilustra com clareza o brilhante artigo "O profissionalismo como religião", de Cláudio de Moura Castro. Quem é "atendido" por qualquer serviço de telemarketing deste país sabe que o famoso **jeitinho** brasileiro e a lei de Gérson são, na verdade, grandes fraudes aplicadas por aqueles que desprezam a qualidade pelo ofício e a satisfação do contribuinte e consumidor, atrasando nossos indicadores de desenvolvimento socioeconômico. (*Carta do leitor*, 8 jun. 2011, p. 42)

(38) Por conta da house

É um saci? É um duende? É um ET? As aparições de Amy Winehouse entraram para a categoria lenda urbana depois que ela, invertendo o histórico de atrasos homéricos, chegou ao Rio de Janeiro dois dias antes do previsto. Ao contrário do que faz em Londres e outras paradas onde desfila em variados estados de bagaceira, a cantora, que tem 27 anos e canta como se carregasse o mundo há séculos nos ombrinhos tatuados, trancou-se no Hotel Santa Teresa, uma espécie de capital mundial da **caipirinha** e suas variações, não é exatamente um lugar apropriado para temporadas de recolhimento, mas seis seguranças cuidaram para que Amy não enfiasse a **sapatilha** de balé na jaca. Ou será que a esta altura ela inventou a caipihouse? (*Gente*, 12 jan. 2011, p. 73)

Em (37), o leitor manifesta opinião sobre um artigo de autoria de Cláudio de Moura Castro e sobre a conhecida característica de alguns brasileiros de querer levar vantagem em tudo, associando-a ao "famoso jeitinho brasileiro". Nesta expressão, particularmente, o uso do sufixo *–inho* não tem valor de gradação, mas serve para compor o sentido de esperteza, de malandragem, culturalmente associado à imagem do brasileiro. Esse sentido não está na base da palavra (em seu radical), mas é percebido pelo uso do todo (raiz + sufixo), formando um só

léxico. Esse processo de lexicalização se deu por meio da rotinização do uso desses elementos mórficos em contextos linguísticos, sociais e culturais específicos (BYBEE, 2010).

Situação semelhante acontece em (38). Ao caracterizar e avaliar o comportamento extravagante de uma celebridade da música, o colunista faz uma série de trocadilhos de forma irônica. Em dois deles, utiliza palavras com sufixos tradicionalmente empregados para indicar diminutivo: *-inho* e *–ilha*, presentes em *caipirinha* e *sapatilha*, respectivamente. Ocorre que, nos contextos de uso, os afixos mencionados não indicam dimensão reduzida ou qualquer outro valor de gradação. Raiz e sufixo, em cada caso, formam um bloco lexical que designam coisas específicas: um tipo de bebida (*drink*) e um tipo de calçado. Nesses dois casos, temos também formas lexicalizadas.

Apresentados quantitativamente os dados de nosso levantamento, passaremos agora à análise propriamente dita, considerando tanto fatores semântico-cognitivos quanto discursivo-pragmáticos.

3.2 Discussão dos dados

Nessa seção, analisamos os dados de nossa pesquisa relativos ao uso de sufixos graduadores nominais tendo em vista aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos envolvidos. Para tanto, tomamos esses fatores em separado, destinando a cada grupo uma subseção.

3.2.1 Aspectos semântico-cognitivos no uso de sufixos graduadores nominais

Contemplamos aqui a análise de fatores de ordem semântica e cognitiva que estão envolvidos no uso de sufixos graduadores nominais. Conforme proposta de Silva (no prelo) por nós adotada e segundo levantamento de dados a que procedemos, existem diferentes valores associados à utilização desses sufixos, quais sejam: dimensão, quantidade, intensidade, hierarquia, avaliação e afetividade. Esses valores contribuem para a construção do sentido dos textos em que figuram e são bastante relevantes para o alcance do propósito comunicativo. Observemos as amostras a seguir para verificarmos a atuação desses afixos graduadores.

(39) Qualquer festa de arromba de 15 anos hoje em dia tem de trazer um ator jovem da Globo para dançar a valsa com a debutante. Um? Pois o empresário Mauro Mendes e sua mulher, Virgínia, de Cuiabá, levaram logo seis (e mais um modelo, Caco Ricci). A filha, Ana Caroline, foi carregada, mimada e rodopiada por, entre outros, Daniel Oliveira, Kayky Brito e Caio Castro. Só de cachês, foram cerca de 150 000 reais. "Meu marido foi candidato ao governo do estado e, por causa da campanha, tivemos de adiar a festa. Então precisávamos fazer alguma surpresa especial", justifica Virgínia. O partido do desvelado **paizão**? PSB. Isso é que é socialismo. (*Gente*, 2 fev. 2011, p. 73)

Na amostra (39)[4], o colunista comenta a atitude do empresário Mauro Mendes ao propor uma festa para sua filha que exigiu gastos bastante elevados. Esse alto custo é confirmado pelas informações presentes no texto, como, por exemplo, a contratação de seis atores da Globo para a festa e o valor dos cachês. Todo o empreendimento em questão pode ser tomado como uma grande dedicação do empresário para com filha, o que o coloca numa posição superior em relação a outros pais (que possivelmente não fariam tamanha festa). Nesse caso, o grau expresso na palavra *paizão* por meio do sufixo *–ão* revela valor hierárquico, pois remete à ideia de um dado indivíduo possuir *status* superior, numa escala de valores.

Também é possível perceber o viés irônico de que se reveste o texto ao mostrar que o empresário Mauro Mendes, o "paizão", é filiado ao Partido Socialista Brasileiro, que defende a igualdade socioeconômica para a população, e gasta uma grande quantidade de dinheiro em uma festa de aniversário. Notamos, então, que o emprego do sufixo *–ão* também está atrelado à construção dessa ironia, juntamente com o recurso a alguns termos, tais como os que indicam a sequência de ações protagonizadas pelos atores contratados em relação à aniversariante (*carregada*, *mimada*, *rodopiada*), além do emprego do atributo *desvelado*, culminando com a frase que encerra o texto (*Isso é que é socialismo.*).

(40) No mundo do pessoal de bota, chapéu e cinto de fivela, ele já está ficando lendário. Sorocaba – nascido Fernando Fakris de Assis -, 30, que faz dupla com o simplesmente Fernando, é o autor da maioria dos sucessos do cantor Luan Santana. Além disso, empresaria artistas do estilo sertanejo universitário ("Em que falamos mais de amor, não de sexo e cachaça"). Dois deles, Henrique e Diego, despontam tocando em trios elétricos sertanejos (parece uma invenção infernal, mas existe). Sorocaba é tido como um empresário **durão**. "Quis comprar um carro novo, e ele disse que o meu ainda dura mais

[4] Renumeração da amostra (22)

> cinco anos. Depois, quis um apartamento, e ele me mandou ficar em hotel mesmo", conta Henrique. "Não pode sair torrando tudo o que ganha", explica Sorocaba sobre o estilo rédea curta. (*Gente*, 6 abr. 2011, p. 87)

Em (40), o colunista, ao destacar o viés empresarial do cantor Sorocaba, expõe o seu caráter bastante rígido. Isso é perceptível, entre outras coisas, pelas escolhas lexicais, a exemplo do adjetivo *duro* e da expressão *rédea curta*. Além disso, concorrem para a construção desse perfil de rigor, de dureza, as falas de Henrique, empresariado por Sorocaba ("Quis comprar um carro novo, e ele disse que o meu durava mais cinco anos. Depois quis comprar um apartamento, e ele me mandou ficar em hotel mesmo."), e a do próprio Sorocaba ("Não pode sair torrando tudo o que ganha"). Nesse contexto, o uso do sufixo *-ão* em *durão* também contribui para a construção da ideia de rigor do cantor Sorocaba ao encarecer, intensificar o quão duro ele é como empresário.

(41) O bom velhinho ataca novamente

> Era noite de Natal, mas a narrativa envolve **coelhinha** em lugar de renas. Durante a troca de presentes, Hugh Hefner, 84, fundador da revista PLAYBOY e eterno usuário de pijamas de seda, deu uma **caixinha** para a sua namorada, a modelo Crystal Harris, 24 (fizeram a conta?), capa da edição de dezembro da revista. E o que havia dentro. Nossa, um anel de noivado! "Crystal desfez-se em lágrimas. Foi uma noite memorável", contou, pelo twitter, o bom **velhinho**. Hefner já teve duas outras mulheres e, no começo de 2010, quando oficializou o último divórcio, afirmou que nunca mais se casaria. Será que overdose de **balinha** azul causa uma certa confusão ou depois de uma certa idade não faz diferença? (Gente, 5 jan. 2011, p. 99)

Nesse texto, o redator comenta a atitude do fundador da revista PLAYBOY ao presentear a namorada com um anel de noivado. Dado que se trata de presente natalino e considerando a idade e a posição social de Hugh Hefner (ele tem 84 anos e é fundador da revista), o texto faz uma associação entre Hefner e Papai Noel, por meio do uso da expressão *bom velhinho*. Longe de essa associação ser um elogio, ela concorre, na verdade, para o propósito comunicativo do texto de fazer julgamento, apreciação da atitude de um senhor de 84 anos que se relaciona com uma jovem de 24 anos. A diferença de idade entre eles é, aliás, um ponto enfatizado por meio de expressão parentética (*fizeram a conta?*). Também contribuem para a avaliação do redator os usos do sufixo *–inho*, nas ocorrências em *velhinho*, *coelhinha* e *balinha*. Notemos que, nos dois primeiros termos, o emprego do sufixo concorre

para a referida associação entre Hefner e Papai Noel, enquanto em *balinha*, o sufixo contribui para a construção da ironia do autor do texto ao referir-se ao uso de estimulante sexual por parte do "bom velhinho". É possível perceber, assim, que um dos efeitos de sentido criados é o de que o relacionamento do casal envolve interesse por parte da modelo, em termos de querer promover-se por meio da influente posição social de Hefner (ela foi capa da revista, que tem grande circulação).

Além de o uso de sufixos graduadores nominais concorrerem para a construção de sentidos do texto, é importante observar que alguns desses sentidos estão mais ancorados na experiência concreta, ao passo que outros vinculam-se mais à abstração. Os valores mais abstratos derivam dos sentidos mais vinculados à concretude, por meio de relações associativas e de contiguidade, envolvendo, portanto, processos metafóricos e/ou metonímicos. Vejamos o que ocorre em (42), (43) e (44)[5], a seguir.

(42) A respeito da reportagem "Sacolas plásticas na mira", gostaríamos de esclarecer que o estudo encomendado pelo governo britânico sobre o impacto de diversos tipos de sacola mostrou que a **sacolinha** de plástico tem melhor desempenho ambiental em oito das nove categorias avaliadas. Ela também apresenta a menor geração de CO2, responsável pelo efeito estufa, em seu processo produtivo. (*Carta do Leitor*, 15 jun. 2011, p. 51)

(43) Emérita encantadora de milionários, a indiana Padma Lakshmi, 40 anos, ex-modelo, ex-mulher do escritor Salman Rushdie, apresentadora do reality show *Top Chef*, teria tudo para sair com fama de bruxa do processo movido contra ela por Adam Dell, 41, da família da Dell Computadores, pela guarda da filha dos dois, Krishna, 2. Ocorreu exatamente o contrário. Dell alega ter sabido da gravidez quando já haviam terminado, diz que Padma torcia para que o pai fosse Ted Fortsmann, seu novo e **riquíssimo** namorado (frustrou-a um exame de DNA), reclama que seu nome nem consta da certidão e que quase não vê a menina. Por vingança, pede a guarda total de Krishna. E fez questão de espalhar todos os detalhes do processo sigiloso. Pacote completo de canalhices. (*Gente*, 9 fev. 2011, p. 85)

(44) O caixa está estourado? Não é minha culpa. Paguei os meus impostos, doei quase cinco meses de meu trabalho a vocês (governo), sem falhar. Todos os meses, eu lia que a

[5] Renumeração da amostra (7).

> arrecadação de tributos batia recorde atrás de recorde. Mesmo assim, não vi ainda para onde foi o meu dinheiro, pois as escolas continuam péssimas, as rodovias caindo aos pedaços, os hospitais públicos em estado de calamidade, os aeroportos estão precários e, vira e mexe, uma região vive apagões. Se o serviço tivesse melhorado, tudo bem. Mas vejam só: para tirar um simples passaporte levamos hoje mais de um mês! Portanto, não me venham falar em "cortes profundos" nem em "dor". Eu aqui, que paguei tudo direitinho, e não foi pouco, não tenho nada com isso. Se houver sacrifício, que seja aí, entre vocês (governo), que devem saber o que fizeram com aquele **dinheirão** todo que eu lhe dei em suas mãos. Eu "tô fora"! (*Carta do Leitor*, 23 fev. 2011, p. 32)

O texto em (42) comenta a reportagem "Sacolas plásticas na mira", que, por sua vez, aborda como a sacola plástica agride o meio ambiente. Na carta, o autor faz algumas considerações sobre esse produto revelando que, dentre as sacolas existentes, a de plástico ainda possui melhor desempenho ambiental e ainda apresenta a menor geração de CO_2. Para se referir à sacola, o leitor utiliza o substantivo *sacolinha*. Nesse caso, o uso do sufixo *–inho* relaciona-se a propriedades dimensivas do objeto mencionado, indicando-lhe o tamanho diminuto e/ou a menor espessura. Nesse sentido, notamos que o emprego do sufixo está vinculado a um objeto do mundo biofísico, mais concreto, portanto.

Em (43), o autor da coluna fala sobre a ação movida por Adam Dell contra Padma Lakshmi pela guarda da filha dos dois, Krishna. Além disso, mostra que a indiana esperava que a filha fosse do seu atual namorado, Ted Fortsmann, mas o exame de DNA provou o contrário. Com isso, Dell luta pela guarda total da filha. Ao se referir ao novo namorado da apresentadora, o colunista utiliza o adjetivo *riquíssimo*. O emprego do sufixo *–íssimo*, nesse contexto, serve para enfatizar o poder aquisitivo de Fortsmann, mostrando que este não é simplesmente *rico*, mas apresenta riqueza em quantidade superior (é muito rico), o que é feito por meio da intensificação da ideia contida no adjetivo. Esse encarecimento da noção de riqueza se dá por meio de operações cognitivas, envolvendo projeção metafórica, em que se parte de um conceito relacionado à experiência concreta (a noção de grande quantidade em dinheiro ou de bens, ou seja, *muito* em termos quantificáveis) para o conceito de intensidade (*muito* com valor intensivo). Esse processo metafórico baseia-se no esquema cognitivo INTENSIDADE É QUANTIDADE (LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1992), em que *muito* (indicador de quantidade) passa a ser interpretado como intensificador (no caso da amostra, a intensificação é codificada pelo sufixo *–íssimo*).

Na carta do leitor retomada em (44), temos a reclamação de um brasileiro insatisfeito por ter pago enorme quantidade de impostos ao Estado e não ver, em contrapartida, melhorias nos serviços públicos no Brasil. Ao aludir à quantia paga, o redator a chama de *dinheirão*. O sufixo *–ão*, agregado a *dinheiro*, refere-se à alta quantia que foi gasta com os impostos, não ao tamanho do dinheiro, por exemplo. Desse modo, a noção de valor monetário é associada à ideia de quantidade por uma relação de contiguidade entre os dois conceitos, isto é, ao alto valor gasto em impostos corresponde a ideia de grande quantidade de dinheiro. Temos, portanto, um processo de metonimização, no sentido de que a noção de quantidade é mapeada em termos de tamanho, dado que o acréscimo de itens a um conjunto de objetos, por exemplo, resulta em aumento de seu volume/tamanho (BISPO, SILVA; 2013).

Discutidos aspectos semânticos e de natureza cognitiva relacionados ao emprego dos elementos mórficos alvo de nossa pesquisa, passemos, agora, à análise de fatores referentes à objetividade e às relações de subjetividade e intersubjetivade no uso desses mesmos elementos.

3.2.2 Aspectos discursivo-pragmáticos no uso de sufixos graduadores nominais

Nesta parte do trabalho, analisamos fatores discursivo-pragmáticos, principalrmente pragmáticos, que estão ligados ao uso de sufixos graduadores nominais. Na subseção anterior, vimos que esses elementos auxiliam na construção do sentido dos textos e que alguns podem estar mais ancorados na concretude enquanto outros envolvem conteúdos mais abstratos. Agora, veremos como as relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade estão envolvidas na utilização desses elementos mórficos.

Nos dados de nosso *corpus*, notamos que alguns usos dos sufixos graduadores vinculam-se à caracterização mais objetiva dos referentes dos nomes a que eles estão ligados, enquanto outros usos voltam-se à manifestação da subjetividade do redator, em termos de expressão de pontos de vista, de avaliações e julgamentos, estando mais relacionados à abstração. Vimos, também, que algumas ocorrências com esses sufixos estão associadas a questões intersubjetivas, implicando a consideração do leitor por parte do redator/colunista com vistas a ganhar sua anuência, a fazer com que ele adira a um determinado posicionamento, compartilhe determinada visão de mundo, aja de certo modo. A seguir,

examinamos algumas amostras de nosso *corpus* a fim de verificar a manifestação dessas questões mais pragmáticas.

(45) É bem verdade que mesmo em quadra, de **camisetão** e rabo de cavalo, a jogadora da seleção brasileira de vôlei Sheila Castro, 27, já chama atenção. Produzida para ressaltar o 1,86 metro de altura, vira praticamente outra mulher. "Adoro minhas pernas", assume. "Como chocolate, risoto e doce de leite à vontade, porque não engordo", diz, e, "apesar das broncas do Bernadinho, não corto o cabelo de jeito nenhum". E quanto à escritura no pé direito? "Disso eu não falo mesmo", fecha-se. Especulação: é o trecho de um reggae romântico, feito para um amor secreto. Com a proximidade da Copa Pan-Americana, Sheilla só pensa naquilo: "Estou focada. Treino sete horas por dia." (*Gente*, 15 jun. 2011, p. 111)

Em (45), o redator ressalta algumas características da jogadora de vôlei Sheila Castro como também mostra algumas de suas preferências. A primeira frase do texto traz uma caracterização mais objetiva da jogadora: *de camisetão e rabo de cavalo.* Ao mencionar a vestimenta utilizada por Sheila em quadra, o autor do texto emprega o sufixo *–ão*, o qual se refere ao tamanho da camisa, ou seja, a uma propriedade física do objeto: a dimensão. Esse emprego do sufixo relaciona-se, portanto, ao mundo físico, concreto, objetivo e concorre, no contexto de uso, para a descrição inicial da atleta do vôlei, sem manifestação explícita de posicionamento do colunista a respeito dessa caracterização.

(46) Corajoso e **corretíssimo** o artigo "Cara presidente" (4 de maio), do jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Não é preciso esperar pela copa de 2014 para ter uma ideia do que vai acontecer: basta visitar o aeroporto de Congonhas ou o de Cumbica num fim de semana. O Brasil fantasioso do "Ouro", como escreveu Pompeu, está sendo vítima de um ensandecido que raciocina pelos pés e, infelizmente, grande parte da população ainda o idolatra. Eta, **povinho**! Dilma tem nas mãos a oportunidade ideal para uma atitude drástica, mas que fortalecerá sua administração e livrará o Brasil de um vexame de proporções inimagináveis.

Na Carta do Leitor em (46)[6], temos a manifestação do ponto de vista de um brasileiro em relação ao então despreparo do Brasil para a Copa do Mundo de 2014. Cita, como exemplo, o caso dos aeroportos paulistas, sugerindo que eles não tinham condições, à época, de atender à demanda decorrente do Mundial. Além disso, critica a pessoa responsável pelo

[6] Renumeração da amostra (4).

projeto de candidatura do Brasil à sede do evento esportivo, referindo-se a ele como "insandecido que raciona pelos pés", no caso o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Crítica também é direcionada à parte da população que ainda o apoia: o leitor utiliza a expressão *Eta, povinho!*. Nesse contexto, o sufixo *–inho* é usado para avaliar negativamente essa parte da população, associando ao item lexical ao qual está agregado o elemento mórfico um valor depreciativo. Esse emprego de *–inho* possui, portanto, um viés subjetivo, com a expressão de julgamento do autor do texto em relação ao conteúdo de que ele trata, conforme caracterizam Traugott e Dasher (2002).

Ainda no mesmo texto, temos outra ocorrência com sufixo graduador nominal: *-íssimo*. Ao elogiar o artigo do jornalista Roberto Pompeu de Toledo, o autor utiliza o adjetivo *corretíssimo*. Emprega o sufixo em questão para intensificar a noção expressa por *correto*, de modo a encarecer/ destacar a conformidade com o posicionamento explicitado por Toledo. Ou seja, o uso do sufixo também contribui para a manifestação da opinião do redator da carta. Relaciona-se, assim, à expressão da subjetividade, concorrendo para o propósito comunicativo do texto. Vemos, em todo o texto, aliás, vários elementos que marcam sua forte carga subjetiva: escolhas lexicais (*vítma; insandecido que raciocina pelos pés; correto*), elogio a um texto cujo autor partilha de mesma opinião sobre o tema em foco, e, naturalmente, emprego dos sufixos *–íssimo* e *–inho*. Estes últimos, vale lembrar, apresentam, nesse contexto, usos mais abstratizados.

(47) Menos **boquinhas**, menos **mãozinhas**, menos **meinhas**, **cuequinhas**, **malinhas**, **continhas**, enfim, menos **jeitinhos** de tirar o **dinheirinho** do país para proveito próprio. Se Dilma conseguir só essa **façanhazinha**, já terá valido sua eleição. (*Carta do Leitor*, 19 jan. 2011, p. 26)

Por fim, o texto em (47) apresenta várias ocorrências do sufixo *–inho*. Trata-se, também, de uma Carta do Leitor, na qual o autor critica, de forma bastante irônica, casos de corrupção no Brasil. Ao fazer alusão a escândalos envolvendo diversas pessoas, as quais, por meios vários, roubaram dinheiro público, o redator usa termos que dizem respeito: i) ao ato de roubar (*boquinhas*, *mãozinhas*), por meio de metáfora; ii) aos meios de que se valem para a prática do roubo (*continhas*, *jeitinhos*), também por metaforização; iii) aos meios pelos quais o dinheiro da corrupção foi transportado (*meinhas*, *cuequinhas*, *malinhas*), por processo metonímico; iv) à forte ironia em relação ao valor roubado (*dinheirinho*) e em relação à natureza da atitude da recém-empossada presidente (*façanhazinha*). A carta em análise

também se caracteriza por apresentar enorme carga de subjetividade, a qual revela a avaliação, o julgamento de seu autor, aliada a um teor de intersubjetividade, dado que implica a intenção de envolver o leitor, buscando-lhe a adesão à opinião defendida, a concordância com o julgamento feito. A expressão da subjetividade pode ser notada pela própria seleção lexical utilizada pelo redator e pela abundância do uso do sufixo graduador nominal *-inho*. Ele emprega os termos "menos boquinhas" e "menos mãozinhas", para fazer referência à grande quantidade de pessoas que roubam o dinheiro público; a palavra "dinheirinho" para indicar, ironicamente, que o valor roubado é, na verdade, bastante elevado; e o item "façanhazinha", que, também por ironia, aponta para significado exatamente oposto: diminuir os muitos casos de corrupção representa, na realidade, grande façanha. Esses usos revelam, também, o propósito do autor em envolver o leitor, dada a maneira como organiza seu texto, convidando-o a compreender as relações metafóricas e metonímicas implicadas, a entender a ironia de que se revestem, mais particularmente, algumas expressões; enfim, na (re)construção dos sentidos do texto, de modo a que se alcance o propósito comunicativo. Tudo isso, na busca de, de algum modo, ganhar-lhe a concordância em relação ao assunto tratado.

Também é importante destacar que os usos dos sufixos indicadores de grau contribuem para a organização textual-discursiva das ideias, em termos de distribuição da informação. No caso da carta em (47), por exemplo, há uma sequência de nomes com o sufixo *–inho*, os quais estão ordenados em função das ideias para as quais aponta o emprego desse elemento: as pessoas que roubam o dinheiro público (*boquinhas, mãozinhas*), os meios de transportar o dinheiro roubado (*meinhas, cuequinhas, malinhas*), as artimanhas de que se valem para a prática do roubo (*continhas, jeitinhos*), a quantidade, em termos indefinidos, do dinheiro roubado (*dinheirinho*) e, como desfecho, a avaliação da atitude que se espera da então presidente (*façanhazinha*).

As discussões feitas neste capítulo e, nesta seção, em particular, revelaram que o uso de sufixos graduadores nominais, de fato, está intimamente relacionado a questões várias, sejam semânticas, cognitivas, discursivas ou pragmáticas. Esses aspectos envolvem, do ponto de vista semântico-cognitivo, a construção dos sentidos dos textos em que esses elementos são utilizados, além de processos metafóricos e metonímicos; da perspectiva discursivo-pragmática, contribuem para a organização textual-discursiva das ideias, além de envolverem relações de objetividade, subjetividade intersubjetividade, vinculadas a propósitos comunicativos diversos.

4. ABORGADEM DE SUFIXOS GRADUADORES EM SALA DE AULA

Dedicamos este capítulo à discussão sobre o ensino de língua materna tendo como aporte teórico a Linguística Funciona Centrada no Uso, segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2014). Na primeira seção, apresentamos considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa conforme a abordagem tradicional e, em seguida, propomos um ensino de Língua ancorado na perspectiva funcional. Na segunda seção, mostramos e discutimos a maneira como os livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio abordam o grau e, na última seção, sugerimos algumas propostas de trabalho com os sufixos graduadores nominais em sala de aula.

4.1 Ensino de Língua Portuguesa: da visão tradicional à abordagem funcional centrada no uso

Nesta seção, mostramos a visão de ensino de Língua Portuguesa de acordo com a concepção tradicional contrapondo-a com a concepção de ensino defendida no presente trabalho, que é baseada na Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme caracterizado em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2014).

A necessidade de se discutirem questões relativas ao ensino parte de nossa preocupação com a qualidade de ensino de Língua Portuguesa no nosso país. Na maioria dos casos, esse ensino se resume ao estudo da variedade padrão, em que são apresentados aos alunos conceitos e regras descontextualizados. Nesse sentido, é tarefa do docente reproduzir o que estiver de acordo com a orientação normativo-prescritiva que é adotada nas escolas. O resultado desse ensino são aulas cansativas e improdutivas, que desmotivam o estudante.

É notória a desmotivação dos nossos alunos dos níveis fundamental e médio com esse tipo de ensino que visa apenas à reprodução de conceitos gramaticais, já que há uma considerável diferença entre a língua que eles estudam e a língua que utilizam para se comunicar no dia a dia e, por isso, muitas crianças e adolescentes não consideram as aulas de Português prazerosas. Essa insatisfação não atinge apenas os alunos, mas também muitos profissionais da educação que almejam uma melhor qualidade de ensino nas escolas brasileiras.

Apesar de os documentos governamentais que norteiam o ensino em nosso país, como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), destacarem a importância de práticas de ensino que viabilizem a reflexão sobre a língua em situações de uso, um ensino que valorize as formas de oralidade e a realidade e os interesses dos alunos, notamos que o ensino tradicional ainda prevalece nas instituições escolares. Diante dessa situação, precisamos de mudanças que melhorem o processo de ensino-aprendizagem e que façam cumprir o objetivo da escola de proporcionar ao aluno a ampliação de sua competência comunicativa, priorizando aspectos que estejam presentes no cotidiano de cada um.

Neste trabalho, assumimos uma perspectiva de ensino de língua diferente da que é adotada no ensino tradicional. Acatamos a visão da Linguística Funcional Centrada no Uso, a qual prioriza um ensino que proporcione o uso eficaz da língua nos variados contextos comunicativos em que se insere o aluno.

De acordo com essa abordagem, o estudo da língua não pode se resumir a análise de sua forma isoladamente, visto que esta se relaciona a um significado e está a serviço do propósito pela qual é utilizada. Nesse sentido, defendemos que a língua como atividade social é determinada pelas situações de comunicação real (FURTADO DA CUNHA E TAVARES, 2007, p. 14).

Além disso, a perspectiva teórica aqui enfocada defende que o ensino de língua deva proporcionar atividades de análise e reflexão sobre a língua em uso a fim de desenvolver a competência comunicativa dos alunos. Destaca, ainda, a importância de se trabalharem as diferentes variedades linguísticas, associando-as às variadas situações comunicativas.

Enfatizamos, assim, que é necessário desmitificar a ideia de que existe apenas uma forma "certa" de falar e levar nossos alunos a entender que a utilização da língua depende de cada contexto comunicativo e, por isso, dispomos de uma variedade significativa em nossa língua. Essa visão nos mostra uma relação entre o Funcionalismo e as orientações presentes nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), como podemos ver a seguir.

> No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de

> adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 31)

Considerando, ainda, as aproximações entre a abordagem funcionalista e os documentos que norteiam o ensino em nosso país, Oliveira e Cezario (2007, p. 89) afirmam que a base dos PCN é funcional, já que assume a língua como produto e instrumento das manifestações humanas, ou seja, utilizamos a língua para nos comunicarmos, para persuadir alguém, para expressar sentimentos, entre outras coisas.

Diante disso, as autoras concluem que o objetivo maior do ensino de língua portuguesa é desenvolver competências necessárias a uma interação autônoma e participativa nas situações de interlocução, leitura e produção textual. Dessa maneira, o aluno será preparado para exercer plenamente sua cidadania através do domínio da expressão verbal, falada e escrita. (OLIVEIRA; CEZARIO, 2007, p. 91-92). Tendo em vista essa perspectiva de ensino da língua, como bem abordam as autoras citadas, reiteramos a necessidade de se formarem sujeitos, tanto alunos como professores, orientados a essa visão de ensino de língua materna.

Segundo Oliveira e Wilson (2011, p. 239), a abordagem funcionalista apresenta dois pressupostos básicos que são fundamentais no ensino de língua: o primeiro é que os usos linguísticos são organizados nos contextos de interação e, a partir daí, se sistematizam a fim de formar os padrões convencionais de expressão; e o segundo refere-se às funções desempenhadas pela língua, que, segundo as autoras, são motivadas por fatores externos.

Em outras palavras, em um estudo de cunho funcionalista, é preciso identificar os diferentes usos da língua em contextos reais de comunicação a fim de observar quais formas são mais rotineiras. Além disso, é necessário analisar como fatores externos motivam os usos linguísticos.

4.2 Abordagem do grau em livros didáticos de Língua Portuguesa da Educação Básica

Como já foi mostrado no capítulo sobre a abordagem da categoria grau, o estudo dos sufixos graduadores nominais segundo as gramáticas tradicionais é realizado nas seções que tratam da classificação do grau dos substantivos e adjetivos e, na maioria dos casos, de forma bastante resumida. Com o intuito de analisarmos como esse estudo é realizado em sala de aula, mostramos a seguir como nosso objeto de pesquisa é discutido em livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio. Escolhemos, para tanto, dois livros de cada nível de ensino.

A escolha dos livros para análise deu-se em função da maior facilidade de acesso a essas obras, além do fato de elas serem utilizadas por escolas de diferentes regiões do país.

Comecemos a discussão pelas abordagens dos manuais do Ensino Fundamental.

O primeiro livro, "Jornadas.port", de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho (2012), para o 6º ano, foi adotado em uma escola particular da cidade de Petrolina/PE. No referido livro, os sufixos são examinados de maneira bem sucinta na subseção que explora a flexão dos substantivos e dos adjetivos quanto ao grau. No caso dos substantivos, o grau é dividido em aumentativo e diminutivo. No que se refere aos adjetivos, encontramos um estudo bastante resumido dos sufixos na classificação do grau superlativo, mais especificamente do grau superlativo sintético.

Para as autoras, o grau aumentativo indica que o ser nomeado tem tamanho maior que o normal, e cita como exemplo o vocábulo *peixão*. O grau diminutivo indica que o ser tem tamanho menor que o normal, como em *peixinho*. Além da noção de tamanho, elas afirmam que esses dois graus podem revelar ao leitor ou ao ouvinte a opinião de quem escreve ou fala, sinalizando carinho, admiração, desprezo, como também pode estabelecer familiaridade entre os interlocutores, porém não mencionam nenhum caso desse tipo de situação.

Quanto aos graus do adjetivo, Delmanto e Carvalho os dividem em comparativo e superlativo. Aqui, mostramos como elas trabalham o segundo tipo de grau mencionado, pois é onde encontramos o estudo dos sufixos *-íssimo, -ílimo, -érrimo*. Para as autoras, quando o adjetivo exprime uma intensificação da característica atribuída a um ser, dizemos que ele está no grau superlativo. Este tipo de grau é subdividido em superlativo absoluto e superlativo sintético.

O grau superlativo absoluto ocorre quando o adjetivo intensifica uma característica de um ser sem fazer relação a outros seres da mesma espécie, como em grito **fortíssimo**, ave **raríssima**. Quando o adjetivo exprime o grau mais alto ou mais baixo de uma característica em relação a um conjunto de seres da mesma espécie dizemos que está no grau superlativo relativo, como por exemplo: a ave mais comum do Brasil, a ave menos conhecida da região, a plumagem mais bonita. Vejamos abaixo algumas questões dele extraídas para analisarmos melhor como as autoras abordam, no livro citado, os sufixos graduadores.

1. Identifique e copie no caderno as frases em que os substantivos destacados não indicam variação de tamanho.
   a) Vou dar uma corridinha até a casa do Bruno.
   b) A última construção da rua é uma casinha branca.
   c) Vários figurões assistiram ao treino da seleção.
   d) O pescador fisgou um peixão e demorou horas para tirá-lo da água.

2. Leia o trecho.

Quando as luzes se apagaram, aplaudimos e assobiamos; mas depois que o filme começou, fomos ficando apreensivos...

O mocinho, que se chamava James Cagney, era baixinho e não dava em ninguém. [...]

[Moacyr Scliar. O dia que matamos James Cagney. In: La Fontaine et alii. Histórias sobre ética. São Paulo: Ática, 1999. (Col. Para Gostar de Ler, v. 27)]

a) O substantivo *mocinho* está no grau aumentativo ou diminutivo?

b) O que quer dizer *mocinho*, nesse contexto?

c) Qual dos substantivos abaixo, apesar das terminações que mostram flexão de grau, não exprimem aumentativo ou diminutivo?

Palavrão – cartilha – medalhinha – portão – cadernão – papelão – pratinho – coxinha

3. Compare agora estas afirmações.

I. Essa marreca é raríssima.

II. Essa marreca é muito rara.

III. Essa marreca é a mais rara da região.

a) Nas frases acima, há comparação de uma característica entre dois seres?

b) No caderno, complete corretamente as frases com uma das opções entre parênteses.

Nas frases I e II, a qualidade expressa pelo adjetivo rara foi _____. (reduzida/intensificada)

Na frase III, a qualidade expressa pelo adjetivo rara foi _____ em relação a outros seres. (reduzida/intensificada)

c) Compare as frases I e II. Em qual delas a característica expressa pelo adjetivo rara é mais intensificada?

Ao observarmos as questões propostas no livro, não encontramos em nenhuma delas a modalidade oral sendo objeto de estudo e de análise dos sufixos graduadores nominais. Nesse sentido, entendemos que a proposta desse livro didático parece desvalorizar a oralidade e está centrado apenas na modalidade escrita da língua.

Além disso, é bem evidente, nas questões 1 e 3, por exemplo, que elas são dissociadas de um contexto real de uso. São frases que provavelmente foram inventadas apenas para fins de fixação de um conteúdo, no caso a identificação e classificação do grau. Esse tipo de procedimento, na realidade, mais atrapalha que ajuda ao aluno compreender o conteúdo. Isso porque circunscreve o grau a determinados usos, além de considerar apenas o contexto da oração. Deixa de lado, por exemplo, situações reais de uso da língua em que os sufixos graduadores ocorrem e os propósitos comunicativos com que são empregados.

Vale ressaltar também que, mesmo ao fazer o aluno perceber que alguns sufixos podem veicular outros sentidos além do grau aumentativo ou diminutivo, como mostram as questões 1 e 2, notamos que essas situações ainda apresentam um estudo muito limitado desses elementos, pois desconsideram, por exemplo, as diversas situações de comunicação em que esses sufixos ocorrem e que sentidos a eles se relacionam.

Quanto à questão 3, vemos que o fato de ela lidar com frases dissociadas de uma situação real de uso compromete o sentido do enunciado, visto que, para analisarmos se a intensificação é maior ou menor em uma determinada situação, precisamos verificar o contexto em que essas frases foram utilizadas.

O segundo manual escolhido é o livro *Para ler o mundo*, do 7º ano, das autoras Graça Sette, Maria Angela Paulino, Rozário Starling, publicado em 2009. Na seção "Sistematizando" (p. 44), as autoras abordam o grau dos adjetivos e dos substantivos. Mostram que a variação de grau é um dos recursos utilizados para expressar avaliações sobre as pessoas, os fatos, os fenômenos e as coisas e para estabelecer comparação entre eles. Além disso, afirmam que este recurso possibilita a expressão de opiniões favoráveis ou desfavoráveis por meio de comparações e de intensificações, como também expressa aumento ou diminuição de tamanho.

Em seguida, as autoras apresentam a classificação do grau dos adjetivos (p. 44) e dos substantivos (p. 46) da mesma forma que é feita no livro anterior e acompanhando a tradição gramatical. Quanto à caracterização do grau dos substantivos, elas ressaltam que, além da ideia de aumento ou diminuição, o grau também pode exprimir crítica, desvalorização ou desprezo e afetividade, carinho. Agora, passemos à observação de duas questões retiradas do livro mencionado para vermos como, de fato, as autoras tratam o assunto enfocado aqui.

1. Leia um anúncio publicitário.

   Mãezinha, não.
   MULHERÃO.

   Deixe sua mãe muito mais linda com um presente Big Shopping.
   - CONTAGEM É BIG/BIG SHOPPING/O shopping de Contagem
   Participe da Promoção **Mãezinha, não. MULHERÃO**
   Escreva uma mensagem bem bonita para sua mãe e concorra a vários superprêmios. Regulamento no local.

   No anúncio publicitário, identifique:
   a) Um substantivo no grau diminutivo;
   b) Um substantivo no grau aumentativo;
   c) Dois adjetivos no grau superlativo absoluto analítico;
   d) Um substantivo precedido de um prefixo que indica superioridade.

2. Ao dar mais destaque à forma **mulherão** em relação à forma **mãezinha**, que imagem da mulher é valorizada no anúncio?

Ao observarmos as questões anteriormente apresentadas, vemos que, na primeira delas, por exemplo, as autoras priorizam a identificação e classificação dos elementos

linguísticos. Apesar de mostrarem a situação em que os afixos são utilizados, vemos que deixam de explorar aspectos bastante relevantes para a compreensão do texto, como, por exemplo, a relação entre o uso desses elementos e a construção do sentido global do texto e seu propósito comunicativo. Já a questão 2 se, por um lado, tem o mérito de correlacionar o uso do sufixo ao sentido do texto e ao propósito comunicativo, por outro lado, deixa de contemplar a correlação do uso dos sufixos em questão com outras formas de gradação, como as que se dão por meio do uso de *bem* (*bem bonita*) e do prefixo *super-* (*superprêmios*). Essa associação tornaria a questão mais rica e proporcionaria um trabalho mais significativo da abordagem do grau em consonância com as atividades de prática de leitura.

Passemos, agora, à análise dos livros didáticos do Ensino Médio.

O primeiro deles foi adotado em uma escola pública do Rio de Janeiro. Trata-se do volume 2 do livro "*Português*: Literatura, Gramática, Produção de texto", de Leila Lauar Sarmento e Douglas Tufano, publicado em 2008. Ao observá-lo, encontramos algumas semelhanças com as questões tratadas no LD do Ensino Fundamental. Primeiramente, o estudo dos sufixos graduadores se restringe à análise do grau dos substantivos e dos adjetivos e, em segundo lugar, encontramos a mesma classificação dos graus das duas classes gramaticais aqui referidas. A seguir, mostramos a classificação proposta por Sarmento e Tufano.

De acordo com os autores, os substantivos podem ser flexionados quanto ao grau, expressando ideia de aumento ou diminuição. A ideia de aumento ou de diminuição pode ser expressa de forma sintética ou analítica. Para a forma sintética, basta acrescentar um sufixo aumentativo ou diminutivo ao substantivo, como em mão**zona** e mão**zinha**. Para a forma analítica, é empregado um adjetivo que dá ideia de aumento ou diminuição junto ao substantivo. E apresentam os exemplos seguintes: mesa **grande**, quarto **pequeno**.

Ainda segundo Sarmento e Tufano, certos sufixos indicativos de aumentativo ou diminutivo expressam, às vezes, um sentido depreciativo ou pejorativo, de grosseria ou de zombaria, como em beiç**orra**, orelh**udo**, mulher**ona**, poet**astro**, jornal**eco**, gent**inha**. Existem também alguns sufixos indicativos de diminutivo que podem acrescentar ao substantivo uma ideia de carinho, de ternura: filh**inho**, doc**inho**, coraçãoz**inho.** E acrescentam também que há substantivos que perderam o sentido gradativo de aumento ou de diminuição, como *cartão, portão, papelão*.

No tocante ao grau dos adjetivos, ele é dividido em comparativo e superlativo. Da mesma maneira que fizemos em relação ao LD do Ensino Fundamental, mostramos apenas a

classificação do grau superlativo do LD do Ensino Médio, pelo motivo já explicado anteriormente.

O grau superlativo, conforme Sarmento e Tufano, ocorre quando se intensifica determinada qualidade de uma qualidade no grau mais elevado (superlativo absoluto), ou quando, num conjunto de elementos, um deles tem uma característica comum em maior ou menor grau (superlativo relativo).

O superlativo absoluto pode ser sintético ou analítico. No grau superlativo absoluto sintético, acrescentam-se ao adjetivo os sufixos *–íssimo, -érrimo,* ou *–ílimo,* como no seguinte exemplo: o assunto pareceu-me **gravíssimo**. No superlativo absoluto analítico, colocam-se advérbios de intensidade (muito, bastante, extremamente etc) antes do adjetivo, como podemos observar em: o marceneiro mostrou-se **bem habilidoso**.

Abaixo, transcrevemos algumas questões do livro a fim de discutirmos o tratamento dado às ocorrências com os sufixos indicadores de grau.

1. Reescreva as frases, no caderno, substituindo o sinal gráfico pelo superlativo absoluto sintético dos adjetivos nos parênteses.
   a) A qualidade do DVD era _____. (mau)
   b) Meu irmão está_____. (magro)
   c) O promotor era uma pessoa _____. (respeitável)
   d) A situação do time parecia_____. (difícil)

2. No caderno, identifique o sentido dos diminutivos e aumentativos dos substantivos nas frases a seguir. Veja o modelo.
   Mocinha, você está me perturbando... (ironia).
   a) Meu fofinho, como você é responsável!
   b) Você comprou esse livreco?
   c) Que grande espertalhona você arranjou.
   d) Não se misture com essa gentalha!
   e) Eu torço para um timaço!
   f) Que foto linda! E esse narigão?
   g) Conheci uma gatinha na praia.

3. Escreva no caderno os substantivos que expressem o aumento e a diminuição das palavras a seguir.
   Boca – mão – gato – mulher – corpo

A partir da análise das questões anteriormente transcritas, podemos fazer algumas ponderações que se assemelham às já feitas anteriormente quando discutimos as questões propostas no livro didático do Ensino Fundamental. Observamos que, nessa atividade, também encontramos frases desvinculadas de um contexto real de uso, como nas questões 1 e 2, e que foram criadas apenas com o objetivo de fixação de conteúdo.

Na segunda questão, vemos que são trabalhados alguns sentidos dos diminutivos e aumentativos, porém, as frases são isoladas de seu contexto de uso, e isso por isso fica complicado analisarmos os elementos linguísticos enfocados. A terceira questão é bastante mecânica e trabalha apenas a capacidade de o aluno associar um sufixo indicador de aumentativo ou diminutivo às palavras propostas.

O segundo manual do Ensino Médio é o livro "Português", de José de Nicola (2008), volume 2, adotado em uma escola pública de Santa Catarina. Como em todos os livros aqui mostrados, o estudo do grau está vinculado à flexão dos substantivos e dos adjetivos. Para o autor, a flexão de grau, no caso dos substantivos, é uma variação que exprime uma ideia de aumento ou de diminuição de tamanho, sempre tendo como referência um grau normal. Na palavra "janela", por exemplo, está expresso o grau normal, já as palavras "janelinha" ou "janelão" são variações daquela.

Segundo Nicola, para formarmos o aumentativo ou o diminutivo dos substantivos utilizamos dois processos: o sintético, quando acrescentamos sufixos ao grau normal, como em *amigão* (aumentativo sintético), *amiguinho* (diminutivo sintético); o analítico ocorre quando o substantivo, em seu grau normal, aparece modificado por adjetivos que expressem ideias de aumento ou diminuição (*amigo grande, amigo pequeno*).

Além disso, o mesmo autor aponta para os casos em que usamos os substantivos no aumentativo ou no diminutivo sintético para expressar uma carga afetiva ou pejorativa. Cita como exemplos desses casos as palavras *livrinho* e *livreco*, respectivamente.

Quanto aos adjetivos, encontramos a mesma classificação que é feita no livro anteriormente observado. Apresenta dois graus: o comparativo e o superlativo. O comparativo é subdividido em: de igualdade (*Josefina é tão bonita quanto Palmira*), de inferioridade (*Josefina é menos bonita do que Palmira*) e de superioridade (*Josefina é mais bonita do que Palmira*). O grau superlativo, que por sua vez, indica uma qualidade em grau muito elevado ou intenso, é subdividido em absoluto e relativo. O superlativo absoluto pode ser analítico (Gabriela está muito apaixonada) e sintético (Gabriela está apaixonadíssima). Já o superlativo relativo pode ser de superioridade (Ela foi a mais elegante da festa) e de inferioridade (Ela foi a menos discreta da festa).

Por fim, apresentamos algumas questões retiradas deste último livro observado para vermos como o grau é nelas trabalhado.

1. (*Fuvest-SP)* "O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida

porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais." (VERISSIMO, Luis Fernando. *Diminutivos*)

A alternativa inteiramente de acordo com a definição do autor de diminutivo é:

a) O iogurtinho que vale por um bifinho.
b) Ser brotinho é sorrir dos homens e rir interminavelmente das mulheres.
c) Gosto muito de te ver, Leãozinho.
d) Essa menina é terrível.
e) Vamos bater um papinho.

2. (FAI-SP) Observe as frases a seguir:
   1. Que papelão você fez ontem no baile!
   2. Vestia uma roupinha muito mixuruca.
   3. Gostaria de lhe oferecer uns presentinhos bem mimosos.
   4. Não precisa fazer dramalhão mexicano.
   5. Eta rapazinho difícil!

Aponte a sequência que apresenta substantivos com mudança de grau usada em sentido pejorativo.

a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1, 2 e 4.
c) 1, 2, 4 e 5.
d) 1, 2, 3, 4 e 4.
e) 3, 4 e 5.

A partir da análise dessas questões e retomando as que já foram discutidas nesta seção, vemos que o estudo do grau em livros didáticos da Educação Básica ainda está voltado para a tradição gramatical. Nas duas questões transcritas anteriormente, notamos que elas remetem apenas a uma categorização do grau, sem levar em consideração aspectos discursivo-pragmáticos que podem estar relacionados ao uso de sufixos indicadores de grau.

Vimos, de uma forma geral, que a abordagem do grau nos livros didáticos tanto no Ensino Fundamental quanto no nível Médio é bastante limitada, restringindo-se, em sua maioria, a uma classificação quanto ao grau dos adjetivos e dos substantivos, que é realizada de forma meramente descritiva. Esse tratamento segue a abordagem feita pelas gramáticas tradicionais, conforme caracterizamos no capítulo segundo. Apesar de alguns manuais admitirem que o grau pode relacionar-se a sentidos variados, como pejoratividade, exagero, afetividade, carinho, admiração, entre outros, esses valores não são discutidos, nem ilustrados na exemplificação que esses manuais apresentam. Além disso, vimos, nas amostras dos exercícios transcritos, que, à exceção de uma questão do segundo livro do Ensino Fundamental, elas não contemplam os diversos sentidos que esses elementos podem apresentar nem os contextos em que eles ocorrem. Não exploram, assim, o papel que os usos dos sufixos graduadores desempenham na construção dos sentidos dos textos, tampouco exploram os propósitos comunicativos a que se presta o emprego de tais elementos mórficos.

Dito isso, passemos à apresentação de sugestões de tratamento do grau ou, mais particularmente, dos sufixos graduadores nominais em sala de aula, com base na perspectiva funcionalista de ensino de língua.

4.3 Proposta de abordagem dos sufixos graduadores nominais em sala de aula

Nesta última seção, apresentamos algumas sugestões de abordagem dos sufixos graduadores nominais em sala, tendo como aporte teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso. Como vimos nas seções anteriores, este tema é estudado de maneira bastante limitada em livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio e, por isso, mostramos algumas propostas de estudo com esse item gramatical a fim de colaborar com o trabalho docente nesses níveis de ensino.

Vimos, no decorrer de nosso trabalho, que os sufixos graduadores nominais podem expressar diferentes sentidos: além de indicar a dimensão dos seres, também são utilizados para indicar quantidade, afetividade, intensidade e avaliação. Essa classificação dos tipos de grau, proposta por SILVA (2013), é bastante válida, pois aponta para os diversos usos a que se prestam esses sufixos. A seguir, retomamos uma amostra de nosso *corpus*, discutida na análise dos dados e aqui renumerada como (48), para mostrarmos como podemos abordar em sala de aula nosso objeto de estudo.

(48) O bom **velhinho** ataca novamente

> Era noite de Natal, mas a narrativa envolve **coelhinha** em lugar de renas. Durante a troca de presentes, Hugh Hefner, 84, fundador da revista PLAYBOY e eterno usuário de pijamas de seda, deu uma **caixinha** para a sua namorada, a modelo Crystal Harris, 24 (fizeram a conta?), capa da edição de dezembro da revista. E o que havia dentro. Nossa, um anel de noivado! “Crystal desfez-se em lágrimas. Foi uma noite memorável”, contou, pelo twitter, o bom **velhinho**. Hefner já teve duas outras mulheres e, no começo de 2010, quando oficializou o último divórcio, afirmou que nunca mais se casaria. Será que overdose de **balinha** azul causa uma certa confusão ou depois de uma certa idade não faz diferença? (*Gente*, 5 jan. 2011, p. 99)

Temos em (48) um texto com várias ocorrências de sufixos graduadores nominais. Nessa amostra, vários aspectos podem ser trabalhos em sala de aula pelo professor de Língua

Portuguesa. Em primeiro lugar, o professor pode relacionar o propósito comunicativo do texto com o gênero textual utilizado. O texto faz parte da Coluna Social, identificada na revista pela seção *Gente*. Nessa seção, são publicados pequenos textos que têm como função trazer notícias acompanhadas de comentários apreciativos de pessoas que estão na mídia. Quanto ao propósito do texto em análise, notamos que é de criticar o romance de Hefner e de Crystal Harris devido à significativa diferença de idade entre os dois. Dessa forma, o professor de Língua Portuguesa pode mostrar aos alunos que há uma estreita relação entre a intenção do texto e as características do gênero mencionado

Em segundo lugar, deve ser analisado o conteúdo do texto. No caso, o colunista fala sobre o relacionamento amoroso de um senhor de 84 anos com uma jovem de 24. Em terceiro lugar, pode ser discutida com os alunos a associação que é feita entre o Papai Noel e Hefner, perceptível, entre outras coisas, pelo fato de o homem presentear sua namorada em uma noite de Natal, pelo uso da expressão "bom velhinho" e pela própria idade do fundador da revista Playboy.

Por último, o docente pode explorar os diferentes usos dos sufixos graduadores nas palavras destacadas no texto. O item "coelhinha", o autor associa a namorada de Hefner, por ela ter sido capa da revista PLAYBOY. A utilização do sufixo *–inha*, neste caso, possui um teor mais avaliativo. Vemos, por outro lado, que na palavra *caixinh*a, o mesmo sufixo refere-se ao tamanho diminuto da caixa em que estava o presente de Natal. Já em *balinha*, a utilização do sufixo, além de relacionar-se à dimensão do medicamento (trata-se de um comprimido pequeno), reforça o viés irônico do texto, ao mostrar que o "velhinho" faz uso de estimulante sexual. No caso de "velhinho", o *–inho,* reforça a associação entre Papai Noel e Hefner, possuindo assim, um caráter avaliativo. O professor deve chamar a atenção dos alunos para o fato de que esses usos do sufixo *–inho* estão estreitamente ligados ao propósito comunicativo do texto (o de apreciar a notícia veiculada, de julgar o comportamento das pessoas referidas) e também contribuem para a organização discursiva do texto, em termos de distribuição das informações.

Procedendo assim, o professor de língua materna dá outra dimensão ao tratamento do grau e passa a mediar o processo de construção do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experienciarem a língua em suas múltiplas faces, em situações de uso real (CUNHA, TAVARES, 2007, p. 34). Reiteramos, dessa forma, um estudo de língua materna

fundamentado na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, que tem como um de seus princípios norteadores o uso real da língua e suas variações.

Consideremos, a seguir, mais uma amostra de nosso *corpus* para discutirmos como pode ser trabalhado em sala de aula.

(49) Menos **boquinhas**, menos **mãozinhas**, menos **meinhas**, **cuequinhas**, **malinhas**, **continhas**, enfim, menos **jeitinhos** de tirar o **dinheirinho** do país para proveito próprio. Se Dilma conseguir só essa **façanhazinha**, já terá valido sua eleição. (*Carta do Leitor*, 19 jan. 2011, p. 26)

Para o caso em foco, sugerimos também aos professores de língua materna que seja analisado inicialmente o conteúdo do texto, associando-o ao gênero textual em que foi escrito (Carta do Leitor), pois entendemos que o trabalho em sala de aula com questões gramaticais deve acontecer em paralelo com o trabalho com leitura que envolve tanto a recepção quanto a produção de textos (OLIVEIRA; CEZÁRIO, 2007). Depois, devem fazer os alunos perceberem que o texto possui um forte teor avaliativo e de censura, que é perceptível tanto pelas próprias escolhas lexicais quanto pela utilização dos sufixos graduadores nominais, os quais são muito recorrentes.

Nesse caso, o docente pode explorar os diferentes propósitos de uso do sufixo *–inho* nas palavras destacadas no texto e, ainda, associar o estudo dos sufixos à manifestação da subjetividade do autor do texto, mostrando de que maneira os usos desses elementos mórficos no texto contribuem para a expressão da subjetividade. O professor pode comentar, por exemplo, que, em *boquinhas*, *mãozinhas*, *meinhas*, *cuequinhas*, *malinhas*, o autor faz referência tanto às pessoas que roubaram o dinheiro quanto aos meios utilizados para carregá-lo. Nesse ponto, em especial, o docente pode aproveitar e correlacionar o estudo do grau com dois outros tópicos vistos na educação básica: metáfora e metonímia. Pode explicar, por exemplo, que a alusão aos corruptos por meio de partes de seu corpo (*bocas* e *mãos*) envolve um processo metonímico, enquanto o ato de aproveitar-se e de roubar, referido por meio de *boquinhas* e *mãozinhas*, dá-se por meio de metaforização. Além disso, pode aproveitar para mostrar que, em *dinheirinho*, além de reforçar o sentido irônico do texto, o sufixo é utilizado para indicar que o valor roubado é bastante significativo. Tudo isso, claro, correlacionado ao sentido do texto e a seu propósito comunicativo.

Vale ressaltar que, para chegar à compreensão de muitas dessas questões e recuperar o propósito com que o texto foi produzido, atribuindo-lhe sentido, é necessário que o aluno

tenha um conhecimento prévio sobre alguns assuntos e fatos, como corrupção, os escândalos sobre desvios de dinheiro público e sobre meios utilizados para isso, além de, no caso em foco, ter conhecimento sobre o fato de políticos terem escondido dinheiro em meias e cuecas, além de transportá-lo em malas.

Diante disso, é necessário que sejam considerados, por parte do professor, os níveis de ensino e a maturidade da turma. Sabemos que o aluno do Ensino Fundamental não possui os mesmos conhecimentos do aluno do Ensino Médio e, por isso, é preciso que o docente desenvolva atividades adequadas ao seu público.

Outro ponto que pode ser explorado com os alunos, envolvendo o emprego de sufixos graduadores nominais, diz respeito ao fato de que alguns usos estão mais ligados à experiência concreta, enquanto outros voltam-se mais à abstração, conforme acontece na amostra a seguir.

(50) Falando em sem-marido, Sandra Bullock, 46, que despachou o seu exatamente uma semana depois de ganhar o Oscar no ano passado, continua sem par fixo, apesar dos boatos sobre uma certa aproximação com Ryan Reynolds, o ex de Scarlett Johansson. O longo rendado de decote nas costas de Scarlett, muito justo em pontos críticos, foi malhado pelos especialistas exatamente pelos motivos que deixaram o público masculino de olhos arregalados. Scarlett também não teve acompanhante na festa, mas no dia seguinte foi tomar café num clima **intimíssimo** com Sean Penn. Ninguém merece. (*Gente*, 9 mar. 2011, p. 65)

Após a leitura cuidadosa do texto com os alunos, considerando o propósito comunicativo do texto, o gênero utilizado, onde foi publicado, sugerimos que o professor mostre que, no caso em (50), *-íssimo* é usado para intensificar o sentido do adjetivo "íntimo", de modo a contribuir para intenção do colunista em avaliar a aproximação de Scarlett Johansson com Sean Penn, sugerindo que pode ser o início de um relacionamento amoroso. É importante que professor explique aos alunos que a intensificação expressa pelo sufixo referido decorre da associação de dois domínios distintos: o de quantidade e o de intensidade. E isso se dá por meio do mapeamento da ideia de quantidade (aumento do número de itens de um conjunto de coisas) na noção de intensidade (incremento de um aspecto, característica, qualidade), o que caracteriza um processo de extensão metafórica.

Tomando como base todos dos dados apresentados aqui, reafirmamos que o trabalho com elementos gramaticais, no caso do nosso trabalho, os sufixos graduadores nominais, deve

estar atrelado ao estudo do texto. Dessa forma, não podemos analisá-los isoladamente, fora de um contexto. Além disso, ressaltamos que, apesar de nosso trabalho ter enfocado apenas dois gêneros textuais, Carta do Leitor e Coluna Social, o professor de Língua Portuguesa deve trabalhar o uso dos sufixos graduadores nominais em gêneros textuais diversos, como por exemplo, a propaganda, a piada, o poema, a tirinha. A seguir, expomos uma amostra deste último gênero textual, em que ocorre um sufixo da natureza dos que estudamos, e que pode ser trabalhado em sala de aula.

Disponível em: https://morforyou.wordpress.com/2012/12/21/morfalda-e-os-afixos/

Esse é um exemplar que pode bem trabalhado em sala de aula. Vários aspectos podem ser explorados: a função social da tirinha, o suporte em que geralmente é publicado, o conteúdo do texto, os recursos linguísticos empregados na construção dos sentidos, como é o caso do uso do sufixo *–inho*, presente em *boazinha*. Notamos que esse sufixo expressa uma ideia afetiva, de carinho, que é perceptível pela utilização de outros elementos no texto, como as palavras *simpática*, *extraordinária*. Outra coisa que pode ser discutida com os alunos são as informações implícitas no texto, como, por exemplo, a ideia de que conviver com a figura do professor diariamente pode não ser muito agradável.

Correlacionar o estudo de questões gramaticais com as práticas de produção e recepção de textos não é tarefa fácil, mas possível de ser empreendida e com resultados, acreditamos, mais significados. Guiados por essa visão e baseados na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, procuramos, nesta seção, apresentar uma nova visão de estudo do grau em sala de aula, particularmente dos sufixos graduadores nominais. Reconhecemos, contudo, o quão é difícil mudar a realidade das aulas de Língua Portuguesa no Brasil, mas esperamos que nosso trabalho seja útil para, pelo menos, encorajar professores a implementar iniciativas de práticas que redimensionem o tratamento de fenômenos

linguísticos em sala de aula, conforme preceituam os documentos de orientação curricular nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos fazer um estudo da categoria grau, em especial, dos sufixos graduadores nominais. Procuramos identificar aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos que estão relacionados ao uso desses elementos. Para isso, adotamos como referencial teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso. Utilizamos como *corpus* de nossa pesquisa textos característicos dos gêneros Carta do Leitor e Coluna Social publicados na revista *Veja*, no primeiro semestre de 2011.

Fizemos um estudo da categoria grau considerando a abordagem tradicional e a perspectiva da Linguística. Com base nos estudos empreendidos por gramáticos como Bechara (2005), Cegalla (2008), Rocha Lima (2010) e Cunha e Cintra (1985), percebemos que as gramáticas tradicionais apresentam um estudo bastante limitado dessa categoria. Em contrapartida, os estudos linguísticos realizados por Basílio (1989), Gonçalves (2000) e Silva (2010) apresentaram uma discussão mais aprofundada a respeito do grau, apontando para diferentes funções decorrentes do uso de sufixos graduadores.

No tocante aos dados de nossa pesquisa, realizamos um levantamento de todas as ocorrências presentes nos gêneros textuais citados, contando com 675 colunas sociais e 124 cartas do leitor. No primeiro gênero, foram encontrados 124 usos de sufixos graduadores nominais e, no segundo, 34. Além da organização dos dados quanto aos gêneros textuais, utilizamos também para a quantificação dos dados, a proposta de conceitualização do grau proposta por Silva (2010) e refinada por Silva (no prelo). Percebemos que, nos textos da amostra, o grau intensivo foi o mais recorrente. Ainda, expusemos os casos de sobreposição de tipos de grau e verificamos que, nas cartas do leitor, a sobreposição do grau mais recorrente foi a do dimensivo com o avaliativo, enquanto que nas colunas sociais, prevaleceu a associação entre dimensivo e afetivo.

Na análise, observamos aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos que estão envolvidos no uso de sufixos graduadores nominais. Vimos que os sufixos podem expressar valores relacionados à dimensão, à quantidade, à hierarquia, à avaliação e à afetividade e que desempenham papel significativo na construção de sentidos dos textos em que eles ocorrem. Além disso, percebemos que alguns desses sentidos estão relacionados ao mundo biofísico enquanto outros se relacionam à abstração. Os conceitos mais abstratos

derivam de nossa experiência concreta e são construídos por extensão metafórica e/ou metonímica.

Mostramos também que existem outras questões fundamentais envolvidas no emprego dos sufixos graduadores nominais, que são as relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade. Notamos que quando os nomes a que se vinculam esses sufixos fazem referências a seres do mundo biofísico, o uso do o uso dos sufixos relaciona-se mais à objetividade. Outros usos dos sufixos graduadores contribuem para a manifestação da subjetividade do autor texto, enfatizando o ponto de vista defendido ou a avaliação, o julgamento feito. Além disso, alguns desses usos estão vinculados a relações intersubjetivas, no sentido de que estão implicadas as relações entre escrevente e leitor, para fins de persuasão, monitoramento da atenção, condução a um determinado ponto de vista ou atitude. Vimos ainda que esses elementos mórficos também atuam na organização textual-discursiva em termos de distribuição da ideias no texto.

Para finalizar nosso trabalho, reservamos espaço à discussão de como os sufixos graduadores podem ser trabalhados em sala de aula quando da abordagem da categoria grau. Para isso, tecemos algumas considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa baseado na concepção tradicional e caracterizamos a visão de ensino de língua fundamentada na abordagem funcional. Em seguida, mostramos como o grau é abordado nos livros didáticos de Língua Portuguesa na Educação Básica. Vimos que tanto nos livros do Ensino Fundamental como nos do Ensino Médio, o estudo do grau é bastante limitado e se restringe à classificação tradicional proposta em manuais de gramática conservadores. Por fim, apresentamos sugestões de trabalho com os sufixos graduadores nominais em sala de aula. Mostramos que o trabalho com questões gramaticais, em especial o estudo com sufixos graduadores nominais deve estar atrelado ao estudo do texto, envolvendo tanto sua produção quanto sua recepção. Nesse sentido, entendemos que esta pesquisa contribui tanto para o aprofundamento de questões relacionadas ao estudo mais amplo da categoria grau quanto para uma forma mais produtiva do tratamento de aspectos gramaticais em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BASILIO, M. **Teoria Lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 208-216.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Aspectos (inter)subjetivos no uso de sufixos graduadores nominais. In: Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 4, Natal/RN: EDUFRN, 2013. **Anais...** Natal/RN: EDUFRN, 2013, p. 80-90.

BOLINGER, D. **Meaning and form**. London: Longman, 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRÉAL, M. **Semantics**: Studies in the Science of Meaning. Trans. by Mrs. Henry Cust. New York: Dover. 1964 [1900].

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.

_____. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. v. 2. Mahwah, NJ: LEA, 2003, p. 47-87.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Análise funcionalista de procedimentos discursivos. In: PASSEGGI, L.; OLIVEIRA, M. do S. (orgs.) **Linguística e educação**: gramática, discurso e ensino. São Paulo: Terceira Margem, 2001, p. 55-76.

_____.; MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. de. (orgs.) **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

_____.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTATO DA CUNHA, M. A. (orgs.).

Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

_____.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino de português. **Gragoatá**, nº 36, p. 80-104. Niterói: UFF, 1º sem. 2014.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. vol. II, Amsterdam: John Benjamins, 1990.

_____. The functional approach to grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). T**he New psychology of language**. v. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998, p. 41-66.

_____. **Sintaxe**: an introduction. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. In: **Veredas** (Revista de Estudos Linguísticos), n. 9, jul/dez., p. 47-59, Juiz de Fora/MG: UFJF, 2003.

_____. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 149-168.

HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (ed.). **Perspectives on grammaticalization**. (Current issues in linguistic theory). v. 109. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 255-287.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

_____.; THOMPSON, S. A. Language universals, discourse pragmatics, and semantics. In: **Language Sciences**, v. 15, n. 4, p. 357-376. Great Britain: Elsevier Science, 1994.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: CUP, 1987.

_____; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____.; TURNER, M. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago/ London: CUP, 1989.

_____.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

_____. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. GEIM. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Col. *As Faces da Linguística Aplicada*).

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. v. 1.: Theoretical prerequisites. Stanford: SUP, 1987.

_____. Subjectification. **Cognitive Linguistics** 1: 5–38, 1990.

_____. Extreme subjectification: English tense and modals. In CUYCKENS, H.; BERG, T.; DRIVEN, René; PANTHER, K-U. (eds.). **Motivation in Language**: Studies in Honor of Günther Radden. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, p. 3–26.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

_____.; VORTE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcionalista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino** (UCPel), v. 10, p. 87-108, 2007.

OLIVEIRA, M. R.; COELHO, V. W. LingUística e ensino. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235-242.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

ROCHA LIMA, C. H.. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SCHIFFRIN, D. The management of a co-operative self during argument: The role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. (Ed.). **Conflict Talk**: Sociolinguistic Investigations of Arguments in Conversations. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 241-259.

_____. **Approaches to discourse**. Oxford: Blackwell, 1994.

SILVA, J. R. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticos nos processos de intensificação**. 307f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal/RN: PPgEL, 2008.

_____. Aspectos mórficos e semântico-pragmáticos do grau: uma proposta de contribuição ao ensino de Português. In: MARTINS, M. A. (Org.). **Gramática e ensino.** Natal: EDUFRN, 2013, p. 119-148.

_____. **O grau em perspectiva**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, no prelo.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Great Britain: Laredan Paper backs, 1992.

TOMASELLO, M. Introduction: a cognitive-functional perspective onlanguagestructure. In: _____. (ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. New Jersey: LEA, 1998, p.vii-xxiii.

_____. (ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. v. 2. Mahwah, NJ/London: LEA, 2003.

TRAUGOTT, E. C.. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K. et al. (eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 29-71. (Topics in English Linguistics, 66).

_____.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: CUP, 2002.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXO – Ocorrências com sufixos graduadores nominais

Seção *Gente*

Edição **2198** – 5 de janeiro de 2011

(1) Sublime mineirice

Surpresa: para manter a silhueta simplesmente de babar que exibe na capa da BOA FORMA, a atriz Ísis Valverde, 23 anos, a Marcela de *Ti-ti-ti*, em vez de ficar só bebendo água, como umas e outras alegam fazer, dá um duro danado. A dieta, com nutricionista, é praticamente de iogue profissional . Exemplo de "lanche": balas de algas e biscoito integral. Ísis também faz aulas de balé três vezes por semana e exercícios com o personal trainer Jeferson Braga. "Ela não reclama de nada e é muito decidida", elogia ele. Na novela, Ísis também tem de suar, metaforicamente para parecer convincente: além de se afastar do inafastável Caio Castro, ela troca o estilo **mineirinha** singela pelo papel de executiva. p. 98

(2) Será que o talento é de família?

Olhando assim, ela lembra uma certa menina-prodígio de ar angelical que apareceu em praticamente todos os filmes americanos com atrizes infantis dos últimos tempos? Com razão: Elle Fanning, 12 anos, é a irmã caçula de Dakota. Enquanto a irmã mais conhecida avança pela adolescência, Elle ocupa o seu lugar. O primeiro papel importante, depois de algumas pontas - com Brad Pitt, é verdade, mas pontas -, é no filme *Um Lugar Qualquer*, que estreia neste mês (pai relapso e decadente reencontra filhinha comovente; direção de Sophia Coppola, o que dá alguma esperança de que transcenda o lugar-comum). Filhas de pais ligados a esportes, as duas irmãs – nascidas na Geórgia, apesar de o nome da mais velha ser de outro estado - começaram cedo e, se superarem a barreira comum das crianças–prodígio irão longe. Dakota já provou ter talento de sobra, apesar da **carinha** e da **vozinha** de ET. Agora é a hora de Elle mostrar que meninas espertas vão longe. p. 98

(3) O bom velhinho ataca novamente

Era noite de Natal, mas a narrativa envolve **coelhinha** em lugar de renas. Durante a troca de presentes, Hugh Hefner, 84, fundador da revista PLAYBOY e eterno usuário de pijamas de seda, deu uma **caixinha** para a sua namorada, a modelo Crystal Harris, 24 (fizeram a conta?), capa da edição de dezembro da revista. E o que havia dentro. Nossa, um anel de noivado! "Crystal desfez-se em lágrimas. Foi uma noite memorável", contou, pelo twitter, o bom **velhinho**. Hefner já teve duas outras mulheres e, no começo de 2010, quando oficializou o último divórcio, afirmou que nunca mais se casaria. Será que overdose de **balinha** azul causa uma certa confusão ou depois de uma certa idade não faz diferença? p. 99

(4) O ninho já está preparado

Como Odette, a princesa transformada em cisne branco, ela é perfeita; como Odile, seu "outro" negro, faltam sal, pimenta, ketchup... Basicamente é essa a história vivida pela atriz Natalie Portman, 29, no filme *Cisne Negro*. **Dedicadíssima**, ela secou ainda mais a silhueta já etérea. Perdeu 10 quilos e mergulhou no mundo das sapatilhas para se sair bem como a bailarina tão obcecada pela perfeição que chega até a ... Bem, não vamos estragar a surpresa. Natalie teve aulas de dança com o dançarino e coreógrafo do New York City Ballet Benjamin Millepied (centopeia, ou mil pés, em francês; poderia haver um nome mais apropriado?). Aprendeu tudo tão direitinho que eles já fizeram ninho juntos. E tem um **cisnezinho** a caminho.p. 99

Edição **2199** – 12 de janeiro de 2011

(5) A garota de janeiro, fevereiro, março...
No seriado *Mad Men*, ela é Betty Draper, dona de casa sempre vestida à La Grace Kelly, cheia de classe e infelicidade. Já no anúncio da Versace, a coisa muda de figura. Apenas uma bolsa bem colocada separa a atriz January Jones, 33 anos, do figurino (ou falta dele) tipo "foto de folhinha" que seu nome e suas curvas demandam. Como é comum no meio artístico americano, January – o nome veio de uma personagem de um livro de Jacqueline Susann, autora de romances populares – escolheu uma causa para patrocinar. A causa em si é incomum, embora **justíssima**: a campanha contra a pesca predatória e cruel de tubarões, só para cortar as barbatanas e vendê-las no mercado chinês. p. 72

(6) Desta vez, nada de dar uma esticadinha
Ela nunca atingiu a categoria diva e fez poucos filmes, mas senhores de DNA antigo ainda reviram os olhos quando o nome Elsa Martinelli é evocado. Linda e sexy nos anos 60, a atriz italiana alcançou aquele estágio em que questiúnculas como idade são dispensáveis. "Setenta. Va bene?", avalia, embora outras versões falem em 75 ou 78. Frequentadora assídua do Rio, na última visita, "a trigésima", festejou no réveillon e encontrou amigos como o cirurgião plástico Ivo Pitanguy – amizade mesmo, nada de aproveitar para dar mais uma **esticadinha**. A relação é mais profissional com Rômulo Mêne, seu plástico há anos e com quem se consultou desta vez, mas só para comprar "uns **creminhos**". Va bene? p. 72

(7) Por conta da house
É um saci? É um duende? É um ET? As aparições de Amy Winehouse entraram para a categoria lenda urbana depois que ela, invertendo o histórico de atrasos homéricos, chegou ao Rio de Janeiro dois dias antes do previsto. Ao contrário do que faz em Londres e outras paradas onde desfila em variados estados de bagaceira, a cantora, que tem 27 anos e canta como se carregasse o mundo há séculos nos **ombrinhos** tatuados, trancou-se no Hotel Santa Teresa, uma espécie de capital mundial da caipirinha e suas variações, não é exatamente um lugar apropriado para temporadas de recolhimento, mas seis seguranças cuidaram para que Amy não enfiasse a sapatilha de balé na jaca. Ou será que a esta altura ela inventou a caipihouse? p. 73

Edição **2200** – 19 de janeiro de 2011

(8) Afinadíssima na estreia
Com corpo perfeito e os olhos mais azuis de Hollywood, Cameron Diaz nunca precisou ter grandes talentos interpretativos: bastava fazer uma versão engraçada de si mesma. Mas o tempo passa, a concorrência aumenta e as exigências de padrões absurdos de magreza parecem não ter fim no meio artístico. Na estreia em Los Angeles de *O Besouro Verde*, Cameron surgiu quase descarnada de tão magra. Nem o bronzeado das férias no México com Alex Rodriguez, **o bonitão** do beisebol (ex de Madonna e de Kate Hudson), compensou. Um espaguete duplo, por favor. p. 76

(9) Perfeitamente apertada
A marca vai lançar um daqueles abomináveis colantes modelares e precisa de uma modelo. Escolhe quem? A modelo Raica Oliveira, 25 anos, 56 quilos, 1,78 metro de altura e nada, absolutamente nada de gordura para disfarçar. Mas cabeça de mulher vive sintonizada em **dobrinhas**, mesmo que inexistentes. "Passei o Natal com a família em Niterói e engordei 1,5

quilo. Fiquei muito chateada. Mas foi porque ataquei muito a geladeira de madrugada", diz. Por isso, imagina que o colante "ficou meio apertadinho". Profissionalmente, foi bom: "Para fazer campanha de lingerie não pode ser muito magra. Eu estou até com um pouco de bumbum." p. 77

Edição **2201** – 26 de janeiro de 2011

(10) Caiu a máscara da madame da moda

Os queixos da moda caíram quando Carine Roitfeld, 56 anos e figurinos cada vez mais inadequados, anunciou estar deixando a direção da *Vogue* francesa para "fazer alguma coisa diferente". Sabe-se agora que ela foi saída. Ao ilustrar a edição de janeiro com três **menininhas** de 7 anos de salto agulha, maquiagem e poses provocantes, despertou justo repúdio dos anunciantes, inclusive Bernard Arnault, da LVMH, que ameaçou retirar toda a sua publicidade (meia *Vogue*, no mínimo). Durante uma década no cargo, Carine ficou famosa pela busca constante da ousadia. Aplicou o princípio à própria pessoa, em decotes, pernas de fora e, na festa dos 90 anos da revista, Givenchy transparente. Arruinou sua imagem em mais de um sentido. p. 82

(11) A Belle e o famoso quem? Wu?

Jane Austen é provavelmente a escritora mais abusada pelo cinema – volta e meia aparece alguma versão edulcorada de seus romances. A última tem um título engraçado, *From Prada to Nada*, e coloca patricinhas empobrecidas num bairro latino de Los Angeles. Foi inspirada em "*Razão e Sensibilidade"*. O lado bom é que uma delas é a redundantemente chamada Camila Belle, a meio brasileira, meio americana que causou na estreia do filme, de **terninho** preto e bustiê de fru-frus. A roupa é de Jason Wu, um dos muitos desconhecidos alçados à fama por Michelle Obama, e Camila tem provavelmente o único abdômen apropriado para salvar o conjunto do desastre. "Minha mãe era estilista. Quando eu tinha 19 anos me levou a Paris para ver Chanel e Dior, e tudo mudou", conta ela. O Wu é da turma? p. 83

(12) Quem não quer ser apresentado por ela?

O **biquinho** voluptuoso, as curvas sinuosas, saliências frontais sutilmente realçadas, tudo na pose composta para enfeitar a capa da próxima edição da revista NOVA combina com a próxima empreitada de Fernanda Lima, 33 anos: em fevereiro, ela volta a comandar o programa *Amor & Sexo*, na Globo, com a ideia nada fácil de falar sobre o assunto de maneira explícita, mas não escandalosa. "Uma das novidades é um quadro sobre gays. Queremos tratar o assunto de maneira leve", diz Fernanda. Modelo profissional, ela dominou a sessão de fotos. "Bá, ficou selvagem, né? Na hora da foto, foi um tal de pôr a mão assim, fazer bocão assado, sex appeal total", brinca. A beleza retumbante de Fernanda esconde um **segredinho**: ela dorme de aparelho nos dentes. p. 83

Edição **2202** – 2 de fevereiro de 2011

(13) Uma debutante e sete galãs

Qualquer festa de arromba de 15 anos hoje em dia tem de trazer um ator jovem da Globo para dançar a valsa com a debutante. Um? Pois o empresário Mauro Mendes e sua mulher, Virgínia, de Cuiabá, levaram logo seis (e mais um modelo, Caco Ricci). A filha, Ana Caroline, foi carregada, mimada e rodopiada por, entre outros, Daniel Oliveira, Kayky Brito e Caio Castro. Só de cachês, foram cerca de 150 000 reais. "Meu marido foi candidato ao governo do estado e, por causa da campanha, tivemos de adiar a festa. Então precisávamos fazer alguma surpresa especial", justifica Virgínia. O partido do desvelado **paizão**? PSB. Isso é que é socialismo. p. 73

(14) Cabala dos belos

Poucas admitem, mas muitas querem saber: de perto, a atriz Demi Moore parece mesmo ter uma década e meia a menos do que seus 48 anos? Para desgosto das invejosas, a resposta é sim, como comprovaram os comensais do almoço oferecido pelo jogador Ronaldo a Demi e o marido, Ashton Kutcher, 32. Até Fernando Henrique Cardoso compareceu. Como Ronaldo entrou em campo? A mulher dele, Bia, também é adepta de um conhecido guru cabalista, aquele da **pulseirinha** vermelha. Kutcher foi contratado para um desfile na semana de moda de São Paulo e aproveitou para fazer amigos – e levantar doações beneficentes, num circuito já percorrido pela cabaleira-mor, Madonna. p. 73

Edição **2203** – 9 de fevereiro de 2011

(15) Torneadas e abandonadas

Moças **tristinhas** por terem levado um fora do namorado, consolem-se: acontece nas melhores e mais bem torneadas famílias. Na semana passada, uma festa de aniversário reuniu duas delas, a aniversariante Sabrina Sato, 30, dispensada pelo deputado Fábio Faria sob alegações políticas ("Ele quer ser prefeito de Natal e está sem tempo"), e Mirella Santos, 28, despachada pelo cantor Latino por fadiga de material ("Quando dois corações querem viver em liberdade, a melhor coisa é a separação"). "Se não deu, não deu. Não adiantar insistir", conforma-se Sabrina. "Com certeza tem alguém prometido pra mim. Toda tampa tem a sua panela." p. 84

(16) Meu ex é um canalha

Emérita encantadora de milionários, a indiana Padma Lakshmi, 40 anos, ex-modelo, ex-mulher do escritor Salman Rushdie, apresentadora do reality show *Top Chef*, teria tudo para sair com fama de bruxa do processo movido contra ela por Adam Dell, 41, da família da Dell Computadores, pela guarda da filha dos dois, Krishna, 2. Ocorreu exatamente o contrário. Dell alega ter sabido da gravidez quando já haviam terminado, diz que Padma torcia para que o pai fosse Ted Fortsmann, seu novo e **riquíssimo** namorado (frustrou-a um exame de DNA), reclama que seu nome nem consta da certidão e que quase não vê a menina. Por vingança, pede a guarda total de Krishna. E fez questão de espalhar todos os detalhes do processo sigiloso. Pacote completo de canalhices. p. 85

(17) Parecem irmãs. Mesmo

Adolescentes sempre acham que o mundo é injusto e conspira contra elas. Imaginem o tamanho dessa aflição em Tallulah Willis, 16 anos, a caçula de Demi Moore, 48: postas lado a lado, mesmo cabelo, mesma pose, mesma ausência de marcas da idade, mamãe parece mais linda e até mais **magrinha** do que ela. Ainda por cima, ela escolheu um nome danado de esquisito para dar à filha. E o marido dela é o Ashton Kutcher. Fora isso, as duas parecem se dar muito bem, combinando roupa, sapato e até chapinha. E a visita ao Brasil, apesar de cercada de tumulto nos eventos públicos, deu tão certo que a família prorrogou sua estada. p. 85

(18) Pontos para Ponti

Chegar aos 76 anos como se vê na foto ao lado, só mesmo sendo Sophia Loren. Mas nem o peso dos anos a faz baixar a guarda. Na biografia autorizada *Uma Vida de Romance* ela apenas deixa entrever que seu casamento com o produtor Carlo Ponti, morto em 2007, teve um lado sombrio. O **ciumentíssimo** Ponti ia aos locais de filmagem onde Sophia trabalhava só para vigiar a concorrência. Até que tinha seus motivos, considerando-se que ela contracenava com alguns dos homens mais belos da história da humanidade. Mas Marcello

Mastroianni foi apenas “o mais maravilhoso amigo da minha vida”. E Cary Grant disparou à toa o “olhar quente e terno ao mesmo tempo”. O feio, **baixinho** e poderoso Ponti espantou todos. p. 85

Edição **2204** – 16 de fevereiro de 2011

(19) Expansão sustentável

Quem das duas beldades investiu no próprio crescimento sustentável? Acertou quem se desviou do óbvio e cravou, sim, nas esferas menos projetadas. Redondamente entrevistos sob um **maiozinho** de tule transparente numa noite de axé na Bahia, os seios da cantora Claudia Leitte, 30 anos, foram artificialmente incrementados, e ela não esconde: há cinco anos, colocou comportados 175 mililitros para estufar o decote. Já a cantora californiana Katy Perry, 28 anos, que num evento publicitário exibiu seus mal contidos atributos num decote até a cintura seguro por uma **telinha** transparente (modelo do libanês Georges Hobeika), informa que o crescimento foi autóctone. “Quando eu era menina, não sabia o que fazer com meus seios enormes. Cheguei até a usar faixa, para tentar diminuir”, contou. “Mal sabia que um dia eles iam ser tão úteis.” p. 88

Edição **2205** – 23 de fevereiro de 2011

(20) Produto de incubadora

No mundo de Lady Gaga, foi uma semana praticamente normal. Ela entrou na festa do Grammy dentro de um enorme ovo e dele saiu no palco, cantando a música que nem todas as fúrias infernais impedirão de se propagar, *Born This Way* (nascida assim). Na atual encarnação, Gaga tem cinco enxertos protuberantes no rosto (testa, maçãs e nariz) e dois nos ombros, além de garras no lugar de unhas. Assim ela apareceu em entrevistas de todos os programas importantes da TV americana. Seguindo suas exigências, nenhum entrevistador fez alguma referência aos tais **chifrinhos**. Gaga falou difícil: “Visual, temática e liricamente, *Born This Way* é o nascimento de uma nova raça, uma raça dentro da raça já existente”. Será que está querendo fazer parceria com Caetano? p. 72

(21) Cigarro, churrasco e striptease

Mal botaram o pé fora do aeroporto, no Rio de Janeiro, a modelo inglesa Kate Moss, 36, e o namorado, Jamie Hince, 39, trataram de acender seus **cigarrinhos**. Nem a proximidade da filha dela, Lila, 6, contou. Mas quem esperava uma Kate com aquela cara de quem só começa a sorrir a partir de 10 000 dólares se surpreendeu. Nas sessões de fotos no Rio e em São Paulo ela foi simpática, e no hotel até posou com funcionários da cozinha. Chegou a um rodízio avisando que queria carne e cumpriu: comeu dez dos treze tipos oferecidos. À noite, pé na jaca: foi a última a sair de inferninhos de striptease nas duas cidades. Sempre com o copo de uísque ao alcance da mão. p. 72

(22) Alguém aí falou em cofrinho?

Vale tudo para derrubar a concorrência nas festas de tapete vermelho, mesmo quando isso implica desafiar a lei da gravidade. Basta ver os por assim dizer vestidos usados por Elisabetta Canalis, 32 anos, apresentadora de TV italiana e namorada de George Clooney, e pela cantora Rihanna, 21. No palco do venerado Festival de San Remo, Elisabetta baixou a guarda num Roberto Cavalli provido de **bolsinho** para acomodar o microfone e esconder...bem, basta ver na foto. Rihanna provocou no jogo do mostra-e-esconde. O vestido era de noiva, de Jean Paul Gaultier. Notaram o branco virginal? p. 73

Edição **2206** – 2 de março de 2011

(23) Fraldas à parte, vem aí trielétrica

Em condições normais, Ivete Sangalo já vale praticamente por um trio elétrico inteiro. Às vésperas do Carnaval, a mulher vira uma espécie de tsunami ambulante. Com a forma recuperada, ela diz que vive recebendo elogios por ter seguido um esquema parecido com o das mães do mundo real: demorou um ano e meio, idade do filho Marcelo, para mostrar ao mundo – e na capa de NOVA – pelo menos um pedaço da barriga **lisinha**, lisinha. "Não fiz dieta milagrosa nem plástica nem nada dessas coisas", informa. Ivete tem babá, mas é capaz de "brigar na rua", segundo diz, em baianês, para trocar a fralda do menino. Que por sinal "já está botando quente e até falando proparoxítona". Dispensam-se traduções. p. 72

(24) Não chore por ela, argentino

Futebol é mesmo uma **caixinha** de surpresas: na Copa da África do Sul, em julho, a Espanha conquistou a taça e o zagueiro Gerard Piqué, 24 anos, conquistou a ondulante cantora colombiana Shakira, 34. Durante meses, entoaram o mantra do "apenas bons amigos", enquanto ela se desvencilhava com a elegância possível do eterno namorado argentino, Antonio de la Rúa. Entraves superados, o casal verticalmente oposto (ele mede 1,92 metro; ela 1,56) enfim apareceu de mãos dadas, em restaurantes e embarcando no jatinho dela para uma tarde em Berlim com gosto de despedida: nesta semana Shakira parte em turnê mundial que chega ao Brasil no dia 15. p. 72

Edição **2207** – 9 de março de 2011

(25) O carnaval do cinema

A festa do Oscar é chata, comprida, previsível e a cada ano tem menos audiência. Neste ano, a atração mais interessante foi um trêmulo senhor de 94 anos, Kirk Douglas. Por que então estamos falando nela? Oras, porque é como Carnaval: todo mundo dá uma **olhadinha**, em especial a parte feminina da população que adora analisar as roupas e concluir que a mais bonita é a mais magra. E que a **roupinha** meio assim foi daquela por quem todos os homens babaram. p. 64

(26) Como fazem as atrizes que entram no Oscar com uma roupa e aparecem na festa pós-cerimônia com outra? A modelo Camila Alves conta. Ela surgiu no tapete vermelho com um modelo que tinha quase nada em cima e muita coisa embaixo. Até o marido, Matthew Macconaughey, reclamou da saia excessivamente volumosa. Na saída, Camila voltou para o hotel onde estava hospedada e vestiu outra opção selecionada por sua stylist – a mesma de Gwyneth. "Era tão apertado que fiquei com medo de que rasgasse", conta Camila, que precisou de uma mãozinha da stylist para entrar no modelo de renda negra sobre fundo cor de pele. p. 64

(27) Aliás, a "cor sem cor" da moda, combinada ao etéreo modelo Marchesa e à **cinturinha** de menina de Halle Berry, 45, produziu provavelmente o resultado mais deslumbrante da noite. No dia seguinte, só o cabelo Joãozinho lembrava a fada de poucas horas antes. Uma das mais recentes integrantes do bloco das sem-marido, Halle foi ao supermercado com a **filhinha** vestida de mortal. p. 64-65

(28) Falando em sem-marido, Sandra Bullock, 46, que despachou o seu exatamente uma semana depois de ganhar o Oscar no ano passado, continua sem par fixo, apesar dos boatos sobre uma certa aproximação com Ryan Reynolds, o ex de Scarlett Johansson. O longo rendado de decote nas costas de Scarlett, muito justo em pontos críticos, foi malhado pelos especialistas exatamente pelos motivos que deixaram o público masculino de olhos

arregalados. Scarlett também não teve acompanhante na festa, mas no dia seguinte foi tomar café num clima **intimíssimo** com Sean Penn. Ninguém merece. P. 65

(29) Melissa Leo, 50, trocou o salto alto da entrada por sapatilhas bem **baixinhas** e assim subiu ao palco para receber o Oscar de melhor atriz coadjuvante pelo filme *"O Vencedor"*. Melissa tem doze tatuagens e deixou entrever no decote a favorita, "o passado azul da felicidade que mergulha no meu peito". Kirk Douglas deu uma **conferidinha**. p. 65

Edição **2208** – 16 de março de 2011

(30) As espécies em evolução
Não adianta comparar espécies adaptadas a diferentes ambientes. Para a passarela do samba, a mais apta é Valesca Popozuda, 31, que desfilou pintada de banana na mão de um king kong. "Queria seduzir o macaco, e não ser comida por ele", teoriza. O projeto de evolução da funkeira, que tem 970 mililitros de silicone de frente e outros 1 100 na retaguarda, neste ano, foi direcionado para as pernas. "Faço leg press com 300 quilos." Até para a passarela da moda, onde é perfeita, Gisele Bundchen, 30, estava esbelta demais: emagreceu 6 quilos por causa de uma infecção alimentar. E passou o desfile todo tentando esconder o que Valesca queria mostrar, esticando a barra do comportado **vestidinho** dourado. "Havia um modelo mais comprido. Ela escolheu o curto", diz a figurinista Rita de Cássia Alves, mulher do bambambã da Vila Isabel, fora de circulação por motivo de força **majoríssima**. E nem adianta perguntar com que medidas Rita fez a fantasia. "Há uma cláusula de sigilo que prevê multa de mais de 400 000 reais", diz ela. p. 77

(31) Raíssa Oliveira, rainha de bateria da Beija-Flor, escola que cantou e ganhou com Roberto Carlos, tem só 20 anos e 1,55 metro de altura. Mas carregou com categoria os 560 mililitros de comissão de frente e o peso da inveja do fã-clube de meia-idade (reparem na foto) sobre seu **corpinho** lipoesculturado. "O rei fala que sou linda. Não somos íntimos, mas criamos um vínculo". As iniciais na barriga dela e a linguagem corporal no beijo dele são...detalhes. p. 77

(32) Mesmo pelos padrões do Carnaval, foi um escândalo a roupa da cantora Sandy, 28: saiote no joelho, camiseta customizada deixando entrever uma íntima **alcinha**, mais uns 5 ou 6 centímetros de **pluminha** amarela na cabeça. "Ela só me deixou colar umas pedrinhas na blusa. Ficou meiga, mas tinha de ficar meigalinha!", esbraveja o estilista Walério Araújo. "Dane-se. Eu vou me vestir como quiser", fulmina a meiga de volta. p. 78

(33) Com 58 quilos, 2 acima de seu **controladíssimo** peso antes de engravidar de Vittorio, de 7 meses, Adriane Galisteu, 37, fez uma espécie de demonstração de que a luta pela vida é a causa de toda a variabilidade existente entre as variedades biológicas. Ou, simplificadamente, usou a mais despida fantasia de seus muitos anos de avenida. "Eu só estava com uma segunda pele por baixo da fantasia, e uma calcinha ficaria marcando", explicou. O que faltava no corpo sobrava na cabeça. O capacete da fantasia tinha 20 000 pedras e pesava 7 quilos. "Eu representava a luz dos lanterninhas do cinema." p. 78

(34) A cinta-liga da atriz Ellen Roche, 31, revelou o que nem a santíssima trindade do esplendor feminino (ginástica, drenagem e uma saladinha, por favor) é capaz de prevenir: **dobrinhas** e **furinhos** igualmente indesejáveis. **Lindíssima** de uma forma hoje quase extinta (nem silicone tem) e com umas das cinturas mais finas do Carnaval (57 centímetros; a título de comparação, a de Viviane Araújo mede 69), Ellen nem ligou para as saliências. "Sou uma mulher normal. Quando danço, aparecem uma banhas mesmo". Ou, como diria aquele senhor

lá do começo: “O homem ainda traz em sua estrutura física a marca indelével de sua origem primitiva. p. 79

Edição **2209** – 23 de março de 2011

(35) Ela é fogo na roupa
Em pé e vestida, ela é de tirar o fôlego. Mas nesta embasbacante posição, com olhos fechados, **boquinha** entreaberta e cobertura mínima, Rihanna, 33, é incendiária. “Pela primeira vez, não quero me livrar das minhas curvas. Me sinto sexy”, contou Rihanna, na edição de abril da *Vogue* americana, em que aparece fotografada por Annie Leibovitz. O que ela não contou: um, suas pernas estão no seguro; dois, tem uma “arquiteta de cabelos” só para cuidar das perucas; e, três, são catorze as tatuagens. A do pescoço é “flor rebelde”, e a do ombro, a data do aniversário de uma amiga. Nananão: Rihanna gosta é dos **fortões**. No momento, o ator Colin Farrell é quem cuida de controlar as labaredas. p. 80

Edição **2210** – 30 de março de 2011

(36) Segredo exposto
Depois de 35 anos de mistério, a dona desse charmoso **pezinho** decidiu revelar sua identidade e a história por trás de um dos pôsteres mais vendidos do mundo. A inglesa Fiona Walker pegou emprestados o vestido de uma amiga, o boné do pai e as **bolinhas** de seu cachorro (ela não era tenista) e, como toda jovem de 18 anos apaixonada pelo namorado, posou bem à vontade para o seu. No caso, um aspirante a fotógrafo, Martin Elliott. Hoje já falecido, ele vendeu a foto para a maior empresa de pôsteres da Inglaterra. A tiragem e as libras passaram de 2 milhões. “É a luz que deixa a foto tão bonita”, diz a nunca remunerada Fiona, 52. Sem contar, claro, as bolinhas. p. 90

(37) Uma é. Outra não
Zara Phillips, 29, é neta de rainha (Elizabeth II), filha de princesa (Anne) e louca por cavalos. Kate Middleton, 29, louca por roupas, vai entrar na família e, via futuro marido, William, ganhar o título de princesa. Algo mais em comum? Os casacos tipo trench coat da **britaníssima** marca Burberry. Na semana passada, as duas usaram modelos parecidos. Ambas também se casarão em breve. Zara, em julho, discretamente, com um jogador de rúgbi. Kate, em abril, em um evento para ficar na memória mundial. O casaco usado por Kate sumiu da loja online da Burberry em um dia. O de Zara, não. O motivo? Comparem as posturas. Os acessórios. Os custos. Uma diferença real. p. 90

Edição **2211** – 6 de abril de 2011

(38) Sua majestade, o ursinho panda
A quantas pessoas do planeta é concedida a dádiva de abraçar um filhote de urso panda? Agraciada, por motivos óbvios, a Rainha Sofia, da Espanha, 72, abraçou não só um, mas dois, os gêmeos Po e De De. Os **bichinhos** nasceram há sete meses no zoológico de Madri. Todo mundo sabe que a vida conjugal dos pandas é complicada – daí o uso da inseminação artificial para produzir as fofuras. Os cuidados maternais também não são lá essas coisas. Os veterinários tinham de trocar os filhotes a cada quatro horas, para que ambos mamassem. Na hora da foto, a coroada humana e o pequeno ursídeo entregaram-se de olhos fechados ao carinho entre espécies. p. 86

(39) Cuidado, Britney voltou

Com Charlie Sheen e Muamar Kadafi concorrendo como os malucos do momento, muita gente já havia se esquecido de Britney Spears, 29. Depois de dois anos fora dos palcos, ela ressurgiu com disco novo e o **corpão** dos bons tempos, fazendo o habitual jogo da carinha de santa e todo o resto de periguete. Para caber na hot pant (nome dessa calcinha-calçona), Britney baixou duas proibições: nem o namorado podia comer junk food, nem os amigos aparecer com bebida alcoólica. Firme na dieta de proteína, ela encarou até frango no café da manhã. Valeu a pena? p. 86

(40) Não é beijo. Ela está pedindo comida
Quando a modelo sul-africana Candice Swanepoel, 22, surgiu esquálida nas fotos da linha de biquínis daquela famosa grife de lingerie, parecia até que as imagens haviam sido manipuladas. Seriam possíveis coxas assim? E os quadris de boneca Barbie? "Estou feliz e saudável. Está tudo normal", responde ela. Candice, cuja cintura mede, oficialmente, 58 centímetros, é a principal aposta da marca americana no momento. Ao lado de Adriana Lima, 29, e Alessandra Ambrósio, 29, há mais tempo na casa e, por isso, com direito adquirido de ficar mais cobertas e até mais "**cheinhas**", a magreza extrema da **loirinha** é de cortar o coração. p. 87

(41) Um caubói moderno
No mundo do pessoal de bota, chapéu e cinto de fivela, ele já está ficando lendário. Sorocaba – nascido Fernando Fakris de Assis -, 30, que faz dupla com o simplesmente Fernando, é o autor da maioria dos sucessos do cantor Luan Santana. Além disso, empresaria artistas do estilo sertanejo universitário ("Em que falamos mais de amor, não de sexo e cachaça"). Dois deles, Henrique e Diego, despontam tocando em trios elétricos sertanejos (parece uma invenção infernal, mas existe). Sorocaba é tido como um empresário **durão**. "Quis comprar um carro novo, e ele disse que o meu ainda durava mais cinco anos. Depois, quis um apartamento, e ele me mandou ficar em hotel mesmo", conta Henrique. "Não pode sair torrando tudo o que ganha", explica Sorocaba sobre o estilo rédea curta. p. 87

Edição **2212** – 13 de abril de 2011
(42) Serena, a furiosa, está mais calma
Desde que conquistou, com a habitual fúria física, o título de Wimbledon em 2010, Serena Williams, 29, está fora das quadras. Um acidente aparentemente menor – cortou os dois pés em cacos de vidro dentro de um restaurante – resultou num caso grave de embolia pulmonar. A tenista teve de fazer uma cirurgia de emergência. A suspeita é que um coágulo de sangue tenha subido do pé direito, o mais machucado, para um de seus pulmões. Durante a recuperação, Serena fez um comercial de videogame. De collant preto, foi filmada beeeeem de perto jogando tênis. O contratante, no final, desistiu. Motivo: ficou "sexy demais". Será que as **marquinhas** de celulite apareciam? p. 76

(43) Natural até demais
A ex-chef de cozinha Mariana Maffeis, 28, filha da apresentadora Ana Maria Braga, é, segundo as palavras de sua mãe, "toda ecológica". Há dois meses, ela deu à luz Joana, de pé, em seu próprio quarto, com a ajuda de duas parteiras. Toda a epopeia, que durou catorze horas, foi acompanhada pelo marido de Mariana, o corretor de imóveis Paschoal Feola, 33, e pelas três **cachorrinhas** do casal. Joana não usa fraldas. "Aplico uma técnica americana chamada Elimination Communication", diz Mariana. "A nenê fica só de vestidinho e faz pipi à vontade." Mariana pôs na internet as fotos do parto e peitou as reações: "Não ligo para as críticas. Quero que as pessoas se encantem com o parto natural. Sou uma mensageira generosa". p. 77

(44) Eva está de volta ao paraíso
A parte boa: Eva Longoria, 36, não tem mais de falar no assunto divórcio (o ex, Tony Parker, fazia mil e uma traições, inclusive com a mulher de um amigo de time de basquete). A parte muito boa: ela está namorando o cantor Eduardo Cruz – irmão de Penélope; portanto, ótimos genes. Assim, toda saltitante, de **shortinho** próprio para mostrar seu talento, a atriz de *Donas de Casa Desesperadas* se animou a lançar um livro de receitas, na maioria de comida mexicana. No programa de David Letterman, fingiu até que o botão de cima do **casaquinho** abriu sem querer, deixando entrever o que usava por baixo: nada de nada. Letterman fez cara de embasbacado, mais ou menos a mesma expressão do fã que captou alguma coisa muito interessante na foto do celular. p. 77
Edição **2213** – 20 de abril de 2011

(45) Onça em pele de pastora
Depois que saiu da igreja Renascer, Caroline Celico, 23, mulher do jogador Kaká, anda cheia de novidades. A mais importante é que está para dar à luz Isabella (ela já tem Luca, de 2 anos). Além disso, suas opiniões sobre religião estão mais arejadas. "O que os fiéis buscam em um líder religioso é a simplicidade do dia a dia. Algumas pessoas se preocupam somente com a quantidade de gente e em fazer eventos enormes", reflete. Em um encontro com fãs em São Paulo, Carol anunciou que vai lançar um DVD religioso em maio e distribuiu quarenta peças de seu guarda-roupa "que já tinha usado na mídia". A calça de oncinha ficou. As **ovelhinhas** que se cuidem. p. 84

(46) Corra dele, corra!
Ela nunca foi **fininha**. Mas algo turbinou ainda mais as curvas da atriz Scarlett Johansson, 26. "Não estou grávida", apressou-se em explicar. "A camiseta justa é que deu uma má impressão", justificou seu agente. Só não existe explicação para sua queda pelo ator Sean Penn, 50. Aos três meses de namoro, os dois já estão morando juntos e juntos também dão um duro danado para ficar em forma. Scarlett, ao que parece, com mais dificuldade (olha o esforço das **mãozinhas** fechadas) e, claro, com mais estilo (que tal o tênis pink de **dedinhos**?). Com essa correria toda, talvez ela tire da cabeça que ele bate em mulher, espanca paparazzi e é amigo de Hugo Chávez. p. 85

Edição **2214** – 27 de abril de 2011

(47) Com o papai dá para comer pizza
Não é nada grave a crise financeira no clã Bundchen-Brady, como se vê pela **carinha** de anjo sapeca do pequeno Benjamin. Já que está sem trabalhar no momento, Tom Brady levou o filho de 1 ano e 4 meses para a pizzaria. Ele e mais dez atletas processam a Liga Nacional de Futebol Americano, pedindo aumento no repasse dos lucros. Em represália, a liga bloqueou os salários e proibiu os treinos. Brady, que tem contrato de 72 milhões de dólares por quatro anos, já passou um mês sem receber. Tudo bem: a mamãe ganhou 25 milhões só em 2010. Na hora da pizza, Gisele estava na academia. Alguém tem de trabalhar. p. 94

(48) Ele voltou. Juro, juro, juro!
Chico Anysio é o Fernando Pessoa do humor: cada pessoa tem preferência por um de seus alter egos (lembram-se do vampiro brasileiro, desnutrido e assustadiço?). Salomé, a **velhinha** gaúcha que fala por telefone com presidentes e é uma das favoritas do próprio humorista, reencarnou brevemente numa gravação que marcou a comovente volta dele à TV, aos 80 anos, depois de três meses internado com graves complicações cardíacas e pulmonares. Até a

piada meio **fraquinha** ganhou força. “Dilma, estou adorando seu governo. Juro, juto, juro”, diz Salomé, todo mundo sabe para quem. “Mas por que tantos juros?”, retruca a outra. E Salomé responde: “Pois é, presidente, para que tantos juros?”. p. 95

Edição **2215** – 4 de maio de 2011

(49) We want Kate, we want Kate
Kate não derramou uma lágrima sequer. Talvez, por ter feito a própria maquiagem, soubesse mais do que ninguém o estrago que poderia causar. Ou porque se sentisse no controle da situação, mesmo sabendo que tinha 1 bilhão – ou 2? – de pessoas olhando. Até William se sentiu tranquilizado quando precisou fazer uma **forcinha** para colocar a aliança, feita com ouro rosado de uma antiga pepita extraída de uma mina do País de Gales. Ficou um pouco menos vermelho do que sua farda de gala de coronel da Guarda Irlandesa. p. 97

(50) Como manda o protocolo, a Carole Middleton, 56, mãe de Kate, foi dado o direito de escolher a cor do vestido. Quis azul-claro (justo a cor preferida da rainha) e encomendou vestido e chapéu **carésimos**. Semanas antes da festa, achou tudo feio e comprou tudo novo em outro lugar. O tom e os bordados em passamanaria ficariam um pouco parecidos com os da madrasta do noivo, Camilla – isso, se as circunferências corporais não tivessem uns 30 centímetros de diferença. Pairando acima desses detalhes, a rainha Elizabeth II, 85, foi feito um sol: até raios saindo da gola tinha. p. 97

(51) Casada desde junho com seu ex-personal trainer, a princesa Victoria, da Suécia, 33, já foi anoréxica e também **gordinha**. No casamento real, apresentou seu novo visual: mulher-pêssego. p. 98
Normalmente **discretíssima**, a advogada espanhola Miriam Gonzaléz Durántez, 42, mulher do vice-primeiro-ministro Nick Clegg, rasgou a fantasia e apareceu vestida de Carmen de Bizet. A falta de prática talvez explique as linhas tristemente evidentes da roupa, por assim dizer, de baixo. p. 98

(52) Victoria Beckham, 37, quase conseguiu disfarçar a gravidez de seis meses, com o **vestidão** azul-marinho, da própria grife, of course. O que entregou foi o carinho do marido, David, 35, que entrou na Abadia de Westminster usando a medalha da Ordem do Império Britânico do lado errado do fraque e, avisado, corrigiu o engano. Não parece cena de Pigmalião? p. 98

(53) A **daminha** mais fofa foi Eliza Lopes, 3 anos, neta de Camila Parker Bowles. A avó a preparou para o grande dia lendo um livro infantil sobre um casamento real, no qual a personagem principal é uma **ratinha**. Na hora da sacada, o avô torto, Charles, levantou, a menina como se estivesse treinando para o esquadrão antibombas (o sobrenome dela remete ao antepassado, judeu português enricado na Jamaica, que ganhou título de nobreza na Inglaterra). p. 100

(54) O figurino espantoso da princesa Anne, 60, já era esperado. O tchan mesmo foi a marquinha da meia-calça lilás, combinando com o resto da obra. Está desculpada, Anne; não precisa fazer essa cara. p. 100

(55) O passado elegantemente revisitado
Kate queria que a avó do marido emprestasse algo bem discreto para ela usar no dia do casamento, mas, como a avó é a rainha Elizabeth II, a **coisinha** mais simples que encontrou na

arca do tesouro foi a tiara Scroll. Composta de arabescos de brilhantes, a jóia foi feita em 1936 pela Cartier, por encomenda, para a mãe da rainha. Elizabeth a ganhou de presente de 18 anos, mas nunca a usou em público. Emprestou-a à irmã Margaret, depois à filha Anne e agora a Kate, que a combinou com os brincos de brilhantes presenteados por seus pais. A tiara acentuou o ar comedidamente saudosista do véu colocado direto sobre os cabelos e do vestido com jeito de anos 50, muito comparado ao de Grace Kelly por causa das mangas compridas de renda sem forro. Apesar da grife transgressora – Alexander McQueen -, a estilista Sarah Burton baixou tanto o tom que o modelo com apliques de renda feitos a mão usando uma técnica irlandesa do século XIX e corpete com seios modelados, fechado por 58 botões, parecia até simples. Coisa de princesa. p. 99

Edição **2216** – 11 de maio de 2011

(56) Ela descansou a beleza
O volume de cenas em estado variado de desnudamento de Natalie Lamour, em *Insensato Coração*, tem sido tamanho que frequentemente Deborah Secco, 31, chega em casa às 5 da manhã. Dias atrás, baixou no hospital com sintomas de estafa (ela só dorme cinco horas, para ter tempo de malhar), piorada por uma infecção alimentar. Precisou tirar três dias de folga. No começo de junho, Natalie se casa com o mau de caráter Cortez – em termos novelísticos, a associação entre o mau caráter e a **bonníssima** de corpo é a que mais tem dado certo. Capa da revista BOA FORMA, Deborah diz que não quer mais falar de seu físico. Tem razão: ele já é metafísico. p. 80

(57) Com ela, o mundo fica cor-de-rosa
O sobrenome pomposo ela herdou do tataravô barão. Já o papel da **lindona** no último filme da trilogia *Transformers* e o primeiro lugar numa famosa lista de mulheres mais sexy do mundo, a modelo inglesa Rosie Huntington-Whiteley, 24, herdou da atriz Megan Fox. Com um tipo de beleza considerado perfeito da cabeça aos pés – passando pelo **lacinho** cor-de-rosa que desafiou as leis da física no baile anual de gala do Metropolitan, em Nova York -, Rosie começou como modelo de roupas de baixo, mas rapidamente foi promovida para o lado de cima: o das beldades que se movimentam e até falam diante das câmeras. Mesmo que só um **pouquinho**, como o namorado, o **fortão** e o **caladão** Jason Statham. p. 81

Edição **2217** – 18 de maio de 2011

(59) Menores e melhores
Depois de vender muita **calcinha** e sutiã para os outros, Gisele Bundchen, 30, resolveu usar o corpo – e, céus, que corpo – em causa própria: tem participação nas vendas de uma nova linha que leva seu nome. Antes do desfile, dispensou o robe de seda e passeou pelos bastidores em indumentária de trabalho. "Ela queria mostrar que está com tudo em cima; mesmo tendo comido meio pacote de bolacha doce enquanto se arrumava", conta um assessor. Com os seios ligeiramente diminuídos por causa da amamentação, aproveitou para passar outro recibo: "O de que não tem mesmo silicone", diz seu maquiador. Mordam os **cordõezinhos** de seda, invejosas. p. 94

(60) O segredo da sereia
Tudo o que os tabloides ingleses queriam era publicar fotos de Kate e William em lua de mel nas Ilhas Seychelles. Como não podem – a contragosto, fizeram um acordo de autocontenção -, viraram suas atenções para a dama de honra Pippa Middleton. Procuraram, pagaram e acharam fotos de 2006 mostrando a bem delineada **irmãzinha** caçula, que quer ser chamada

pelo nome original, Philippa (diz-se Fílipa), durante férias em Ibiza, ora mergulhando como uma sereia saxônica, ora em topless. Os Middleton exigiram que Pippa também seja preservada. Com razão: não se fala tanto de duas irmãs desde Maria e Ana Bolena, que se sucederam no leito Henrique VII. p. 95

(61) Bochechudinha, nunca mais
Cada mínimo movimento de Sarah Palin, a ex-governadora do Alasca, é avaliado à luz de uma pergunta: ela vai ou não concorrer à Presidência americana em 2012? Mas na semana passada quem deixou o país de queixo caído foi sua filha Bristol, 20. Ela reapareceu em público com um **novíssimo** maxilar em forma de lança, e contou que fez uma osteotomia sagital, cirurgia em que a mandíbula é serrada dos dois lados e aumentada com duas placas de titânio. O torturante procedimento é indicado para casos graves de desalinhamento dentário. Ou vontade irresistível de ficar com o rosto afilado e triangular que está na moda entre as famosas. p. 95

Edição **2218** – 25 de maio de 2011

(62) Para tudo que lá vêm eles
Desde que uniram suas formosuras para dar origem ao casal mais mesmerizante e prolífico desde o Novo Testamento, não se passou um único ano em que os fofoqueiros garantissem estar por um fio o amor de Angeline Jolie, 35, e Brad Pitt, 47. Pois, entra Cannes e sai Cannes, lá estão eles – belos, unidos e triunfais. Ela surgiu adornada por uma fenda sísmica e pela mais invejada das escoltas. Ele, fracassando mais uma vez na tentativa de ficar feio, apareceu de cavanhaque e **cabelão**, exigência da personagem de seu próximo filme (o mais recente, *Árvore da Vida* foi vaiado no festival). Já os óculos de lentes amarelas à moda mineiro chileno, eram puro estilo. Johnny Depp e Jude Law usaram um par igualzinho. p. 84

(63) Moderninha em tempo integral
A beleza exótica de Bruna Linzmeyer, 18, tem ajudado a tornar *Insensato Coração* um pouco menos **chatinha**. "Os olhos azuis são de um avô, alemão, e a bocona, do outro, que é negro", diz. A atriz deixou a pequena Corupá, em Santa Catarina, para estudar em São Paulo. Dotes dramáticos e tudo o mais detectados num curso de teatro, chegou à TV e, em dois anos, estreou no horário nobre. Sobre Leila, sua personagem **assanhadinha**, Bruna, cujo namorado tem 35 anos, fala: "Ela é como eu, uma menina-mulher madura, que lida com sexo naturalmente". Eunice (Deborah Evelyn), sua mãe interesseira e moralista, ficará mais natural também, em breve: terá um caso com um **rapagão** que gosta de sexo, digamos, heterodoxo. p. 84

(64) Um sorriso vale por mil palavras
A **barriguinha** já pede até calça elástica. Mas foi o sorriso radiante de Carla Bruni, 43, que dirimiu as últimas dúvidas. Sim, a mulher do presidente francês, Nicolas Sarkozy, 56, espera um bebê. Ou dois, como se murmura no Eliseu. Ela já tem um; ele, três. Como todos são meninos, Pal Sarkozy, o futuro avô babão, torce por uma petite, "tão linda quanto a mãe". Bien Sur, dado que o pai tem outras qualidades para legar – como a tremenda sorte que o acompanha. O bebê nasce em outubro, início da campanha eleitoral em que ele tentará um segundo mandato. Difícil saber quem está mais contente. p. 85

(65) Exterminou geral
A cada novo detalhe sórdido que é revelado sobre a separação de Arnold Schwarzenegger, 63, e Maria Shriver, 55, a imagem do ex-governador da Califórnia, ex-astro do cinema e **fortão**

profissional, toma nova pancada. O que já se sabe: ele traía a mulher com Mildred Baena, 50, que foi empregada da família por mais de vinte anos; as sessões de sexo ocorriam na cama do casal assim que a linda e delgada Maria, ex-jornalista da NBC e sobrinha do ex-presidente John Kennedy, saía para trabalhar; o filho de 13 anos que o ex-ator teve com Mildred nasceu cinco dias depois de Maria ter dado à luz o seu caçula. Por fim, o **valentão** só contou a verdade à mulher em janeiro, depois que ela descobriu tudo pela boca de Mildred. Mesmo diante de tão incisivas provas de culpa, o exterminador do próprio futuro recusou-se a sair de casa. Do hotel onde está instalada, Maria já contratou a melhor advogada de família da Califórnia. P. 85

Edição **2219** – 1º de junho de 2011

(66) Esquadrão familiar
Quando o ultrassom revelou que não eram um nem dois, mas três os **menininhos** a caminho, a apresentadora Isabella Florentino, 34, ficou em franco estado de catatonia. Aos quatro meses de gravidez e refeita do susto, está preparada para receber os bebês – gerados, conta ela, pelo mais tradicional dos métodos. Já calculou até o impacto ambiental da prole, bem como um jeito de reduzi-lo. "Serão 450 fraldas por semana. Então, vou plantar umas árvores para compensar." Também arquitetou um plano infalível para reconhecer os filhos ("pintar uma unha de cada um com esmalte diferente") e outro para pôr em prática no caso de bater o desespero: "Ligar para a Fátima Bernardes". p. 94

(67) Desejos sob controle
Chique até debaixo d' água e muito segura de si, como atestam os altivos e não tingidos cabelos, a ministra das Finanças francesa e candidata a número 1 do FMI, Christine Lagarde, 55, não bebe e não come carne, que na França faz dela praticamente uma asceta. O contraste com os instintos selvagens do ex-titular do Fundo e acusado serial de abuso sexual, Dominique Strauss-Kahn, é ponto a seu favor. Já os contra são: a acusação de que teria dado uma **forcinha** para que um amigo do presidente Nicolas Sarkozy recebesse uma **bolada** do estado e o fato de ser francesa. Um grupo de países que inclui o Brasil resmunga que está cansado de ver a panelinha européia dar as cartas no FMI. p. 94

(68) Sorry, Michelle
Em sua estréia oficial no Palácio de Buckingham, Kate Middleton, doravante chamada Catherine, a duquesa de Cambridge, mostrou que a lua de mel nas Ilhas Seychelles não acrescentou um mísero grama à sua real e **delgadíssima** silhueta. Já o abalo fashion que acomete a Inglaterra cada vez que ela balança a cabeleira em público atingiu proporções de catástrofe: o site da loja que vende o vestido escolhido para receber o casal Barack e Michelle Obama entrou em parafuso instantes depois de divulgadas as fotos da visita. Diante de tal fenômeno, a americana levou a pior. "Só meninas de até 6 anos posem usar rosa. E esse bolero não é vintage, é velho", fuzilou Liz Jones, a impagável colunista de moda do jornal *Daily Mail.* p. 95

(69) O adeus de Oprah
Foi em seu sofá que Michael Jackson revelou ter sido humilhado e espancado pelo pai na infância, Ellen DeGheneres declarou ser gay e um histriônico Tom Cruise pulou loucamente para provar seu amor por Katie Holmes. Ao longo dos 25 anos em que seu programa esteve no ar, Oprah Winfrey foi galgando os degraus da fama e da fortuna até atingir o inédito e espetacular patamar de uma das mulheres mais ricas do mundo e quase divindade no que se refere ao poder de influenciar a opinião pública – que o diga Barack Obama, o **amigão** que

ela apoiou nas eleições. Foi dessas alturas que ela comandou, na semana passada, seu derradeiro programa, em que chorou e disse à plateia: "Vocês foram o grande amor da minha vida". p. 95

Edição **2220** – 8 de junho de 2011

(70) Responda rápido: quem ela parece?
Existe um tipo de homem que se casa sempre com a mesma mulher – a matriz não muda, só diminuem os anos. O ator Leonardo DiCaprio, 36, adaptou a regra: é um namorador serial de loiras, lindas, altas e com o nariz cheio de personalidade. Ao abrir a boca para sugerir casamento, a titular é automaticamente renovada por outra, pelo menos três anos mais jovem. A atual, Blake Lively, 23, **atrizinha** da série *Gossip Girl*, tomou o lugar da modelo israelense Bar Rafaeli, 26, que, por sua vez, havia substituído Gisele Bundchen, 30. Parece que Bar e Blake tiveram um período inicial de superposição. Além do ti-ti-ti do namoro, Blake administra um **probleminha** de fotos nuas. Todas falsas, claro. p. 116

(71) A notícia demorou
É praticamente como se um país de médio porte elegesse uma mulher presidente pela primeira vez. Em 160 anos de história, o *New York Times* terá a sua primeira diretora de redação, Jill Abramson, 57. Ela já ocupava o lugar número 2, mas o **chefão** Bill Keller não dava nenhum sinal de que quisesse se aposentar. Jill chefiou a estruturação da operação on-line do *Times*, mas sabe que as notícias sobre a extinção da sua espécie – o jornal de papel – têm sido algo precipitadas. Casada, com dois filhos, foi atropelada em 2007 e ficou três semanas afastada, um recorde. Como prova de amor por Nova York, tatuou no ombro uma antiga ficha do metrô. p. 117

Edição **2221** – 15 de junho de 2011

(72) Festa da terceira idade
O que uma dupla aparentemente tão diferente fazia jantando em um restaurante em Nova York? Tem explicação: em seu aniversário do ano passado, Bill Clinton, 64, leiloou o jantar e quem o arrematou foi um amigo em comum entre ele e o rolling Stone Keith Richards, 67. O dinheiro foi revertido para a fundação do ex-presidente e, com a parte séria resolvida, os rapazes resolveram se divertir. "Eles pareciam estar se dando muito bem. Foram até abraçar o chef", disse um funcionário do restaurante. Quanto ao **saquinho** de papel, as apostas estão abertas: 1) sobra do jantar; 2) um **agradinho** para Hillary, coitada, sempre viajando; 3) alguma coisa que passarinho não bebe ou que Clinton não traga, mas que Richards não dispensa de jeito nenhum. p. 111

(73) Dá só uma sacada
É bem verdade que mesmo em quadra, de **camisetão** e rabo de cavalo, a jogadora da seleção brasileira de vôlei Sheila Castro, 27, já chama atenção. Produzida para ressaltar o 1,86 metro de altura, vira praticamente outra mulher. "Adoro minhas pernas", assume. "Como chocolate, risoto e doce de leite à vontade, porque não engordo", diz, e, "apesar das broncas do Bernadinho, não corto o cabelo de jeito nenhum". E quanto à escritura no pé direito? "Disso eu não falo mesmo", fecha-se. Especulação: é o trecho de um reggae romântico, feito para um amor secreto. Com a proximidade da Copa Pan-Americana, Sheilla só pensa naquilo: "Estou focada. Treino sete horas por dia." p. 111

Edição **2222** – 22 de junho de 2011

(74) Santa Angelina, doida Angelina
As excentricidades dela são conhecidas – uma das últimas é vestir a **filhinha** de menino e o **filhinho** de menina. Mas a atriz Angeline Jolie, 36, com certeza não rasga dinheiro. Nova estrela da campanha publicitária daquela marca francesa das **letrinhas** (com sua própria bolsa, já com as elegantes marcas do uso), ela posou numa onírica paisagem do Camboja, país onde adotou o primeiro filho, Maddox, 9. Parte do cachê de 10 milhões de dólares foi, humanitariamente, doada às vítimas dos tornados no Missouri, estado de criação do **maridão**, Brad Pitt. Angelina, as seis crianças e os respectivos professores particulares passam temporada na Ilha de Malta, onde Pitt grava um misterioso filme sobre zumbis. p. 92

(75) O exterminador de patrimônio
As notícias para o lado do ator Arnold Schwarzenegger, 63, não estavam nada boas. Além de ter de desmentir uma ex-namorada que andou dizendo que ele tem mais dois filhos não contabilizados, o **fortão** enfrenta a perspectiva de deixar a metade da fortuna de 500 milhões de dólares no escandaloso divórcio com Maria Shriver. Agora, ressurgiu em público a guatemalteca Mildred Baena, 50, a ex-empregada do casal, posando com Joseph, 13, seu filho com o ex-governador, para a revista *Hello*! E revelando que: 1. Schwarzenegger só soube da paternidade do menino no ano passado, embora a semelhança facial seja do tipo que dispensa o DNA; 2. ela "amava" o sujeito e, por isso, fez o que fez; 3. ajoelhada e em prantos, confirmou as suspeitas de Maria, que foi gentil, generosa e magnâmica com ela. Pronto, lá se vão mais uns bilhões. p. 93

Edição **2223** – 29 de junho de 2011

(76) Oscar de figurino-vertigem
A regra básica para diretores que divulgam filmes nada notáveis pelas qualidades dramáticas é exibir as beldades do elenco em vestidos-vertigem. Quanto menos elaboradas as obras, maiores as fendas e decotes, uma área de atuação feita sob medida para a mais nova candidata a mais linda do mundo, Rosie Huntington-Whiteley, 24. A modelo e atriz esteve no Rio de Janeiro para o lançamento de novo *Transformers* e foi até a um jogo Flamengo x Botafogo usando uma saia-cinto. Rosie substitui na série a encrenqueira Megan Fox, que o produtor Steven Spielperg mandou demitir depois de ela comparar o diretor a Hitler. **Biquinho** fechado, Rosie. p. 90

(77) Sua magreza é mesmo real?
Vida de princesa não é fácil. Pelo menos no caso de Beatrice, 22, a sempre malvestida neta da rainha da Inglaterra. A mãe, Sarah Ferguson, já foi pega em vários desvios de comportamento e agora chora as mágoas, contra pagamento para, para Oprah Winfrey. O pai, príncipe Andrew, quase conseguiu escapar da praga dos escândalos, até aflorarem inconvenientes proximidades com ditadores orientais e garotas profissionais. Para piorar, depois do advento de Kate e da irmã, Pippa Middleton, as princesas de sangue ficaram num longínquo segundo plano. Consolo: com "muita fruta e muita água" – as **mentirinhas** de praxe -, Bea emagreceu 13 quilos. Será que vai durar? p. 90

(78) Carão e gravatinha
Para seus padrões, John Galliano, 50, estava **comportadíssimo**. Como sabia que o mundo inteiro queria ver com que cara reapareceria, o demitido diretor criativo da Dior usou paletó, colete e plastron – essa gravata larga – de **bolinhas** (mas nada de tão vulgar quanto uma camisa) na primeira audiência do processo em que é acusado de insultos de natureza

antissemita. “Eu não me lembro de nada”, sussurrou diante da juíza. Desde a eclosão do escândalo, há quatro meses, fez tratamento de recuperação em clínicas nos Estados Unidos e na Suiça porque é “viciado em álcool, antidepressivos e remédios para dormir”. E **pobrezinho**, vivia sob muita pressão no trabalho. Falando nisso: o **cobiçadíssimo** posto na Dior continua vazio. p. 91

(79) Diga sua senha e retire-se
Ao se separar de sua primeira mulher, em 1993, o ator George Clooney, 50, anunciou: nunca mais se casaria de novo. Desde então, cada vez que uma nova namorada insinuava a palavra “casamento”, o **bonitão** evaporava. E, mesmo que ela não falasse sobre o assunto proibido, seu prazo expirava em coisa de dois ou três anos. No caso da **lindíssima** Elisabetta Canalis, 32, houve superposição das interdições. Foi só a validade vencer e a palavra maldita ser proferida numa infeliz entrevista que o tempo fechou no palacete de Clooney no Lago de Como. Nem bons amigos são mais. Como será que se diz “a fila anda” em italiano? p. 91

Carta do leitor

Edição 2198 – 5 de janeiro de 2011

(80) Começou mal o governo Dilma. Quando nossos representantes terão dignidade? Um senhor de 80 anos, Pedro Novais, pagou 2156 reais por uma **festinha** num motel em São Luís, com verba indenizatória (“Relaxa e Goza 2”, 29 de dezembro). E esse será o nosso ministro do turismo! Sugiro ao prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que lhe erija uma estátua em frente à falecida boate Help.” P. 38

Edição 2200 – 19 de janeiro de 2011

(81) Que a reportagem “o Quociente de beleza” ajude a minimizar o sofrimento daquelas que não nasceram “Angelinas Jolies”. Que elas se deem conta de que a beleza não se faz apenas de atributos estéticos, mas de um conjunto em que contam também o comportamento, a personalidade e o **jeitinho** de ser de cada um. É preciso ter a autoestima nas alturas e ser sábia para enaltecer as qualidades físicas e comportamentais.” p. 26

(82) Menos **boquinhas**, menos **mãozinhas**, menos **meinhas**, **cuequinhas**, **malinhas**, **continhas**, enfim, menos jeitinhos de tirar o **dinheirinho** do país para proveito próprio (“Que tal menos boquinhas?”, 12 de janeiro). Se Dilma conseguir só essa **façanhazinha**, já terá valido sua eleição. p. 26

Edição 2202- 2 de fevereiro de 2011

(83) Sou pai há menos de um ano e fiquei decepcionado com Rick Martin (“Amarelas, 26 de janeiro). Ele afirma que quer que seus filhos digam: “Meu pai é gay e ele é muito legal. Seu pai não é gay. Triste o seu caso”. Ora, quer dizer que, pelo fato de eu não ser gay, sou um pai menos legal que ele? Gostaria de mostrar a ele quanta felicidade e amor existe em uma família simples aqui do interior de Minas Gerias, um casal normal (homem e mulher) que tem uma **filhinha** e sem milhões de dólares que esse senhor tem. p. 29 e 30

Edição 2203 – 9 de fevereiro de 2011

(84) O casal é tão **bonzinho** que ficou enjoado. Não aguento vê-los. Quando eles aparecem na TV, mudo de canal. Se estão em uma revista, viro a página. Demorei 24 horas até conseguir mexer em veja. Os casais **mauzinhos** são muito mais divertidos. p. 40

Edição 2205 – 23 de fevereiro de 2011

(85) O caixa está estourado? Não é minha culpa. Paguei os meus impostos, doei quase cinco meses de meu trabalho a vocês (governo), sem falhar. Todos os meses, eu lia que a arrecadação de tributos batia recorde atrás de recorde. Mesmo assim, não vi ainda para onde foi o meu dinheiro, pois as escolas continuam péssimas, as rodovias caindo aos pedaços, os hospitais públicos em estado de calamidade, os aeroportos estão precários e, vira e mexe, uma região vive apagões. Se o serviço tivesse melhorado, tudo bem. Mas vejam só: para tirar um simples passaporte levamos hoje mais de um mês! Portanto, não me venham falar em "cortes profundos" nem em "dor". Eu aqui, que paguei tudo **direitinho**, e não foi pouco, não tenho nada com isso. Se houver sacrifício, que seja aí, entre vocês (governo), que devem saber o que fizeram com aquele **dinheirão** todo que eu lhe dei em suas mãos. Eu "tô fora"! p. 32

(86) O PT está infeliz, mas e a consciência? Um grande sofrimento me aflige há nãos, porque até hoje o PT finge ignorar o escândalo do mensalão, perpetrado por alguns dos seus integrantes. Ao ler a reportagem "Nunca fomos tão felizes' (16 de fevereiro), minha indignação reacendeu. É difícil compreender como essa assumida atitude de cegueira ética e de cumplicidade com a canalhice pode ser aceita e assimilada pela consciência de pessoas realmente honestas que permanecem filiadas ao partido – muitas poucas dali se retiraram por tal motivo-, mesmo depois de reveladas as vergonhosas atuações de seus principais expoentes. É possível para essas pessoas que, cabeça no travesseiro, lá no fundo de sua consciência mal anestesiada, uma **vozinha** débil e sufocada, embora nunca pronuncie a palavra mensalão, teime em repetir: "No entanto, aconteceu." Imagino que seja essa uma tortura das mais dolorosas, mas, sem sombra de dúvida, merecida." p. 37

(87) A reportagem "Nem ao vivo é melhor" (16 de fevereiro), que aborda o lançamento do site Google Art Project, mostra a importância dessa nova e revolucionária ferramenta. Agora, podemos perambular virtualmente dentro de alguns dos maiores museus do mundo e explorar detalhes de obras-primas em **altíssima** resolução. Embora todos ainda estejam maravilhados com essas possibilidades, certamente o Art Project também produzirá controvérsias. Sob o ponto de vista jurídico, diversas questões que envolvem direitos autorais ainda seguem em aberto. Afinal, a decisão sobre autorizar ou não a reprodução digital de uma obra em geral não cabe aos museus, que são apenas os seus proprietários/possuidores. Na verdade, somente os artistas ou os seus sucessores podem autorizar – ou proibir – cópias de suas obras que não tenham caído em domínio público, diretamente ou por intermédio de associações especializadas. Será que todos abrirão mão de ser remunerados por tais cópias digitais? Ou será que essa conta está contemplada no modelo de negócio do Google, direta ou indiretamente? Tal qual ocorreu no mercado editorial, muita polêmica vem aí? p. 37

Edição 2208 – 16 de março de 2011

(88) Na edição de 9 de março, sabemos que o filho de Diogo Mainardi disse que o brasileiro é porco (“O Brasil explicado para coelhinhos”). A jornalista Sandra Brasil ratifica essa constatação na reportagem “Os cabeças-sujas e seu mundinho”. Fazer valer “O fascínio do ão”, bem mostrado pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo, estou de acordo: somos mesmo um **povinho porcalhão**. p. 41

Edição 2211 – 6 de abril de 2011

(89) Belíssima, feminina, talentosa e audaciosa na busca pelos seus desejos, a atriz Elizabeth Taylor conjugou o verbo viver em todos os tempos e modos. p. 32

(90) Uma pintura! Essa foi a expressão que usei ao ver a capa da edição 2210. Elizabeth Taylor, simplesmente linda e adorável. Só consegui compará-la à igualmente **belíssima** capa da edição 1547 de Veja (20 de maio de 1998), quando perdemos o cantor Frank Sinatra.” p. 32

Edição 2213 – 20 de abril de 2011

(91) Escapou ao antenado jornalista André Petry indagar o brilhante canadense Don Tapscott (Entrevista, 13 de abril) sobre se o conceito da wikinomia poderá se estender para outros conceitos (wiki mais política) ou wikicracia (wiki mais democracia). A conectividade – que é o grande vetor da colaboração em rede – permite que se restaurem as ágoras, de onde, classicamente, emergiu a democracia. Antes as decisões da pólis eram tomadas nas ágoras ao cabo de renhidos debates (para os quais os mais afortunados podiam se preparar nas academias estudando arte retórica, lógica, sofismas), depois substituídos pelos debates entre representantes escolhidos no meio do povo, já que não cabia a todo mundo o direito de se manifestar. A web restaura essa possibilidade da democracia participativa, em que todos podem ouvir e falar. Se a sociedade brasileira precisa se decidir ou se posicionar sobre qualquer tema, ela não terá necessariamente de fazê-lo por um representante (vereador, deputado, senador) que historicamente se ocupa mais de seus privilégios de representante do que dos interesses dos representados, com **honrosíssimas** exceções. p. 41

Edição 2214 – 27 de abril de 2011

(92) Convivo há anos com o problema do bullying que meu filho sofreu em várias escolas, inclusive naquelas em que o nível social e cultural da turma era melhor, receptivo e inclusivo. Crianças sem rua para brincar sofrem ou praticam bullying nas escolas, porque é lá que lhes resta espaço para conviver com seus semelhantes. Veja acertou indicando sinais típicos de quem sofre bullying: resistência a ir à escola, taquicardia antes de sair de casa, insônia, tendência ao isolamento, crises de choro, perda da vontade de estudar...Sofrem os alunos novatos, os dotados de habilidades específicas, os melhores da turma, os tímidos e aqueles cujos traços físicos ou culturais – incluindo linguagem adulta – fogem do padrão. O pior bullying escolar provém dos professores, coordenadores e diretores que apenas punem os alunos que se rebelam, discutem e devolvem as agressões físicas ou morais. Esses protegem os antigos que iniciaram a desavença sem ser percebidos e enaltecem os **quietinhos** ou **comportadinhos**. Realmente, alunos desgostosos mudam de escola, mas a fama os persegue.

Isso se estende a clubes, onde várias mães e pais fazem de tudo para enaltecer a qualidade dos seus filhos e excluir os que são novatos ou diferentes. E acusam os pais que defendem seus filhos prejudicados pelo bullying de não lhes dar limites. p. 36

(93) Emocionante a entrevista com o padre Marcelo Rossi (20 de abril). Ele tem o dom de agregar multidões e isso pode ter causado descontentamento dentro da própria igreja. **Belíssima** a frase dele para repensarmos nossas vidas: "Aprendi com o sofrimento, a não remoer mágoas. Minha missão é buscar ovelhas, não é agradar a padres. p. 41

(94) Nas últimas edições, Veja vem alertando sobre o perigo a que estão expostos nossos **brasileirinhos**. A reportagem mais recente: "Professor terrorista" (20 de abril). Mas nossas autoridades estão muito ocupadas em esconder falcatruas. E o povo que espere! Qualquer coisa, depois eles mandam um helicóptero para derramar pétalas... p. 41

(95) Conheço a maioria dos aeroportos do Brasil. Em 2010, fiz mais de 140 voos; em 2011, devo superar os 150. Todos os aeroportos, sem exceção, estão com problemas nas áreas de embarque, desembarque, bagagem, filas enormes de raio x. É uma guerra comprar um **cafezinho** ou pegar um táxi, e por aí vai. Revoltantes, obviamente, são os aeroportos de Congonhas e Santos Dummont e os vergonhosos Galeão, Guarulhos em voo internacional que parou na pista por falta de finger, com filas monstruosas para passar pela Receita Federal, enquanto um ex-político passou na frente de todos... Em outra ocasião, ouvi de um piloto: "A senhora não imagina o medo que nós sentimos com a falta de confiança que temos nos controladores de voo do Brasil!" Quem diz que não passaremos vexame na copa de 2014 está atrás de uma mesa fazendo análises sem ter a experiência que eu, infelizmente, tenho. p. 45

(96) Concordo com a declaração do secretário-geral da Anistia Internacional ("Direitos humanos não são de direita nem de esquerda", 27 de abril). Mas, sabendo o que foi feito pelo comitê de Anistia no Brasil tenho dúvidas quanto à atuação da "Comissão da verdade". Vai ela investigar crimes cometidos pelos militares, como se do outro lado todos fossem **anjinhos**? p. 57

(97) Deliciei-me com o artigo de Lya. O mundo em que vivemos com tanta correria, responsabilidades no emprego, no lar, na rua, na faculdade ou onde quer que estejamos exige grande carga de compromissos. Ao ler essa matéria, pude me transportar para um ambiente verde, calmo, aconchegante, familiar, senti até o **cheirinho** de café saindo do fogo, vi árvores, ouvi o canto dos pássaros, senti o vento e enxerguei até a bela janela azul tão bem descrita por Lya. Quero plantar meu bosque, abrir minhas janelas e colher frutos em todos os campos da minha vida. Obrigada por alimentar minha alma. p. 52

Edição 2216 – 11 de maio de 2011

(98) A eleição dos membros do Conselho de Ética demonstrou a **podridão** que é esse atual Senado da República. Todos gargalhando nas fotografias, certamente debochando dos que os elegeram." p. 42

(99) Corajoso e **corretíssimo** o artigo "Cara presidente" (4 de maio), do jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Não é preciso esperar pela copa de 2014 para ter uma ideia do que vai

acontecer: basta visitar o aeroporto de Congonhas ou o de Cumbica num fim de semana. O Brasil fantasioso do "Ouro", como escreveu Pompeu, está sendo vítima de um ensandecido que raciocina pelos pés e, infelizmente, grande parte da população ainda o idolatra. Eta, **povinho**! Dilma tem nas mãos a oportunidade ideal para uma atitude drástica, mas que fortalecerá sua administração e livrará o Brasil de um vexame de proporções inimagináveis. p. 42

(100) Recife perdeu o fôlego não devido à preguiça de seus moradores ou de governos fracos. Isso ocorreu como consequência do declínio da indústria açucareira e do posterior crescimento da cultura do café, que encontrou terras excelentes em São Paulo. Foi por essa razão que o eixo cultural e econômico migrou para o sudeste. Fico muito feliz com o fato de que um acidente geográfico, uma costa com águas profundas ideais para a construção de um porto, tenha trazido novamente o foco da discussão econômica para Pernambuco. Que o Nordeste deixe de ser a região **coitadinha** e contribua cada vez mais para aumentar o PIB nacional. p. 49

Edição 2220 – 8 de junho de 2014

(101) A recente tentativa de assassinato da norma culta, perpetrada pelo livro "Por uma vida melhor", com a cumplicidade do MEC, ilustra com clareza o brilhante artigo "O profissionalismo como religião", de Claúdio de Moura Castro. Quem é "atendido" por qualquer serviço de telemarketing deste país sabe que o famoso **jeitinho** brasileiro e a lei de Gérson são, na verdade, grandes fraudes aplicadas por aqueles que desprezam a qualidade pelo ofício e a satisfação do contribuinte e consumidor, atrasando nossos indicadores de desenvolvimento socioeconômico. p. 42

Edição 2221 – 15 de junho de 2011

(102) A respeito da reportagem "Sacolas plásticas na mira", gostaríamos de esclarecer que o estudo encomendado pelo governo britânico sobre o impacto de diversos tipos de sacola mostrou que a **sacolinha** de plástico tem melhor desempenho ambiental em oito das nove categorias avaliadas. Ela também apresenta a menor geração de CO2, responsável pelo efeito estufa, em seu processo produtivo. p. 51

(103) Vivemos em nossa família exatamente o calvário tão verdadeiro da reportagem de VEJA. Depois de psicólogos, psiquiatras, internações, remédios **fortíssimos**...não adiantou. Veio o desinteresse absoluto pela faculdade, pelo trabalho. Tudo foi deixado sem remorso. Concluí que o verdadeiro indutor das drogas são os amigos na rua à espera de companhia para ficar em favelas se drogando, enquanto nós, em casa, estamos acordados, esperando... p. 34